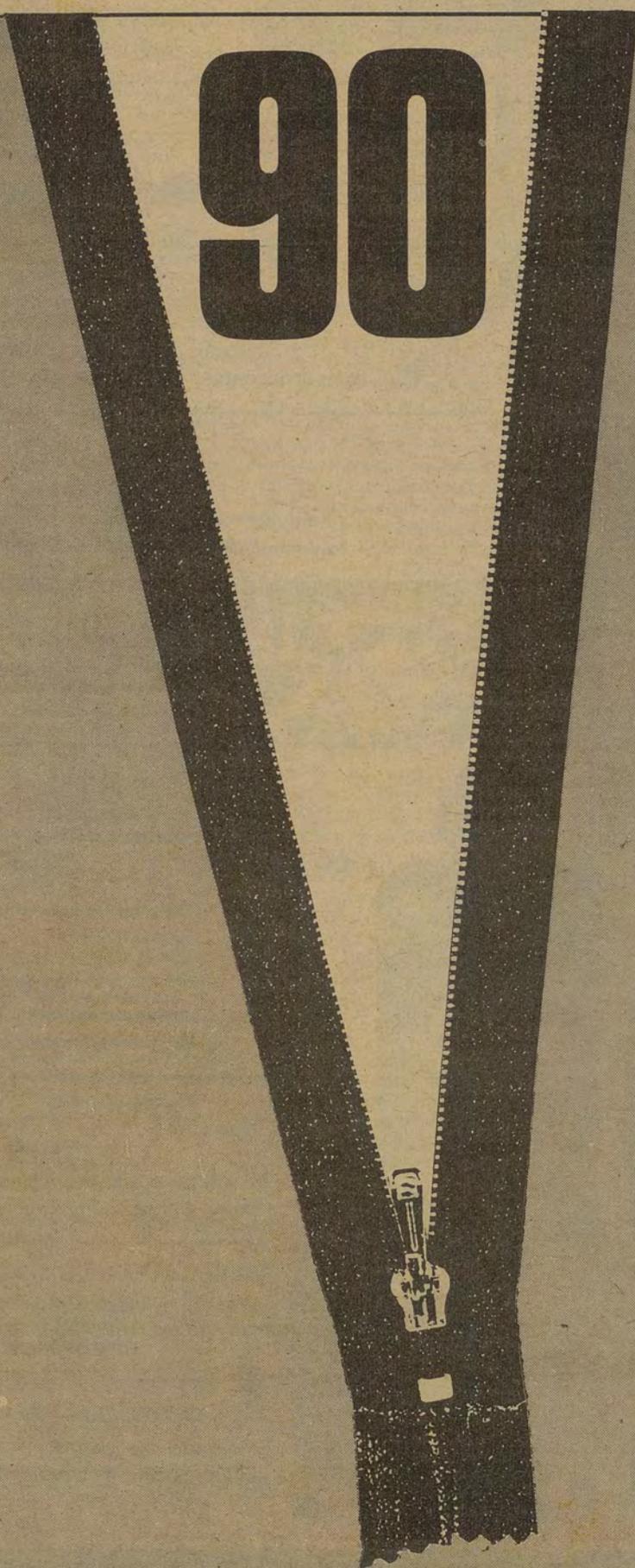


ZERRO

Florianópolis, 05 de janeiro de 1990



90

Esta edição
relembra
alguns fatos
marcantes
dos anos 80



**Melhor
Peça Gráfica
I e II Set
Universitário
Maio 88
Setembro 89**

ZERO

Jornal-laboratório do
Curso de Jornalismo da
Universidade Federal de
Santa Catarina

Colaboradores: professo-
res Cesar Valente, Sônia
Maluf

Coordenação: professo-
ra Neila Bianchin

Diagramação: Maria Te-
resinha da Silva, Nilva
Bianco, Robert Willecke

Edição: Geraldo Hoff-
mann, Maria Teresinha
da Silva, Rosemeri Lau-
rindo

Edição e supervisão: pro-
fessor Ricardo Barreto
Laboratório fotográfico:
Pedro Mello

Textos: Ana Iavratti,
Ana L.M. Coelho, Carla
Lavina, Elaine Tavares,
Frank Maia, Geraldo
Hoffmann, Ivan G. R.
Flores, Jacques Mick,
Karin Veras, Linete
Martins, Marcia Mo-
raes, Maria F. M. Gallot-
ti, Maria Teresinha da
Silva, Marta Moritz,
Murilo Napolini, Nilva
Bianco, Ozias Alves Jr.,
Pedro dos Santos, Rena-
ta Rosa, Robert Willec-
ke, Roberta M. Miran-
da, Rogério F. da Silva,
Romir Rocha, Rosemeri
Laurindo

Telefone: (0482)
33-09215

Telex: (0482) 240 BR

Telefax: 334069

Acabamento e impres-
são: Imprefar

Correspondência: Caixa
Postal 472, Departamen-
to de Comunicação, Cur-
so de Jornalismo, Fló-
riópolis, SC

Circulação dirigida
Distribuição gratuita

4/5

SEQUESTROS

Os políticos e os meramente policiais com suas implicações



6

SOCIEDADE CIVIL

Sindicalismo e movimento dos sem-terra foram os melhores exemplos



7

UDR

Análise de sua atividade nefasta e seu pior passo: a morte de Chico Mendes



8

PRESIDENTE ELEITO

Um perfil do conservador que venceu as diretas



9

FIM DAS DITADURAS

O reencontro da América do Sul com a democracia



10/11

AMÉRICA CENTRAL

As causas e os conflitos do "quintal" mais explosivo do imperialismo



12

NARCOTRÁFICO

Um problema que ameaça a democracia e a soberania de alguns países sul-americanos

13

UNIFICAÇÃO EUROPÉIA

Europeus aceleram glasnost com sua lição de unir economias em bloco



14/15

LESTE EUROPEU

As mudanças políticas exigidas pelo povo em vários países comunistas

CENTRAL

IMAGENS 80-89

Resumo de algumas imagens (e fatos) significativas dos anos 80



18 O PLANETA AGONIZA

Um quadro sombrio das principais agressões do homem ao meioambiente (e a si mesmo)



19

CHINA SUFOCADA

O massacre que curvou a sociedade chinesa



20

APARTHEID

A vergonha de 26 milhões de negros oprimidos por cinco milhões de brancos

21

ÁFRICA

A luta dos países africanos para libertarem-se do colonialismo

22/23

LÍBANO

Análise de uma guerra civil insolúvel que já dura 15 anos

24

JAPÃO

Japoneses superam americanos com sua economia sofisticada

25

AIDS—SIDA

Quadro da doença que mudou comportamentos e permanece sem cura

26

COMPORTAMENTO

Enquanto meio ambiente se esfaca, homem revaloriza o corpo e o espírito

27

ARTES PLÁSTICAS

Abstracionismo marcou a arte dos anos 80

28

QUADRINHOS

Revolução temática e de linguagem reflete o cinismo da era contemporânea

29

CINEMA

Escapismo e faturamento livraram grandes estúdios da ruína

30

MÚSICA

Rock brasileiro contestou, ganhou mercado e atingiu a maturidade

31

REBELDE COM CAUSAS

Mais que antes, o rock lutou contra a fome, a opressão e pelos direitos humanos

32

IMAGENS 80—89

Fotografias-síntese que revelam o melhor e o pior da humanidade

Povo derrota ditadura nas ruas

Da anistia às diretas-89, na mira do Urutú

As eleições presidenciais marcam exatamente o término de uma década que, desde seu início, foi acumulando fatos políticos que construíram com muita luta o último dia 17 de dezembro. Não foi mera coincidência que aquele que abriu a década, em 1980, sendo preso e condenado por liderar uma greve de 42 dias deflagrada pelos metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Santo André (SP), iria fechar esta mesma década disputando a Presidência da República.

Apesar da prisão de Lula, no começo dos anos 80 as portas do Brasil estavam abertas. Em junho do ano anterior Figueiredo encaminhou ao Congresso Nacional o projeto de anistia (embora restrita e decidida somente após o desaparecimento e morte de 400 brasileiros e mais de uma década de movimento pró-anistia). Na verdade, as portas abertas convidavam mais a deixar o país. No início da década os militares já haviam atolado o Brasil na maior crise de sua história: má distribuição de renda, endividamento externo, concentração da propriedade da terra, ausência de liberdades essenciais... Isto tudo embalado pelo argumento de que o Brasil via seu PIB crescer, que se desenvolvia industrialmente e por aí.

Com a insatisfação popular tomando conta, o Governo resolve fragmentar a força de oposição (até então resumida ao MDB, contra a Arena) e, em 1980, determina a reforma partidária. Surgem então o PDS, PTB, PDT, PT, PMDB e PP, que posteriormente fundiu-se ao PMDB.

Mesmo com o processo de abertura, acontece em 1981 o atentado terrorista de direita com o mais escandaloso processo de acobertamento. No dia 30 de abril o destino se encarregou de explodir, antes da hora, a bomba carregada pelo sargento Guilherme do Rosário e o capitão Wilson Machado, que estavam no interior de um Puma no estacionamento do Riocentro no Rio de Janeiro, durante o show de música popular liderado por Chico Buarque, em comemoração ao 1º de maio. O Riocentro apenas culminou com a onda de atentados terroristas. Bancas de jornais que vendiam publicações alternativas já haviam sido mandadas para os ares. Em agosto de 80, entre várias vítimas feitas por outros atentados, foi dilacerado o corpo da funcionária da OAB, Lyda Monteiro da Silva no momento em que abria uma correspondência endereçada ao advogado Eduardo Seabra Fagundes. No mesmo dia o jornal Tribuna Operária já experimentava igualmente os efeitos de uma bomba



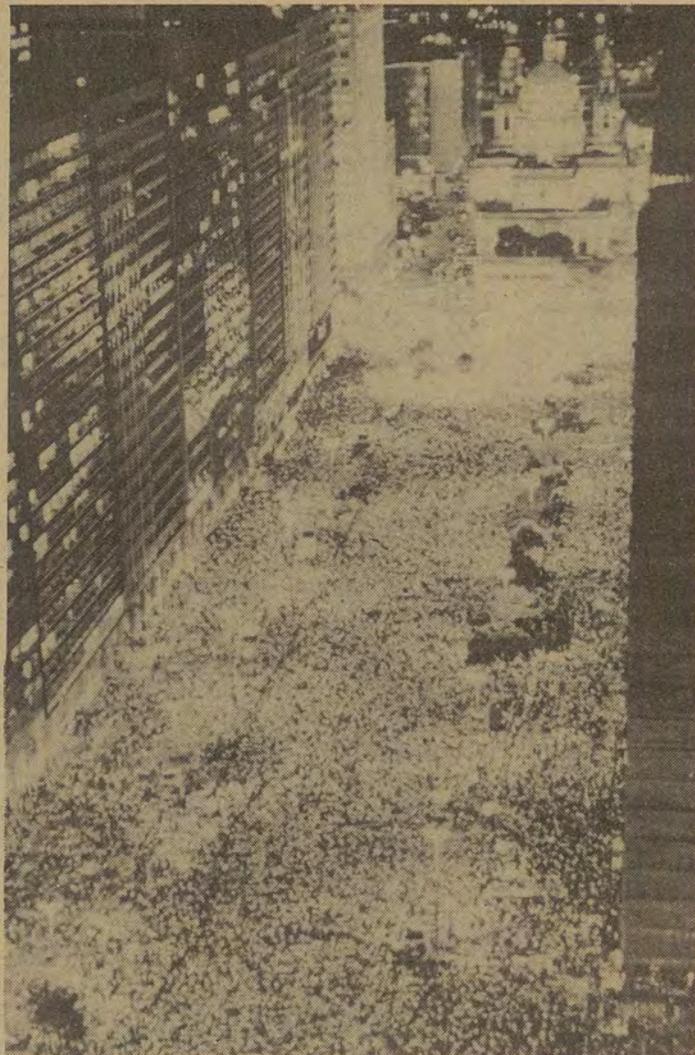
Tancredo: esperança em vão

e nem o conservador Jornal O Estado de São Paulo escapou, para servir como obra que pudesse ser atribuída aos comunistas.

Diretas já — Ainda sob o regime militar, a oposição obtém maioria na Câmara Federal em 1982 e conquista o Governo de dez estados (PMDB nove e PDT um). Como uma bola de neve a sociedade vai se organizando e em 1984 as manifestações por eleições diretas para presidente da República varrem o país. Em 16 de abril de 1984 o auge, com 1,7 milhão de pessoas gritando "diretas já" no cofício do Vale do Anhangabaú, em São Paulo. Antes de 25 de abril mais de seis milhões de pessoas tinham saído às ruas. Nesta campanha um destaque para Luis Inácio Lula da Silva, Teotônio Vilela (que morreu no dia do primeiro comício, em 27 de novembro de 1983), Ulysses Guimarães e Leonel Brizola.

No dia 24 de abril de 1984, em meio a medidas de emergência, censura prévia nas telecomunicações do país inteiro e intervenção a entidades classistas e várias proibições na capital Federal o Congresso Nacional rejeita a emenda Dante de Oliveira, que restabeleceria as eleições diretas para presidente da República. Num retrocesso histórico, as forças partidárias articulam-se e o senado aprova em outubro do mesmo ano a regulamentação do Colégio Eleitoral, onde cada membro votaria por 122 mil e 796 eleitores. Surge aí o PFL que alia-se ao PMDB para lançar Tancredo Neves à Presidência pela Aliança Democrática, que conta ainda com apoio do PDT e PTB. O Colégio Eleitoral foi definido, a princípio, para favorecer o Governo, pois ninguém previa o esfacelamento do PDS.

Na noite de 15 de janeiro de 1985 pela primeira vez, após 20 anos, a Globo usava a expressão Regime Militar, para anunciar a vitória de Tancredo Neves sobre Paulo Maluf. Aos 75 anos, na véspera de sua posse, Tancredo cai enfermo com tumor benigno infeccionado no intestino e depois de 39 dias no hospital e sete intervenções cirúrgicas, morre. Assume Sarney, o vice, que até seis meses antes fora dirigente máximo do partido do Governo Militar. Reconheceu alguns direitos, inicialmente, como os partidos até então clandestinos, as eleições



Diretas Já: um grito de milhões ignorado



Riocentro: não seria o último atentado da ultradireita

diretas para prefeitos das capitais e o voto dos analfabetos.

CONSTITUIÇÃO

Começa a ser desenhada a oitava Constituição Federal. Ao contrário da constituinte exclusiva reivindicada pelo movimento social, o Brasil recebe um Congresso Constituinte. Em 1986 uma comissão de 50 notáveis juntamente com Afonso Arinos já havia preparado um anteprojeto. Do outro lado, a OAB pedia participação mais ampla da sociedade na Assembleia Nacional Constituinte.

Governo Federal, empresários urbanos e rurais articulam na Assembleia Nacional Constituinte o centrão (PMDB, PDS, PFL e PTB principalmente), que tem seu projeto próprio para a Cons-

tituição. Na primeira fase as entidades populares e sindicais chegaram a participar através de emendas populares e audiências públicas. Nas votações recebem uma rasteira e resta aos constituintes identificados com os interesses dos trabalhadores denunciar o perfil conservador do Congresso Constituinte. Mesmo assim foram garantidas conquistas como o direito de greve, turno ininterrupto de seis horas, aposentadoria com salário integral, direitos trabalhistas iguais para trabalhadores urbanos e rurais, além de outros. O Centrão, por seu lado, foi vitorioso na questão da Reforma Agrária, estabilizada no emprego e jornada de 40 horas. E Sarney conseguiu adiar por mais um ano as eleições dire-

tas, após ameaças, trocas de favores políticos e distribuição de concessões de rádios e TVs por cinco anos de mandato. Isto tudo promulgado em 5 de outubro de 1988.

DECLÍNIO DO PMDB

— Após o congelamento de preços de 1986 o PMDB transformou-se no maior partido do país, elegendo 22 governadores, 42 senadores e 261 deputados federais. Mas com políticos de direita, liberais de centro e uma parcela dita progressista mas que, na verdade, até agora não apresentou propostas objetivas neste campo, o PMDB foi ao poço. Aumenta a crise do país. Em 9 de novembro de 1988 operários grevistas da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, são mortos por militares. Nas eleições municipais de 15 de novembro é a vez do crescimento do PDT e a estrela do PT sobe com a vitória de cidades importantes como São Paulo, Porto Alegre e Vitória.

1988 terminou com a corrida dos candidatos a candidatos à Presidência da República. Em abril de 1989 Sarney comanda um Governo cuja política econômica está fracassada e necessita de apelos. Assim, avança com uma ofensiva política ideológica para isolar as forças de esquerda (especialmente o PT) e em 27 de abril ocupa as TVs em rede nacional para inaugurar uma nova expressão: o grevismo selvagem. No dia 13 de maio, Lula realiza o primeiro comício de presidencial, numa festa em São Bernardo do Campo. Naquele mês, uma bomba havia derrubado o monumento levantado como símbolo e homenagem à luta dos trabalhadores mortos em Volta Redonda.

A campanha presidencial segue rumo dirigido pelas pesquisas eleitorais. No princípio criou-se o monstro Brizula, aterrorizando a classe dominante. Contudo, já estava no processo de engorda outro monstro, este contra a população brasileira, que chegou a ser considerado fenômeno, simplesmente por provar que é real o poder exercido pelos meios de comunicação. A Rede Globo de Televisão apostou tudo em Fernando Collor de Mello. Envergonhados com o candidato adotado por Roberto Marinho, os defensores da estrutura capitalista brasileira resolveram patrocinar outros nomes. Quisera inclusive tornar presidencial o animador de televisão e proprietário do SBT, Sílvio Santos, que em umas três aparições da propaganda eleitoral gratuita (depois teve a candidatura rejeitada pelo TSE) insistia em dizer que não entendia nada de política. A esquerda também quis marcar presença com várias possibilidades. E assim chegou-se a 15 de novembro com 21 opções. Collor e Lula saíram vitoriosos. O resto, você já sabe...

Rosemeri Laurindo

Seqüestro dá votos para Collor

Mídia dá destaque a especulações sobre as origens dos autores

O desfecho do seqüestro do empresário Abílio Diniz, vice-presidente do grupo Pão-de-Açúcar, pode ter favorecido a eleição de Fernando Collor de Mello (PRN). O candidato, que na campanha ao segundo turno reforçou seu discurso anticomunista assumindo nítida postura de direita, "contra a baderna, as bandeiras vermelhas, a anarquia", capitalizou os resquícios políticos desse fato policial.

As vésperas do turno decisivo da eleição presidencial emissoras de TV e rádios de todo o país começaram a acompanhar passo a passo, detalhe por detalhe, as investigações e negociações que cercaram a descoberta do esconderijo onde os seqüestradores mantinham, desde 11 de dezembro, Abílio Diniz preso. A polícia divulgou — e os meios de comunicação e os partidários de Collor trataram de massificar — que os seqüestradores diziam pertencer ao Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR), do Chile. Quase ao mesmo tempo também era informado que na casa de um dos envolvidos havia material de campanha da Frente Popular, de Lula e a agenda apreendida continha nomes de dirigentes nacionais do Partido dos Trabalhadores (o PT de Lula).

No dia da eleição, 17 de dezembro, durante quase duas horas ininterruptas, redes nacionais de televisão mantiveram imagens ao vivo da praça em frente à casa onde estavam Diniz e alguns de seus seqüestradores. Nas urnas, 82 milhões de brasileiros depositavam os votos que dariam vitória a Collor, por uma margem pequena de pouco mais de 5%. O impacto da descoberta dos seqüestradores e das negociações para libertação do empresário foi, sem dúvida, muito forte. Assim como foi forte o esforço para extrair, do episódio, conotações que pudessem reunir, na cabeça e no coração dos eleitores, a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva — de esquerda — e o seqüestro. A divulgação massiva — rádios do interior de SP dedicaram espaços anormalmente generosos às informações sobre o seqüestro e às especulações sobre as origens e motivações de seus autores e panfletos foram distribuídos nos locais de votação — tratou de esconder fatos como o denunciado pelo cardeal arcebispo de São Paulo, o catarinense Dom Paulo Evaristo Arns (um dos negociadores da libertação do empresário): ele disse ter ouvido, de um dos seqüestradores, a informação de que alguém da polícia tentara fazer com que ele vestisse uma camiseta com propaganda de Lula, para o momento em que fossem levados para diante da casa, na praça onde estavam as câmeras de TV, fotógrafos e repórteres.

Pesquisa
Linete Martins



Julio Bernardes/Isto É-Senhor

Diniz: Experiência "que não desejo pra ninguém"

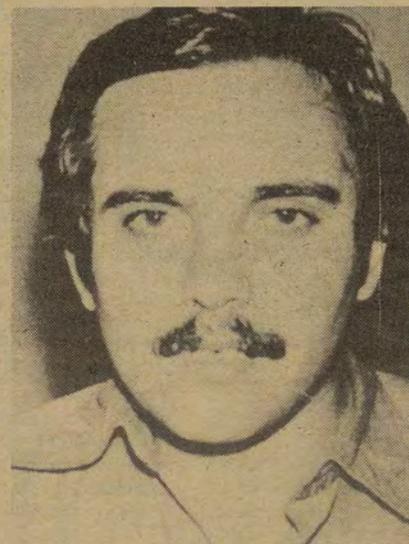


Irmo Celso/Veja

O seqüestro de Diniz foi usado por rádio e televisão, numa cobertura incomum e suspeita, quando o País estava voltado para as eleições



Ricardo Chaves/Veja



Hinz Prellnitz/Veja

Lilian Celiberti, Universindo Diaz (uruguaios) e Baungartem: seqüestros políticos desmascarados e impunes

Ricaços atraem seqüestradores

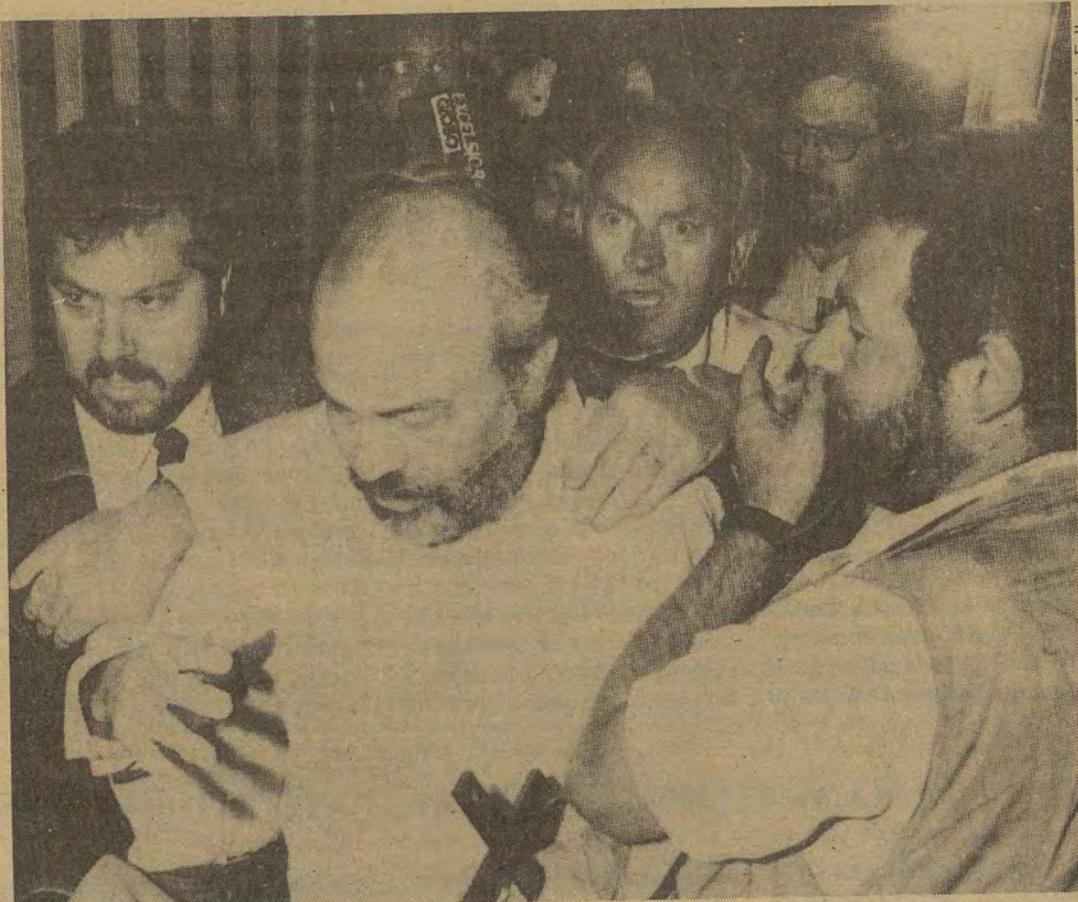
A onda chegou a SC e atingiu o grupo Perdigão

Na versão oficial, consta que o grupo de seqüestradores — composto por chilenos, brasileiros, argentinos e canadenses — poderia ser responsável pelos últimos dois grandes seqüestros acontecidos neste ano. Segundo a polícia, o empresário Luiz Salles, 55 anos, foi seqüestrado pelo mesmo grupo que teria mantido Abílio Diniz desaparecido por uma semana. Salles ficou desaparecido durante 65 dias entre julho e outubro de 1989 e o seu resgate custou US\$ 2,5 milhões. Também há a suspeita sobre a relação desses dois seqüestros com o de Antônio Beltran Martinez, 60 anos, que era vice-presidente do Bradesco, em novembro de 86.

No dia 17, o jornal Folha de São Paulo dedicou um caderno exclusivamente ao seqüestro de Abílio Diniz e trouxe um levantamento sobre a incidência de seqüestros de empresários no país. O jornal cita o seqüestro do empresário José Mindlin, principal acionista da Metal Leve, em 11 de dezembro de 1985, quando foi exigido o resgate de Cz\$ 500 milhões. Antes disso, em 83, o joalheiro Américo Moreira dos Santos ficou em poder dos seqüestradores por 37 dias e o resgate foi de CRz\$ 170 milhões. Em 86, foi se-

questrado o empresário Osório Bachin, em São Paulo. Foi pago o resgate, mas o empresário acabou morto. E no dia 14 de abril, deste ano, houve o seqüestro de Emundo José Leite Falcão, proprietário de uma indústria de sabão e velas na Bahia. O caso ainda não foi solucionado pela polícia, que acredita na possibilidade de Falcão já ter sido assassinado.

A incidência de seqüestros nos últimos anos não poupou a comunidade de empresários de Santa Catarina. Os garotos Saul Bradalise Neto, 14 anos, e Jean Paul Brandalise, 8 anos, filhos do vice-presidente da Perdigão, Saul Brandalise Júnior, foram vítimas do maior seqüestro que já aconteceu em SC. O seqüestro aconteceu em Videira, em abril de 88, e os garotos foram libertados uma semana depois, mediante pagamento de resgate. Os seqüestradores chegaram a ser localizados e presos. Uma nova tentativa de seqüestro no Estado, aconteceu neste mês de dezembro. Os estudantes do Curso de Engenharia Mecânica da Universidade Federal de SC, Andrei Coelho Schmidt, 18 anos, neto do proprietário da empresa de turismo Emflotur, e Alexandre dos Santos, 18 anos, foram seqüestrados na tarde de quinta-feira, dia 15, no Campus Universitário. Os seqüestradores pediram à família o resgate de 45 mil dólares, mas os rapazes conseguiram fugir durante uma tentativa de assalto, por parte dos seqüestradores, em Laguna.



Salles: 65 dias de cativo e resgate de US\$ 2,5 milhões

SNI ensina a matar os reféns

Seqüestros com objetivos políticos não são novidade no Brasil. Já na década de 60, guerrilheiros brasileiros que lutaram contra o golpe de 64 seqüestraram um embaixador americano e conseguiram negociar a libertação de presos políticos que, mais tarde, foram exilados para países da Europa e só conseguiram retornar ao país no final da década de 70, em função da anistia conquistada após uma ampla campanha da esquerda e de setores organizados do país. Mas a direita também já utilizou seqüestros para resolver questões políticas. Como resultado da ação repressiva dos militares no Brasil, aconteceu a morte do jornalista Alexandre Von Baumgarten, no início dos anos 80. O jornalista desapareceu depois de sinuosas negociações com o Serviço Nacional de Informações (SNI). Ele foi visto pela última vez em 13 de outubro de 1982, quando deixou o apartamento onde morava, em Ipanema (RJ) para uma manhã de pescaria na traineira Mirimi, em companhia da mulher Jeanette Yvone Hansen e do barqueiro Manoel Augusto Pires, dono da em-

barcação. A Mirimi teria saído do cais da praça 15 de novembro, no centro do RJ, em direção às Ilhas Cagarras — três quilômetros ao Largo de Ipanema. Treze dias depois, o corpo do jornalista foi encontrado na praia de Macumba, a 30 quilômetros de Cagarras. Baumgarten havia sido morto com um tiro na cabeça e dois no abdômen. Não foi localizado nenhum vestígio do barco de 7 metros de comprimento.

Antes de seu desaparecimento, porém, Alexandre Von Baumgarten deixou um dossiê de 74 páginas, com 21 documentos. Ele havia tirado 11 cópias e deixado instruções para a divulgação desse material, caso algo lhe acontecesse. Na edição número 752, de dois de fevereiro de 1983, a Revista Veja publicou com exclusividade trechos dos documentos e contou a história do envolvimento de Baumgarten com o SNI, causando um grande mal-estar na cúpula militar do então presidente da República, João Figueiredo. O jornalista era conhecido por seu envolvimento com a comunidade de informações, foi sócio

da Revista O Cruzeiro e passou os últimos anos de sua vida tentando ressuscitar a revista com dinheiro do SNI. A ajuda veio e a revista publicava matérias simpáticas ao regime instalado no país com o golpe militar de 1964. A partir de desentendimentos com a cúpula do SNI, inclusive como chantagem para obtenção de mais dinheiro, Baumgarten elaborou o dossiê. Com medo de morrer, em 1981, ele escreveu no primeiro parágrafo do dossiê que viria a ser divulgado: "Nesta data é certo que minha extinção física já foi decidida pelo Serviço Nacional de Informações. A minha única dúvida é se essa decisão foi tomada em nível do ministro-chefe do SNI, general Antônio Octávio Medeiros, ou se ficou a nível do chefe da agência central do SNI, general Newton de Araújo Oliveira e Cruz". O caso Baumgarten é apenas um exemplo de centenas de desaparecimentos políticos em função da repressão militar no país.

Textos
Linete Martins



Fim do seqüestro, mas não do caso

Explode luta no campo e cidade

Sindicatos e sem-terra fazem valer seu direito

A década de 80 começou com este grito de resistência na cidade e no campo: milhares de metalúrgicos parados em São Bernardo e mais de 240 mil canavieiros parados nos campos de Pernambuco. Antes disso, porém, os trabalhadores tiveram que enfrentar uma longa luta.

O golpe de 64 havia iniciado um violento processo contra o sindicalismo. Nos anos que se seguiram, 409 sindicatos, 43 Federações e 4 Confederações sofreram intervenção. 1.565 ações repressivas foram efetuadas e mais de 10

mil trabalhadores foram banidos da vida sindical. Escurecia no Brasil. Para acalmar os ânimos, os militares trouxeram para o país o AIFLD (Instituto Americano de Desenvolvimento do Sindicalismo Livre), financiado por multinacionais, que treinou perto de 30 mil ativistas até 1984. Vinham os americanos ensinar suas táticas. É neste tempo que "Joaquinzão" aprende o seu sindicalismo de resultados e se mantém na direção do maior sindicato da América do Sul, de 64 a 80.

Durante quase duas décadas o terror campeia, centenas de operários são presos e torturados, mas nas entranhas de alguns sindicatos, trabalhadores resistem. As multinacionais se ampliam e sem saber forjam a massa trabalhadora que vai promo-

ver a virada da mesa.

Em 1978, no dia 12 de maio, três mil operários entram em greve na região do ABC. O movimento se alastra por 18 cidades, meio milhão de trabalhadores param. É a primeira reação depois de 14 anos amordaçados. No ano de 79 o movimento assume dimensões gigantescas, já não são só os metalúrgicos, todas as categorias começam a cobrar seus direitos. Três milhões de trabalhadores cruzam os braços. A repressão é forte, há prisões, intervenções. Nos quartéis já se fala em distensão. Quem vai ter coragem de enfrentar o povo enfurecido.

Anos 80 — A década começa com greve. De novo os metalúrgicos de São Bernardo, liderados por Lula. São 41 dias de resistência. As assem-

bléias são gigantescas, mais de 100 mil trabalhadores reunidos em um estádio de futebol. Os helicópteros do exército espreitavam, as baionetas se confrontavam com os capacetes. Lula é preso. O Sindicato sofre intervenção, as diretorias são depostas, mas continuam a liderar. O movimento extrapola tudo o que já tinha acontecido no Brasil. A brutalidade da repressão não consegue esmagar o movimento sindical que começa a crescer.

O ano de 1981 vai ser decisivo. Acontece na cidade de Praia Grande em São Paulo, a 1ª CONCLAT (Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras). São 5.036 delegados de 1.091 entidades. É a maior reunião depois do golpe. Neste encontro foram definidos o Plano de Lutas e a

formação da comissão pró-CUT (Central Única dos Trabalhadores). Só que não foi um momento de unidade. No 1º Conclat já se delineavam duas tendências diferentes de sindicalismo. Uma corrente queria a construção pela base, era contra a estrutura sindical vigente, a outra queria alianças com as Confederações incluindo pelegos, era o "sindicalismo de resultados".

Desta discussão acabam surgindo duas Centrais de trabalhadores. A CUT que representa a primeira corrente e a CGT (Central Geral de Trabalhadores), que representa a segunda. Neste tempo o Brasil já vivia um clima de abertura. A repressão continuava, mas os trabalhadores conquistavam seus espaços.

Acampamento é o meio de resistir

Enquanto os metalúrgicos começavam sua articulação na cidade, no mesmo ano o campo despertava. A modernidade trazida para a agricultura não mudou a estrutura latifundiária do Brasil. Crescia o número de bóias-frias, de sem-terra. O sistema feudal ainda vigente esmagava os lavradores. Em 79, 240 mil canavieiros param em Pernambuco. Esquentava a zona rural. No rastro dos cortadores de cana espoucaram movimentos por todo o Brasil. Vieram as prisões, os assassinatos, expulsão de padres. O governo tentava impedir que os camponeses tomassem conhecimento de seus direitos.

Em 81 já haviam 896 áreas de conflito, 514 no Norte, 192 no Centro Sul e 190 no Nordeste. O Terceiro Congresso Nacional de Trabalhadores Rurais aconteceu em 79 ter sido o estopim para a deflagração destas lutas. Ainda em 79, no interior do Rio Grande do Sul, famílias de sem-terra ocupam, de forma organizada, uma fazenda improdutiva. Inauguram um jeito novo de resistir: o acampamento.

Em 80, 300 famílias vão entrando na Fazenda Burro Branco em Santa Catarina, formam acampamento, produzem. No centro do país também começam as ocupações.

A VEZ DO COLONO

Em 81, numa encruzilhada de Natalino, em Ronda Alta (RS), os camponeses montam

um gigantesco acampamento. Querem terra. O exército tenta expulsá-los, eles resistem por mil dias ao temível Major Curió, especialista em "pacificar" áreas de conflito. O movimento se projeta a nível nacional. Os confrontos com Curió são frequentes. O Major sai derrotado, não conseguem dismantelar a organização do acampamento. Natalino se torna o marco da história do movimento. O convite à resistência, a lição dada por aqueles lavradores dão sangue novo a luta.

Em 82 um encontro no Paraná reúne agricultores envolvidos em lutas nos três estados do Sul. Em 83 na cidade de Chapecó criam-se as Comissões Municipais de Sem-Terra. No mesmo ano os acampados de Natalino vencem o governo e conseguem terra. A vitória dá mais fôlego à luta. Em 84 acontece o Encontro de Sem-Terra de vários estados. O movimento passava a existir enquanto entidade. Ali consolidou-se a direção política das lutas, as formas e os métodos de organização. Ocupar é palavra de ordem. Os confrontos com pistoleiros de latifundiários se acirram. O campo começa sua revolução.

A REAÇÃO

Tancredo Neves vai ao Primeiro Encontro Nacional de Sem-Terra em 1985 e promete um Plano Nacional de Reforma Agrária. Mas ele morre e as



Esta luta tem um mártir em SC

esperanças se esvaem. Assume Sarney, com seu ranço militar. Começam as ocupações em Massa em todo o país. Neste ano eram 42 acampamentos, envolvendo 11 mil famílias.

No Rio Grande do Sul, em Sarandi, duas mil famílias ocupam a fazenda Anonni. É o maior acampamento já montado. A violência recrudescer. Forma-se a União Democrática Ruralista, o braço armado do latifúndio. Aí já não é só a polícia, são jagunços, pistoleiros, todos juntos, intimidando os camponeses.

No Bico do Papagaio, padre Josimo Tavares é assassinado. Quem defende lavradores está na mira da UDR. Em 86 Anonni é desapropriada pelo Incra depois de uma resistência de quase dois anos. O ciclo continua, os camponeses ocupam, dezenas são assassinados. Em 87 vem a Constituinte. Esperança no campo. Tudo em vão.

A reforma agrária não passa. Em 88 matam Chico Mendes, do Sindicato dos Seringueiros. O mundo conhece a luta pela terra que se trava no Brasil.

O fim da década mostra que a luta continua. Em 89 os trabalhadores rurais decidem mudar de tática. Não vão mais sair das terras, vão resistir. No Rio Grande ocupam Santa Elmira. Chega a polícia, eles resistem às balas, com balas. O episódio fica conhecido como a Guerra de Santa Elmira, muitos colonos são feridos. Era um novo tempo no campo. Em Palma Sola (SC) a mesma tática. Resistir a qualquer preço. Um camponês é assassinado durante o confronto. O momento é de terror. "A terra está grávida, quer parir e ninguém pode impedir que o homem que gera a terra, tire dela seus frutos. Aos lavradores a terra. Não há mais volta", dizem os agricultores.

GRANDES GREVES

Sarney assume o governo em 85, no ano seguinte lança o Plano Cruzado. Euforia geral, que não dura muito. Vem o descongelamento e traz consigo o arrocho salarial. No dia 12 de dezembro de 86, os trabalhadores param o país na primeira greve geral. Em 87 vem o Plano Bresser, o governo ignora a inflação de 26,70% do dia 1º a 14. Novo arrocho e nova greve geral no mês de agosto. Em 89 o Plano Verão deixa os trabalhadores sem política salarial, é a vez da terceira grande greve. Não há mais volta, os trabalhadores conquistaram o direito de brigarem pelos seus direitos.

A CUT se consolida como a maior central sindical do Brasil, é uma referência para a classe trabalhadora na luta. Negando o sindicalismo de conciliação, a Central rompe com o atrelamento e passa a avançar. Por outro lado a CGT continuou incorporada ao sindicalismo de conciliação. Prefere resultados. Trata o trabalhador como uma peça para produção e só questiona o preço da peça. Não pensa garantir ao trabalhador o acesso à riqueza, nem que ele seja sujeito de sua própria história.

Elaine Tavares

UDR detona a guerra no campo

Impede reforma agrária e mata as lideranças

Um dos fatos marcantes da década foi a tentativa de rearticulação política da extrema-direita brasileira através da UDR (União Democrática Ruralista), uma entidade que reúne latifundiários desde o Norte do país, passando pelo Mato Grosso, até o Rio Grande do Sul. A UDR surgiu em 1985 como consequência de algumas desapropriações efetuadas pelo governo federal em São Paulo, que mostraram o sério risco que corria o latifúndio improdutivo, caso esse exemplo fosse extrapolado na dimensão prevista nas metas do Plano Nacional de Reforma Agrária, do Presidente José Sarney. Plano este, considerado muito aquém do "Estatuto da Terra", definido na época da ditadura.

A entidade seguiu a trilha da violência no campo. Fixou suas raízes mais fortes na frente de conflitos agrários da área pioneira (Bico do Papagaio, sul da Bahia, sudoeste catarinense, Planalto Médio Gaúcho) e no quartel-general do capitalismo caboclo (na capital paulista, Presidente Prudente, Araçatuba e Ribeirão Preto). Nas áreas onde a UDR ainda não havia desenvolvido

suas raízes, operava contra a Reforma Agrária a TFP (Sociedade Tradição, Família, Propriedade). Assim, empresários rurais e grandes proprietários começaram a se organizar na base da prática e dos princípios que conheciam: "Quem quiser entrar na minha propriedade vai morrer".

A UDR adota a forma jurídica de uma associação civil sem fins lucrativos para defender os interesses comuns dos fazendeiros. Mas para pertencer à entidade basta defender os princípios ideológicos e não necessariamente possuir terras. Dos 134 mil sócios, 60 mil são fazendeiros e os outros 70 mil são pequenos e médios agricultores atraídos pela "proteção e segurança" que a UDR lhes daria.

Em menos de um ano de existência, a UDR conseguiu estabelecer canal direto de diálogo com as instâncias mais altas da República e começou a promover leilões de gado entre os fazendeiros para armar-se contra o "perigo" da Reforma Agrária. O dinheiro arrecadado era investido no financiamento de candidatos a Deputado Federal, nas eleições de 1986, que assumiriam o compromisso de fazer a defesa da propriedade rural e combater a Reforma Agrária, na Constituinte. O dirigente nacional da UDR, Paulo Carneiro Leão, declarou em maio de 1988, que a entidade "tem



Caiado: em queda

tanto dinheiro para financiar seus candidatos que está saindo pelo ladrão".

Na Constituinte, a Reforma Agrária foi um dos temas mais polêmicos e os conflitos chegaram até o tapete verde do salão nobre do Congresso. É nesse período que a UDR se consolida como a expressão política dos setores mais reacionários da sociedade. Tática usada: pressão permanente sobre o Congresso Constituinte por meio de seus próprios deputados (cerca de 70) e através de lobbies fortíssimos. Consequência: os resultados das votações sobre a Reforma Agrária, foram a maior vitória dos conservadores na Constituinte.

Depois deste sucesso da UDR, o presidente, ideólogo

e principal articulador da entidade, Ronaldo Caiado, lançou sua candidatura à Presidência da República. Durante a campanha presidencial, o candidato mostrou que tem o discurso tão improdutivo quanto alguns latifúndios. As urnas comprovaram: Caiado teve uma votação irrisória.

Mas a UDR não costuma usar táticas tão "delicadas", como na Constituinte, para defender os latifundiários. O dinheiro arrecadado nos leilões de gado também é utilizado para comprar armamento e contratar pistoleiros para matar trabalhadores. Em 1987, Salvador Farina, presidente da UDR regional de Goiás, admitiu que a entidade realmente comprou armas com o dinheiro dos leilões: "setenta mil armas para os homens que deixaram de ser omissos na história do país". Em 1988, a Polícia Federal apreendeu 48 armas pesadas na fazenda de Córrego da Onça, município de Pedro Gomes (MG), de propriedade do Deputado Federal Gandi Jamil (PFL) que é um deputado apoiado pela UDR.

A partir desta organização de direita, a violência no campo deixou de ser espontânea. Passou a contar com um Estado-Maior. A cada ano, mais de meio milhão de brasileiros se envolvem em conflitos no campo. No período que vai de 1980 a 1989, estes conflitos resultaram na morte de mais de

mil pessoas. Nas regiões onde há lutas pela terra, ao mesmo tempo em que a UDR ameaça e persegue, ela também promove invasões e dá apoio operacional aos assentamentos com o objetivo de confundir e dividir os trabalhadores rurais. Mas as ameaças não são dirigidas só a posseiros ou pequenos proprietários. Elas alcançam qualquer pessoa que se comprometa com a redemocratização da propriedade da terra. É uma violência seletiva: as vítimas são escolhidas a dedo entre lideranças (pais, advogados, deputados, vereadores, líderes sindicais), na tentativa de desorganizar os trabalhadores.

Esses assassinatos têm sua própria lógica e pretendem atingir objetivos precisos: cortar as cabeças dos movimentos de trabalhadores rurais e manter os camponeses isolados das outras forças sociais que se solidarizam com eles. Em maio de 1986, o parlamento europeu exigiu do governo José Sarney que "a UDR seja punida e dissolvida", devido à sua prática criminosa no campo. De nada adiantou. Essa violência permanece impune. A grande maioria dos pistoleiros contratados para matar, continua à solta. O tratamento dado aos assassinos de camponeses deu margem ao ditado popular: "quando o rico mata o pobre, o defunto é que vai preso".

Morte de Chico Mendes: a UDR também estava lá

"Quero ficar vivo para salvar a Amazônia", dizia Chico Mendes. Mas seu sonho não foi realizado. Chico foi assassinado na noite do dia 22 de dezembro de 1988, com um tiro no peito, em sua residência, na cidade de Xapuri, no Acre.

Nos dias seguintes desabaram sobre a pequena Xapuri dezenas de jornalistas do mundo inteiro, padres, sindicalistas, políticos, trabalhadores rurais e milhares de seringueiros, protestando e exigindo vingança e justiça. Chico Mendes era presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros, líder dos sem-terra, militante do PT, sindicalista da CUT, presidente do Sindicato Rural dos Trabalhadores de Xapuri e defensor da ecoló-

gia na Amazônia.

Ele sabia que ia morrer. Dias antes de sua morte, disse à irmã, Zélia: "Vou morrer até o dia 31". Chico já tinha sofrido seis atentados e estava jurado de morte pelos fazendeiros Darli e Alvarino Alves, ambos filiados à UDR e homicidas já condenados no Paraná e Minas Gerais. Chico comunicou o fato ao delegado da Polícia Federal do Acre, em setembro de 88, exigindo a prisão dos fazendeiros, mas o delegado preferiu criticar Chico Mendes, acusando-o de dedo-duro.

Desde 1980, Chico Mendes era mais conhecido fora do que dentro do Brasil. Era odiado pelos fazendeiros e criticado pelo governo por seus métodos de atuação. Ele criou

o "empate", que consistia em levar famílias de seringueiros para frente das ações de desmatamento e convencer os peões que faziam o serviço a desistirem. Fez 45 "empates" e, em 15 deles, conseguiu salvar 1.200.000 hectares de floresta.

Sua tese era de que é possível desenvolver a região harmonizando a exploração da floresta, criando o conceito da reserva extrativista. Os banqueiros internacionais aceitaram este conceito e o incorporaram na hora de conceder financiamentos à Amazônia.

Em 1985 ele se tornou consultor do Banco Mundial e do Banco Internacional de Desenvolvimento. No mesmo ano ele recebeu o Prêmio Global 500, da ONU, em reconhe-



Matá-lo foi pior

cimento a sua luta ecológica. Em 1987, o BID suspendeu financiamentos que fazia ao governo brasileiro, porque Chico Mendes denunciou que não estavam sendo cumpridas as obrigações de demarcar reservas indígenas e florestais.

Dias após o assassinato de Chico Mendes, o ministro Roberto Cardoso Alves, da Indústria e Comércio, reclamou que o Brasil estava com os financiamentos externos ameaçados por causa do "episódio". O governo e a polícia brasileira só agiram no caso, devido à pressão e repercussão do crime. Jornais dos EUA, Inglaterra, França e Alemanha deram a notícia com destaque.

O corpo de Chico Mendes foi velado durante 48 horas no salão paroquial da igreja de Xapuri. No velório, Lula fez um discurso comparando Chico Mendes a Cristo.

Textos
Maria T. da Silva

Sai um poeta, entra um carateca

Direita aplica golpe baixo e fica no poder

Com a vitória de Fernando Collor de Mello para a Presidência da República em dezembro último, as eleições diretas significaram também a predominância dos nomes sobre a estrutura partidária, já que o PRN é um partido de conveniência.

No primeiro turno, Fernando Collor, 40, transformou-se num fenômeno eleitoral ao receber mais de vinte milhões de votos e vencer velhas raposas da política como Leonel Brizola, Ulysses Guimarães, Aureliano Chaves e Paulo Maluf. Concorrendo com outros vinte candidatos, Collor recebeu 28,5% dos votos. O segundo colocado, Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, foi beneficiado pelos votos de 16% dos 82.074.718 brasileiros que têm título eleitoral.

Ao obter 35.089.988 votos (42,75%) no segundo turno, o candidato que percorreu o país vendendo a imagem de "caçador de marajás" foi



A "banana" que o eleito negou no debate

eleito o mais jovem presidente do Brasil. O fato das eleições serem em dois turnos assegurou pela primeira vez desde 1930, a certeza da maioria absoluta dos votos válidos para o vencedor. O candidato derrotado, Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, recebeu

31.076.364, o que equivale a 37,86% dos votos.

Herdeiro de um pequeno conglomerado de comunicação, formado por duas rádios, jornal e televisão em Alagoas, Collor saiu do Rio de Janeiro, sua cidade natal, para cuidar dos negócios da família em Maceió, aos 23 anos. Em 1979 começou sua carreira política sendo nomeado prefeito biônico da capital alagoana pelo regime militar. Quatro anos depois assumiu o cargo de deputado federal pelo PDS, sendo o mais votado no Estado. Em 1984 votou contra Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, preferindo Paulo Maluf. Dois anos depois candidatou-se pelo PMDB ao governo de Alagoas e venceu as eleições. Foi o único governador a defender a redução para quatro anos do mandato de José Sarney. Procurando espaço para candidatar-se a Presidente, Collor saiu do PMDB e fundou o Partido da Juventude (P.J.), que mais tarde se transformou no Partido da Reconstrução Nacional (P.R.N.).

A família de Fernando Collor tem tradição política. Seu pai, Arnon de Mello, foi deputado federal, governador de Alagoas e senador por cinco legislaturas. Entrou para a história quando, em 63, duelando em plenário com o senador Silvestre Péricles de Góes Monteiro, sacou de um revólver para atingi-lo e, por engano, matou o senador José Kairala.

O "caçador de marajás" nasceu na preparação da cam-

panha presidencial: como governador de Alagoas Collor congelou seu próprio salário, instalou livro de ponto nas dependências administrativas, extinguiu escritórios de representação de Alagoas em três estados, mandou recolher a frota de carros oficiais e acabou com três secretarias, duas fundações e três estatais.

Por outro lado, nos últimos dias de sua administração como prefeito de Maceió, nomeou quase quatro mil funcionários (entre os quais alguns parentes) "por engano", como ele se justifica. No governo do Estado foi acusado de beneficiar os prefeitos que aderissem ao PRN. Nove parentes seus e 19 de sua esposa também fora nomeados pela Assembléia Legislativa de Alagoas. Collor defendeu-se dizendo que se tratava de um poder autônomo, mas a lei que permitia a contratação sem concurso foi aprovada pelo próprio "caçador de marajás".

Fernando Collor é formado em Economia e Jornalismo, e foi praticante de karatê em 1969. Mesmo tendo parado com o esporte após obter a faixa preta no 1º dan, Collor se exercita diariamente no mínimo vinte minutos. Seus amigos de karatê afirmam que o novo presidente tem um estilo de luta frio e contido, apesar de violento, mas, na política, Collor demonstra que nem sempre consegue controlar seu temperamento quando diz: "Na crise ajo por impulso, e é tudo ou nada". Segundo um assessor de sua cam-

nha, Collor "é arrojado e intransigente", e está acostumado a mandar: "Não aprendeu a arte da transigência, como atestam sua biografia pessoal e política e os que o conhecem mais de perto".

Collor diz ter sido ameaçado de morte na campanha para governador. Desafiou os inimigos em praça pública e disse não temê-los porque se trataria de "covardes, salafários e canalhas". Também fez sérias críticas ao presidente Sarney durante seu programa eleitoral na televisão e fez desta ruptura com o governo federal sua principal peça de campanha.

A idéia de colocar no programa eleitoral do PRN na TV o desabafo da ex-namorada de Lula, foi de Fernando Collor. Uma ex-assessora de sua campanha afirma que a moça recebeu 200 mil cruzados novos pelo trabalho. Com o controle da máquina estatal, Collor ousará remexer na vida íntima dos concorrentes? Para os adversários Collor é autoritário, emocionalmente imaturo e produto de marketing político.

A idéia de se candidatar à Presidência da República surgiu no Natal e 87. Iniciou sua campanha depois de um mal-sucedido namoro com o PDSB, de onde herdou um tom social democrata que manteve até o primeiro turno. Na campanha contra Lula ganhou violentamente a direita, retrocedeu décadas e assumiu uma postura anticomunista à la guerra fria.

Esta variação no discurso chegou a causar alguns abalos na assessoria de Collor, mas nada que sugerisse rupturas graves, porque o presidente eleito começou e terminou a campanha reafirmando desprezar vinculações partidárias, ou rota política ou ideológica. Por outro lado, esta incapacidade para tecer alianças em bases reais criou um vácuo que ele dificilmente conseguirá preencher sem modificar o comportamento.

Enfim, chega ao poder um jovem milionário, filho das elites políticas e econômicas do país, que fala fluentemente inglês, francês e espanhol, que gosta dos Beatles, dá murros nas mesas, usa um "patuá", amuleto com poderes mágicos sob a camisa e promete pôr fim à inflação e à corrupção no país.

Ana Lavratti



Especializado em artes marciais

IsroE-Senhor

Chico Ferreira/Agência Folhas

América do Sul expulsa generais

Chas Gerretsen — Gamma/Photo

Civis governam sob ameaça de novos golpes

Setenta foi a trágica década das "prisões, exílios e enterros" na América do Sul. As classes dominantes nacionais, "marionetes do imperialismo norte-americano", não vacilaram em recorrer à força dos exércitos para esmagar os movimentos populares pela democracia. Mas 1980 foi a década do voto. As quarteladas deram lugar a eleições na Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Peru, Chile e Brasil.

A honra de ser o último país sul-americano a se democratizar coube ao Brasil, que só no dia 17 de dezembro de 1989 escolheu o primeiro presidente pelo voto direto em 29 anos. A "abertura lenta, gradual e segura", iniciada pelo general Ernesto Geisel, em 1977, demorou 12 anos, uma transição que parecia não ter mais fim.

O último ditador do continente a cair foi, no entanto, o general Augusto Pinochet, do Chile. A oposição, agrupada na "Concentración por la Democracia", elegeu o democrata-cristão Patricio Aylwin para a Presidência, encerrando uma ditadura de 16 anos. Ganhou, mas não leva, porque está tudo "amarrado" para garantir a sobrevivência do regime. A Constituição de 1980 garante a permanência de Pinochet no comando do Exército até 1998. As forças armadas têm total autonomia, os diretores do Banco Central têm um mandato para mais 10 anos, os juizes do Supremo Tribunal são vitalícios e as maiores estatais foram privatizadas.

Stroessner Sim... — O topo do ranking de país mais longamente submetido a um regime autoritário ficou mesmo com o Paraguai. Sob o pretexto de acabar com a instabilidade política que tinha dado ao país 22 presidentes em 31 anos, o general Alfredo Stroessner deu um golpe em 1954 e manteve-se no poder até 1989. Pós os paraguaios de joelho para dizerem "Stroessner sim, outro não", em periódicas "reeleições" fraudulentas.

Admirador do nazismo e protetor dos criminosos de guerra fugidos da Europa e de terroristas ultra-direitistas, Stroessner foi deposto no início de fevereiro de 89, por um íntimo colaborador, Andrés Rodríguez. Também general, Rodríguez deixou os partidos saírem da clandestinidade (menos o Comunista) e legitimou-se no poder em eleição direta, em maio. Stroessner recebeu asilo no Brasil.

Plano Austral — A Argentina voltou a democracia em 1983, depois de brigas e "erros" táticos dos próprios generais. Em 81, o general Jorge Videla, no poder desde 76, transferiu a chefia do Estado ao general Roberto Viola, deposto pelo general Leopoldo Galtieri. Certo do apoio de Reagan — a quem prometera participação de militares argentinos na destabilização do governo da Nicarágua — Galtieri tentou abafar a crise interna invadindo as Ilhas Malvinas, em 1982. Perdeu a guerra e foi derrubado pelo general Reynoldo Bignoni, que convocou eleições presidenciais. Raul Alfonsín, da União Cívica Radical, venceu o pleito, em dezembro com a proposta de "enterrar" o peronismo e modernizar o país. Com a controvérsia



Em dezembro, eleições diretas afastaram Pinochet, o último ditador

tida "lei da obediência devida (que anistiu militares) e o fracasso do plano Austral, quase nem passa à história como consolidador da democracia e o primeiro presidente eleito a entregar o cargo a outro eleito em 60 anos. Mas teve que encurtar seu mandato em seis meses em favor do peronista Carlos Ménen.

Campeã de Golpes — A Bolívia registrou em sua história nada menos que 189 golpes e contragolpes de Estado até ter um presidente eleito em outubro de 1982. Hernán Siles Zuazo assumiu a presidência depois de 18 anos de regime ditatorial e entregou o ex-dirigente nazista Klaus Barbie ao governo francês para ser julgado

por crimes de guerra. Os principais responsáveis por crimes e atos de corrupção fugiram para a Argentina. Para evitar mais um golpe, Zuazo antecipou as eleições em um ano e Victor Paz Estenssoro foi eleito pela quarta vez em julho de 85. O atual governo é sustentado por uma estranha coalisão entre o Movimento de Esquerda Revolucionária, de Jaime Paz Zamora, e a Aliança Renovadora Nacionalista, do ex-ditador Hugo Banzer.

No Peru, o atual presidente Alan García, no cargo desde junho de 1985, deverá fazer a primeira transmissão democrática em 40 anos. Por ordem do FMI, o país está em "eco-

nomia de guerra", mas ainda destina 27% do orçamento a gastos militares (mais de um bilhão de dólares anuais). E um velho conflito fronteiro com o Equador — que provocou a "guerra dos cinco dias", em 1981 — tem servido de pretexto ao exército equatoriano para tutelar o poder civil. Mas, apesar de algumas tentativas de golpe, o Equador consegue manter um regime democrático há 13 anos. O social-democrata da Esquerda Unida, Rodrigo Borja Cevallos, assumiu em maio de 88, prometendo um período de reconstrução nacional sob o lema "agora é a vez do povo". Seu antecessor, Leon Febres Cordero, do Partido Social Cristão, era um "agente" do FMI

e defensor da política intervencionista de Reagan na América Central.

Suíça da América — O Uruguai entrou na década de 80 com uma aparente aliança entre civis e militares, mas o poder estava mesmo na mão dos generais, que queriam atingir nova legitimidade em 1985. Esse plano começou a fracassar em 80, quando a população votou contra o projeto de constituição, com o qual se pretendia consagrar de direito o Estado policial vigente de fato. Desobediência civil — com repetidos blecautes (as famílias apagavam a luz da casa por horas a fio), panelaços, greves de fome, marchas de protesto e concentrações populares — forçaram os militares a realizar eleições. Em novembro de 80, o colorado Julio María Sanguinetti pôs fim a 11 anos de ditadura militar e organizou um governo de "composição nacional".

Já os aventureiros e militares que procuraram o "mito do Eldorado" na Venezuela foram aposentados em 1958. Mas ainda houve, na década passada, dois presidentes — Herrera Campins e Jaime Lusinchi — que, publicamente "defendiam" a paz na América Central e, por debaixo dos panos, financiavam o treinamento de soldados salvadorenses. O social-democrata Carlos Andrés Pérez, que antecedeu os dois e nacionalizou o petróleo e o ferro, reelegeu-se em novembro de 1989.

Máfia — De 1830 até o começo do século XX, a Colômbia passou por nove guerras civis nacionais e 14 locais, duas guerras com o Equador, três quarteladas e 29 reformas constitucionais. Liberais e conservadores dominam o cenário político, sempre alternados por conflitos. A história recente do país está marcada pela violência constante entre latifundiários, camponeses sem-terra, a máfia da droga, os militares e a guerrilha. Em março de 1982, o conservador Belisario Betancur venceu as eleições, mas comprometeu seu governo em negociações com os narcotraficantes. Em 6 de novembro de 1985, 35 guerrilheiros do M-19 ocuparam Palácio da Justiça. Foram trucidados junto com 53 magistrados e civis pelo Exército. Uma semana depois, uma erupção do Nevado del Ruiz arrasou a população de Armero e matou 23.800 pessoas. Eleito em 1986 o liberal Virgílio Barco Vargas, ainda tem quase um ano de mandato.

Cowboy — Desde que Espanha e Portugal repartiram entre si os 17,8 milhões de quilômetros quadrados da América do Sul, no século XVI, as potências imperialistas traçam sucessivas formas de dominação que são executadas pelas elites e milícias locais sobre os 280 milhões de habitantes. "O Congresso dos EUA acaba de garantir US\$ 250 milhões para os exércitos da Colômbia e Peru "combaterem" o narcotráfico. Isso lembra a "ajuda humanitária" que dão aos "contras" na Nicarágua.

O ex-comandante da força aérea chilena, Ernesto Galaz (que se recusou a participar do golpe que derrubou Allende em 1973) adverte: "É um erro considerar os exércitos apolíticos". Mesmo os de países como Brasil, Uruguai e Argentina, apesar do retorno à democracia e da eleição de governos civis, "mantêm laços de controle, gravitação e dependência ideológica com o Pentágono tão videntes como durante as ditaduras".

Geraldo Hoffmann

América Central na mira dos EUA

Os boinas-verdes invadem como se fossem donos

Os dez anos que se seguiram à Revolução Sandinista de 1979 foram de guerra sem tréguas no cobiçado território da América Central e envolveram militares e guerrilheiros em El Salvador e Guatemala e apoio armado hondurenho aos contra-revolucionários que invadem as fronteiras da Nicarágua. Apesar das tentativas de paz da Costa Rica, Panamá, Colômbia, Venezuela e México, as mortes continuam, com financiamento norte-americano, e os problemas não se solucionam.

Foi com a Revolução Sandinista que as guerrilhas espalhadas no centro-norte do continente perceberam como possível a idéia de derrubar as ditaduras centro-americanas. Mas na Nicarágua os anos posteriores ao 19 de julho também não levaram à paz.

O governo sandinista precisou decretar estado de emergência em março de 1982, por causa da crise econômica resultante do bloqueio comercial dos Estados Unidos. Quatro meses depois, 2.500 ex-integrantes da Guarda Nacional somozista refugiados em Honduras invadem a Nicarágua, realizando ações terroristas. O presidente dos EUA, Ronald Reagan, admite o apoio da CIA aos contras, que ele denomina, "combatentes da Liberdade".

A intervenção direta dos EUA na Nicarágua parecia inevitável em agosto de 1983. Centenas de aviões e helicópteros, 30 navios em duas esquadras e mais de 20 mil homens realizavam manobras nas costas da América Central, enquanto 4 mil soldados desembarcavam em Honduras para "manobras conjuntas" na fronteira. A invasão foi evitada graças à atuação do Grupo de Contadora (ver matéria ao lado).

Sete partidos concorreram nas eleições presidenciais realizadas em novembro de 1984, que deram o cargo ao sandinista Daniel Ortega com 67% dos votos. O novo governo assumiu o país em plena crise econômica, com uma dívida externa de US\$ 6,2 bilhões e uma guerra civil que provocou perdas de US\$ 2,8 bilhões



Guillermo Ford, vice-candidato da oposição panamenha espancado pelos homens de Noriega

para a economia e mais de 40 mil vítimas.

Foram tomadas medidas de repressão às liberdades políticas (como o fechamento do jornal de oposição La Prensa e a censura prévia sobre publicações), revogadas em 1988. A nova Constituição, promulgada em 1986, prevê eleições presidenciais diretas e legislativo proporcional. Em fevereiro de 1990, Ortega concorre à reeleição, contra a social-democrata Violeta Chamorro, acusada de receber apoio dos contras.

Não bastassem os problemas internos, os sandinistas ainda precisam enfrentar a convivência dos governos de Honduras, que transformaram o próprio país num quartel dos contras. Existem 1.200 militares norte-americanos com residência fixa em Honduras, 11 pistas de pouso e acampamentos para dar abrigo aos 15 mil contras.

O atual presidente, José Azcona Hoyo, não consegue resolver os problemas do mercado de trabalho hondurenho, pressionado por mais de 200 mil refugiados de outros países, mas atua nos conflitos com a Nicarágua. Em 1987, quando 50 mil homens das forças armadas dos EUA realizavam "manobras especiais" na fronteira, Hoyo reivindicava a remessa de 12 caças F-5E, para intensificar as ações armadas. Além disso, permaneceu contrário aos acordos de paz para a América Central.

Os grupos de esquerda em

Honduras, no entanto, hesitam em aderir à luta armada e preferem participar de processos eleitorais fraudulentos. A oposição foi praticamente dizimada em 1981, quando o então presidente Roberto Suazo Cordoba editou uma "lei antiterrorista" proibindo greves por serem "intrinsecamente subversivas". Esquadrões da morte se encarregaram dos desaparecimentos políticos e mais de 200 assassinatos em um ano.

A Revolução Sandinista provocou mudanças na estrutura dos grupos guerrilheiros de El Salvador. Em outubro de 1980, cinco organizações surgidas nos anos 70 se unem na Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), para combater o governo civil-militar que proclamava "reformas com repressão" (cada vez mais repressivo e menos reformador). Sob um programa de "democracia popular revolucionária", foi articulada a aliança FMLN-Frente Democrática Revolucionária (FDR, formada por dois outros grupos de esquerda com pelo menos oito tendências políticas diferentes), que, em 1981, recebia o reconhecimento da França e México como representante das forças progressistas salvadorenhas.

As forças da guerrilha estão presentes em quase todas as 14 regiões do país, enfrentando um exército de 60 mil homens treinados pelos boinas-verdes das forças armadas norte-americanas. O auxílio

dos Estados Unidos não termina aí: a cada ano, US\$ 85 milhões são destinados pelo governo americano para as forças de repressão à guerrilha. Sob pretexto de "auxílio financeiro", em 1985 o recém-eleito presidente Napoleón Duarte (do Partido Democrata Cristiano) recebeu US\$ 668 milhões, que utilizou para interromper as negociações de paz com a FMLN-FDR.

Ninguém tem certeza, mas o número de mortos em El Salvador nos últimos nove anos ultrapassa os 60 mil. O governo de Alfredo Cristiani (da ultradireitista Aliança de Renovação Nacional — Arena) não pretende negociar com os 3.500 revolucionários e incentiva a procriação de forças paramilitares. Os esquadrões da morte, por exemplo, torturaram e assassinaram seis padres jesuítas em "resposta" ao ataque guerrilheiros à capital San Salvador, em outubro de 1989, numa atitude que provocou manifestações de revolta em todo o mundo.

O mesmo número de vítimas foi registrado na Guatemala entre 1954 e 1982, como produto dos conflitos entre as forças armadas e os grupos de esquerda. Nesse ano, tomou posse na presidência o general Efraín Ríos Montt, imposto por uma eleição fraudulenta da qual não participaram os partidos de esquerda. Ríos Montt decretou estado de sítio no país, censura prévia à imprensa, criou tribunais secretos de foro especial e ordenou

inúmeros massacres para combater a Unidade Revolucionária Guatemalteca (URNG, organização que reúne quatro grupos guerrilheiros). No primeiro ano, de repressão, 15 mil pessoas foram assassinadas, 70 mil pediram refúgio em outros países (principalmente Honduras e Nicarágua) e 500 mil se internaram nas montanhas. Inúmeros povoados rurais foram destruídos e o governo achou que a guerrilha teria sido devastada.

Em agosto de 1983, um golpe de Estado planejado pela CIA depôs Ríos Montt e empossou o general Oscar Mejía Victores, prometendo democracia. Um ano depois, realizou-se uma Assembléia Constituinte, sem a participação da esquerda, que determinou alguns avanços, como o direito de greve aos trabalhadores nas estatais e eleições diretas para presidente que, em 1985, deram o cargo ao democrata-cristão Vinicio Cerezo. A guerrilha reapareceu e os combates continuam, com um saldo de 2 a 3 mortos por dia.

Na Guatemala, como de resto em toda a América Central, a luta das organizações de esquerda mudou de eixo: além das bandeiras por democracia, a guerrilha agora clama por soberania nos territórios submissos à política externa de Reagan e, agora, Bush, responsáveis por 40% de todas as exportações dos países envolvidos em conflitos.

Rom Haviv — AFP/In



Gamma—Sigla/Veja

Panamá: balas de metal

Honduras: diplomacia com caramelos

Falham as tentativas de acordo para cessar-fogo

Planos chegam a ser assinados.

Falta cumprir

As tentativas de pacificar os conflitos na América Central têm um marco inicial em janeiro de 1983, quando aconteceu a primeira reunião do Grupo de Contadora (nome da ilha no Panamá onde aconteceu o encontro), que integrou México, Colômbia, Venezuela e Panamá, com o "apoio" dos Estados Unidos que, no entanto, considerava os acordos prejudiciais para sua política regional.

O documento apresentado pelo Grupo de Contadora é assinado pelos cinco países envolvidos nos conflitos (El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua e Costa Rica), mas em seguida surgem divergências que impedem a realização efetiva do cessar-fogo. Em setembro de 1984, é apresentada uma nova versão do tratado, a princípio apoiada por todos, mas impugnada posteriormente pelos quatro países que mantêm relações com os Estados Unidos, sob o argumento de que "favoreceriam a Nicarágua".

Em 1986, a Corte Internacional de Justiça, em Haia, julgou os processos da Nicarágua contra os Estados Unidos. Foi decidido que "ao treinar, armar, equipar, financiar e abastecer os contras, o país viola sua obrigação de não intervir em assuntos de outro Estado" e que, ao minar portos, "transgrediu seu compromisso de não usar a força contra outro Estado".

A Corte deliberou que os EUA deveriam cessar os atos de violência e indenizar a Nicarágua pelos danos, o que sequer foi cogitado pelo governo

Reagan. Nem em 1987, quando foi descoberto que o governo dos EUA usava fundos oriundos da venda de armas ilegal e secreta para o Irã para ajudar os contras, opondo-se à determinação do Congresso.

Aproveitando o momento, o novo presidente da Costa Rica, Oscar Arias, tomou como seu o plano de Contadora, cuja redação final, de setembro de 1985, ficou esquecida nas gavetas dos ministérios. Arias reuniu os países no dia 17 de agosto, em Esquipulas (na Guatemala) e formalizou o acordo que lhe deu direito ao Nobel da Paz de 1987.

O "Plano Arias", também conhecido como "Esquipulas II", previa imediato cessar-fogo; anistia aos opositores que depusessem as armas; diálogo dos governos com a oposição não armada e anistiados; adoção de um sistema democrático e pluralista de governo; suspensão às restrições à liberdade de imprensa; realização de eleições dentro dos prazos constitucionais; eleições em 1988 para o Parlamento Centro-Americano, criado pelo acordo; negativa de uso do território para ataque a outros países ou para sede de grupos ofensivos; simplificação de exigências para o retorno de refugiados; e a solicitação conjunta de ajuda econômica de emergência à comunidade internacional.

Um ano depois de assinado, o tratado de paz já não valia coisa alguma. Em março de 1988, os contras retiraram-se da negociação com os sandinistas. Em El Salvador, as tréguas não chegaram a ser duradouras e na Guatemala nunca houve negociação. Honduras continua apoiando os contras.

Textos
Jacques Mick



James Nachtwey/Photo



Keystone/IstoÉ.Senhor

Infância na Nicarágua



Bosio—Liaison/IstoÉ.Senhor

Ortega: respeitem soberania



James Nachtwey/Photo

San Salvador: este massacre de 38 civis pela ultradireita já virou cena de filme



James Nachtwey/Photo

Fuzis parecem ser o único argumento na América Central

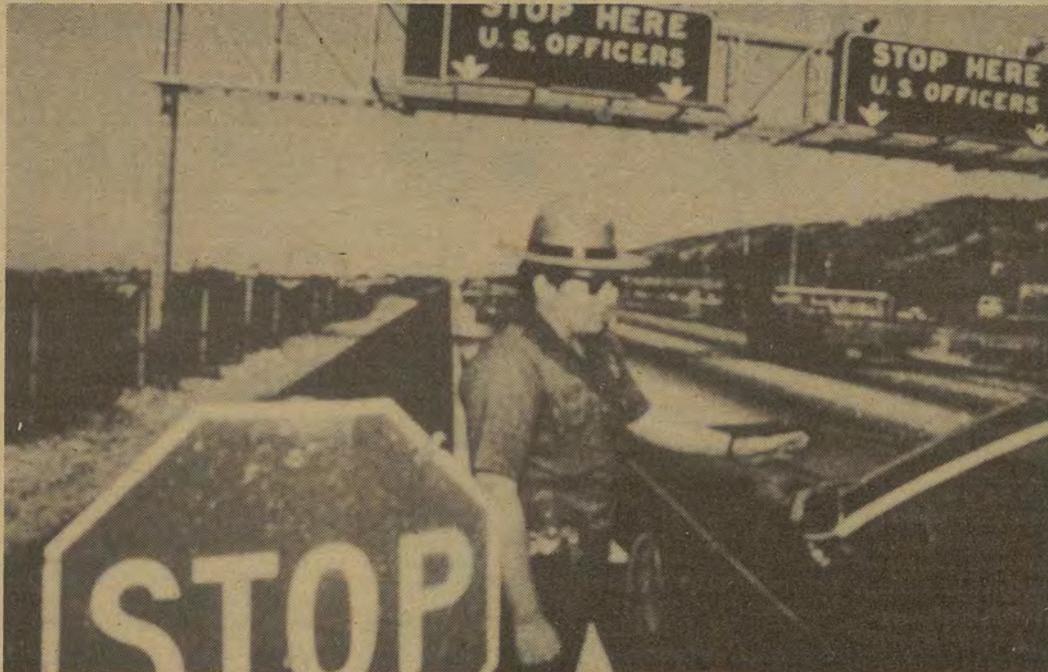
Máfia aplica overdose de crimes

Narcotráfico é desculpa para intervenção

Atentados a bomba, seqüestros, assassinatos, violações dos direitos humanos e o intervencionismo norte-americano são fatos marcantes que caracterizam a década de 80 na América Latina, principalmente na Colômbia e Panamá. O narcotráfico virou centro das atenções do mundo inteiro, especialmente dos Estados Unidos, que têm 10 milhões de consumidores de cocaína e uma perda de divisas, geradas pelo tráfico, que chega a 120 milhões de dólares por ano.

A Colômbia se encontra num estado de convulsão social resultado do ciclo de violências vivido nestes dez anos. A máfia colombiana, furiosa com as medidas tomadas pelo governo e pressionada pelos Estados Unidos, aumenta sua prepotência e capacidade de intimidação. "Declaramos guerra total e absoluta ao governo, à oligarquia política e industrial, aos jornalistas que nos atacam e nos insultam, aos juízes vendidos ao governo, aos magistrados que querem nos extraditar, aos líderes sindicais, e a todos que nos perseguem", dizia um sinistro comunicado divulgado em agosto de 89. "Não respeitaremos as famílias daqueles que não respeitam as nossas famílias. Vamos queimar e destruir as indústrias, as propriedades e as mansões da oligarquia", completa.

Só nesta década, a máfia colombiana fez cerca de 250 vítimas, entre juízes, funcionários da Justiça, jornalistas, policiais e políticos. Isso entre as vítimas "graduadas", cujos nomes se destacam. Os donos do Cartel de Medellín exterminam quem os denuncia, quem os persegue, quem atrapalha de qualquer maneira seus negócios e, principalmente, quem defende sua extradição para os Estados Unidos onde eles têm processos permanentemente abertos. A lista de vítimas inclui o ministro da Justiça Rodrigo Lara Bonilla (84), o jornalista Guillermo Cano (86), o procurador-geral Carlos Mauro Hoyos (88), e Antonio Roldam Betencur, governador da Antioquia, onde fica Medellín. Um dos últimos assassinatos



Fronteira com o México: um dos flancos utilizados pelo narcotráfico latino-americano



Ironia: Noriega se protegeu com o Vaticano

foi o do candidato à Presidência e líder das pesquisas para as eleições deste ano, o senador Luiz Carlos Galán, morto com dois tiros no abdômen, diante de sete mil pessoas, num comício em Soacha, uma cidade a 30 quilômetros de Bogotá.

"Agora a luta é com sangue", anunciaram no dia seguinte ao atentado os "Extraditáveis", grupo que representa os grandes chefões da máfia colombiana. Entre todos os candidatos à Presidência nesta década, apenas Galán teve a ousadia de defender a extradição para os Estados Unidos. Com isso o senador se tornou alvo fácil para os

narcos que lutam até hoje para revogar essa lei.

Colômbia, Peru, Bolívia, Panamá e México, são países andinos que por tradição cultural cultivam a folha de coca. Nos últimos tempos os governantes de todos estes países contribuíram, direta ou indiretamente, para corromper a sociedade, seja com abuso de poder ou violações dos direitos humanos. A miséria dos países andinos, os latifúndios, cresceu e contribuiu para a formação deste círculo vicioso que comanda e se aproveita da ignorância do povo miserável que lucra com o tráfico de drogas, abastecendo os países consumidores do primeiro

trouco dizendo: "não descansaremos antes de destruir as organizações dedicadas ao narcotráfico. Aqueles que dependem da cocaína criaram a maior e mais perversa indústria do crime que o mundo já conheceu". Depois de ter escutado o discurso do presidente, Pablo Escobar disse: "nosso único desejo é a integração na sociedade legal, mas o governo não quer. Se tivermos que promover a guerra total, iremos até o fim. Não importa se vamos vencer ou se vamos ser derrotados".

Intervencionismo

Um dos personagens mais combatidos nesta década pelos Estados Unidos, pela sua posição política anti-ianque e seu suposto envolvimento com o tráfico de drogas, foi o ex-ditador do Panamá Manuel Antonio Noriega, que está indiciado como traficante num tribunal da Flórida. Com fôlego de gato o general Noriega tentou sobreviver a quase dois anos de sanções econômicas, porém, ao final da década, Washington, mais uma vez, demonstra seu intervencionismo na América Latina invadindo o Panamá. O subsecretário de Estado americano, Lawrence Eagleburger, frente ao plenário da OEA, no mês de setembro de 89, entregou uma relação de bens materiais do então presidente panamenho avaliados em 300 milhões de dólares e disse que não tinha melhor oportunidade para fazer em público o inventário da riqueza mais do que suspeita de Noriega, que tem como única fonte de renda seu salário de general.

Em dezembro de 1989, finalizando a década, o cartel de Medellín mata mais de 150 pessoas em dois atentados em represália aos cinco informantes que deram indicações sobre o paradeiro do traficante Pablo Escobar, que escapou da polícia colombiana. O primeiro foi na quarta-feira 6 de dezembro em frente ao prédio da polícia secreta colombiana, em Bogotá. O alvo número um, o chefe do departamento Administrativo de Segurança (DAS), coronel Manuel Antônio Gonzales, saiu ileso da explosão de quase meia tonelada de dinamite. O mais sinistro de todos os atentados da década que alarmou o mundo inteiro, foi a explosão do avião da companhia aérea Avianca que deixou 107 mortos.

Ivan R. Flores



Apreensões: luta contínua

mundo. Esta corrupção veio à tona com o confisco que o governo colombiano fez em agosto de 89. Em três dias foram presas 11 mil pessoas e apreendidos 678 armas de fogo, 3 303 baterias de munição, 1 161 carros e caminhões, quatro toneladas de pasta de coca (produto intermediário entre as folhas de coca e a cocaína refinada), 1086 quilos de cocaína, 62 aviões, 18 helicópteros, e 5222 animais. Todos os bens materiais confiscados estão avaliados em US\$ 300 milhões mas a fortuna dos traficantes de cocaína vai muito além e está avaliada em bilhões de dólares.

Fábio Ochoa, latifundiário, pai de traficantes, escreveu uma carta para o atual presidente Virgílio Barco propondo diálogo e conciliação. "Sou pai dos chamados 'Extraditáveis', coitadinhos que Deus os proteja. Presidente, vamos dialogar e procurar a paz, vamos esquecer o passado e começar de novo. Perdoemos, como nos ensinou Jesus Cristo". O talento literário do patriarca do clã Ochoa não venceu o presidente, que re-

Europa derruba fronteiras em 92

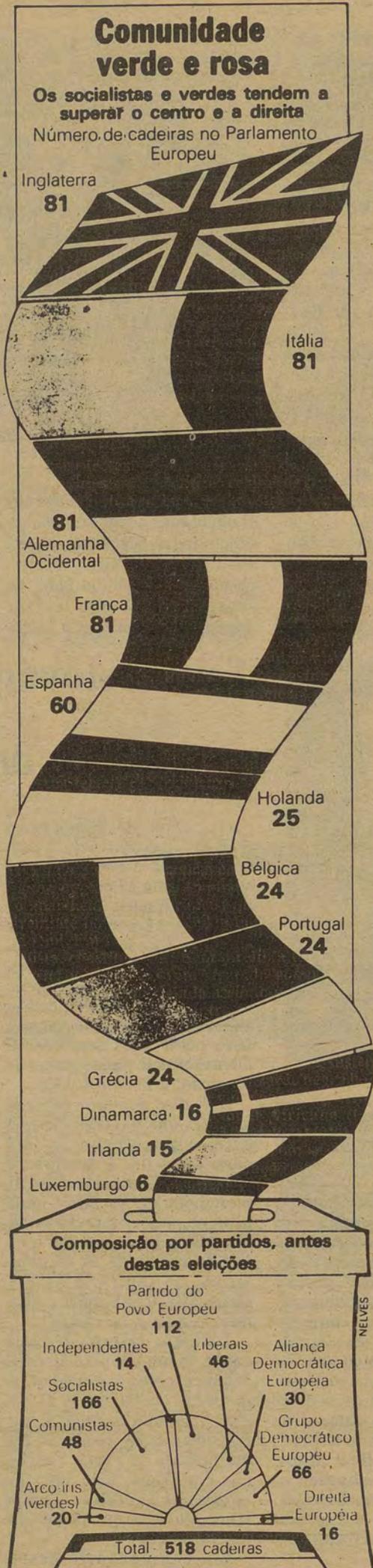
Doze países vão se unir num grande mercado

O velho mundo europeu celebrará, no dia 31 de dezembro de 1992, muito mais que um simples reveillon.

Além do novo ano que virá, no último dia de noventa e dois, serão tomadas as últimas providências de um total de 300 medidas inscritas no Livro Branco, a bíblia que rege e sacramenta todos os atos a serem realizados pelos governos que desejam realmente integrar seus países na grande unificação européia.

O Livro Branco foi publicado pela Comissão Européia, com sede em Bruxelas, em junho de 1985. Ali estão contidos os caminhos a serem percorridos conjuntamente pela Europa para transformá-la num imenso mercado único com 320 milhões de consumidores. Ele foi aprovado pelos chefes de governo da Europa no mesmo mês da sua publicação, e seis meses depois os mesmo chefes de governo assinaram o Ato Único Europeu, que revisava constitucionalmente o Tratado de Roma, responsável pela origem do Mercado Comum Europeu (CEE) em 1957. Na verdade, quase um terço das medidas previstas no Livro Branco já foram adotadas e em 1992 pouco restará para ser feito.

A unificação européia é uma novela que passa por uma série de capítulos, determinantes para o "gran final". Entre os mais importantes estão a criação do ECU-European Currency Unity, a moeda comum européia — o clima econômico e a abertura das fronteiras — o grande desfecho — que, simbolicamente, representa a horizontalização da economia européia com a livre circulação de mercadorias, bens e capitais e a liberdade de ir, vir, gostar e ficar onde se desejar. Isso significa que um dinamarquês, por exemplo, poderá se estabelecer na Espanha como se tivesse migrado dentro do seu próprio país, exercerá sua profissão como um espanhol e terá seu diploma acadêmico imediatamente reconhecido. Deverá ter fluência no idioma para poder fazer frente ao mesmo profissional espanhol. Vale a lei do mercado. Sua adaptação também levará em



A dama é contra, gostem ou não

conta o quanto se sente atraído e identificado pelas "corridas de toros" pela música flamenca, pela arquitetura tipo mediterrâneo encontrada no Sul espanhol e, possivelmente, pela sua disposição de se comunicar em basco, galego ou catalão.

A Europa-92 desperta sonhos antigos de unificação. Porém, pela primeira vez a integração se faz pela livre e espontânea vontade, não pela dominação que historicamente abalava qualquer tentativa pacífica de acordo. Que o diga Júlio Cesar, Carlos Magno, Napoleão Bonaparte e Adolf Hitler. A nova Europa é fundamentada na liberdade pessoal e na concorrência econômica e, conseqüentemente, no poder político-econômico que passa a sustentar na esfera mundial.

O presidente francês François Mitterrand, dizia, na sua primeira declaração em 1º de janeiro de 1988, que estavam faltando cinco anos para fazer de 320 milhões de pessoas um povo em movimento, um ator da história. Agora só faltam três. A idéia de um povo em movimento se tornar ator da história passa a ser brilhante quando isso não é feito com sangue e violência. Ao contrário, mais do que nunca, as desavenças e os conflitos históricos entre os países europeus estão sendo deixados de lado em benefício do fortalecimento econômico como forma de melhorar a vida dos cidadãos europeus. Nem tudo, entretanto, é repleto de pétalas ro-

sa. Há espinhos, grossos e pontiagudos. As normas industriais, por exemplo, são tão diferentes em cada país que harmonizá-las não está sendo nada fácil. A França possui 80 mil normas e a Alemanha 130 mil. Entre tantas semelhanças encontram-se também enormes divergências. São essas divergências que, uma vez solucionadas, viabilizarão o projeto Europa-92. Um funcionário do CEE afirma: "O trabalho que fazemos aqui pode ser comparado ao de uma central que distribui picaretas a vizinhos do mesmo bairro para que destruam seus muros". Destruição. É a chave da nova construção européia. A destruição dos preconceitos raciais, das barreiras comerciais, industriais, fiscais, nacionais e alfandegárias.

Longe da euforia européia que é a unificação de 92, estão os países do Leste, que, próximos geograficamente, gritam forte e com boa ressonância nos ouvidos dos europeus do Oeste. Inevitável pensar numa Europa unida e desprezar os países da ex-cortina de ferro, que nesse fim de década supreendem o mundo com suas atitudes liberais e com mudanças políticas significativas. O muro de Berlim traz à tona a discussão da reunificação alemã, que, indubitavelmente, estará em breve na pauta da reunião da Comissão Européia, mesmo que Mitterrand e Thatcher sintam-se desgostosos pela possibilidade de assistirem à emergência de um Alemanha muito poderosa, sob todos os aspectos. Não esqueçamos também da riquíssima Suíça, dos países escandinavos (Suécia, Noruega e Finlândia) e da Áustria. Esses cinco tentam a todo custo tirar o maior proveito possível da situação, para que seus produtos e serviços entrem em circulação no imenso mercado de 320 milhões de pessoas.

Os doze países que compõem o mercado comum (Alemanha, França, Itália, Reino Unido, Espanha, Holanda, Bélgica, Dinamarca, Irlanda, Luxemburgo, Grécia e Portugal) se preparam ostensivamente para virar o século num grande continente unido com a preocupação prioritária de enriquecer seu povo e encher seus cofres. Um grande painel. Quem tá fora não entra e quem tá dentro não sai.

Murilo Naspolini

Uma nova era para o socialismo

Mais democracia é o segredo de Gorbachev

Sessenta e oito anos depois da revolução russa a União Soviética vive um período de reformas econômicas e políticas. A Perestroika, ou reestruturação, na sua tradução mais próxima, pretende tornar a economia socialista e o Estado não só mais eficientes como também mais democráticos. Algumas mudanças começaram no governo de Yuri Andropov, porém não continuaram com Konstantin Chernenko. Só em 1985, com a morte de Chernenko e a ascensão de Mikhail Gorbachev ao poder é que a Perestroika foi levada adiante.

Ao começar pela sucessão e pelo novo líder, os soviéticos

já sentiram os ares da renovação. Em toda a sua história o país nunca havia presenciado uma sucessão tão rápida e nem teve um líder tão jovem. Passadas apenas 4h15min da morte de Chernenko, Mikhail Gorbachev era empossado aos 54 anos, secretário-geral do Partido Comunista.

Com Gorbachev o país abriu suas portas para outras nações. Era preciso um intercâmbio de tecnologia, e para isto o governo fez convênios com fábricas estrangeiras de grande porte (multinacionais). Empresas como a Staroup, a Toyota e a Coca-Cola, foram em busca deste novo mercado, mas passaram a funcionar dentro dos moldes socialistas, principalmente no que diz respeito ao tratamento com os trabalhadores.

A Perestroika tomava forma, e junto a necessidade de das transparência às atividades do governo soviético. As-

sim a "glasnost" fez-se parceira do processo de reestruturação da economia. Como o PIB estava estagnado era preciso eliminar a burocracia da máquina estatal, que impedia as reformas. Além disto a glasnost permitiu discussões mais democráticas, como eleições nos diversos níveis: desde fábricas, escola, empresas prestadoras de serviços até o Congresso do Povo, uma nova instância criada por Gorbachev.

Em 1988 até os exames escolares de história foram cancelados em nome da transparência. Isto porque a história que até então era ensinada aos estudantes começou a ser desmistificada e reescrita. A imprensa ganhou liberdade para informar.

Num país com tantas diferenças como a União Soviética, composto por 15 repúblicas (mais 28 regiões ou áreas autônomas), com 280



Gorby planta mudanças

milhões de habitantes, 100 nacionalidades e 130 línguas, as dificuldades acentuam-se para o líder soviético. Gorbachev enfrenta de um lado, os conservadores, que tentam impedir que o processo de re-

formas avance. De outro os radicais, liderados por Boris Yeltsin (membro do parlamento soviético e o mais votado pela cidade de Moscou), que pressiona para a urgência de mudanças. Mas o pai da Perestroika insiste em afirmar: "mais socialismo é mais democracia".

Esta democracia defendida por Gorbachev se espalhou pelas nações do Leste Europeu. Os países do Pacto de Varsóvia foram pouco a pouco deixando o ranço stalinista, para buscar um novo socialismo. A Hungria, Tchecoslováquia, Polônia, Alemanha Oriental e Romênia foram as primeiras a buscar esta abertura, ao contrário da Albânia que continua fechada dentro de um regime totalitário.

Textos
Roberta Miranda
Fernando Galotti



Jaruzelski teve que...



...engolir o antigo opositor, Walesa

Solidarnosc dita rumo polonês

Depois das primeiras eleições livres em quarenta anos de comunismo, a Polônia é o único país do Pacto de Varsóvia a querer voltar ao regime capitalista. As eleições que só foram possíveis depois das negociações feitas entre o governo e o Sindicato Solidariedade, em fevereiro e abril de 89, derrotaram o Partido Comunista Polonês.

Nas eleições o Solidariedade ganhou 161 cadeiras que disputou no SEJM, e 99 das 100 no Senado. O Partido Comunista e seus aliados, o Partido Unido dos Camponeses e

o Partido Democrático, mantiveram 299 cadeiras das 460 do SEJM.

Em agosto deste ano, pela primeira vez foi eleito um Primeiro Ministro não comunista, Tadeusz Mazowiecki. Ele defende a criação de um governo e uma economia liberal e pretende transformar o sistema totalitário em democrático. Mazowiecki foi um dos fundadores do Sindicato Solidariedade, preso durante a lei marcial decretada por Wojciech Jaruzelski em 1981, e se opõe ao comunismo.

Junto com Tadeusz Mazowiecki também foi reeleito o

presidente Jaruzelski do Partido Operário Unificado Polonês, que está no poder desde 1947. Sua reeleição só se concretizou porque sete parlamentares do Solidariedade votaram a seu favor, enquanto onze deputados da aliança comunista votaram contra.

Apesar de só agora o Sindicato Solidariedade conseguir uma representação expressiva no governo a luta já ocorre há muito tempo. Bem antes da chegada de Gorbachev a líder máximo do Partido Comunista Soviético, a Polônia já tentava uma abertura política e econômica.

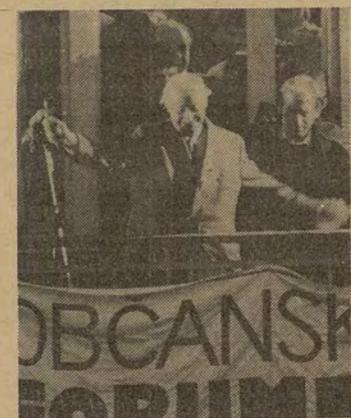
Tchecoslováquia rompe a "cortina de ferro"

Os ventos da democracia também passam pela Tchecoslováquia e começaram a soprar no dia 27 de novembro com a primeira greve geral realizada 21 anos depois da Primavera de Praga. Em busca de um socialismo renovado, a exemplo da Hungria, milhões de pessoas paralisaram as suas atividades no país para pedir mais democracia, liderados pelo maior grupo de oposição, o Fórum Cívico.

Dois dias depois o governo anuncia que haverá eleições livres e que a oposição fará parte do pleito. A Assembléia Nacional votou ainda o fim do monopólio do Partido Comunista no país. O secretário-geral, Milos Jakes que era a favor da repressão às manifestações, ao contrário do Primeiro Ministro Vladislav Adamec, renuncia ao cargo.

Um novo governo de coalizão é formado pelo premiê Adamec, com 16 ministros comunistas ocupando as 21 vagas. A população então se manifestou contra, reunindo 250 mil pessoas na Praça Venceslau, em Praga. Este novo governo foi repudiado pelos tchecoslovacos que protestam por mudanças.

Em consequência destes



Dubcek aclamado

protestos, pela primeira vez a Tchecoslováquia não tem a maioria comunista no poder. Vladislav Adamec foi substituído pelo reformista Marian Calfa, que montou um novo gabinete junto com a oposição. O presidente Gustav Husak, o último dirigente da geração que assumiu após a invasão de 1968, também deixou o governo.

A última medida anunciada pelo governo foi a derrubada da "cortina de ferro". A cerca de arame farpado que separava o país da Austria, no sul da Tchecoslováquia, começou a ser destruída no dia 12 de dezembro.

Na Hungria abertura na surdina

Mudança marca o início do regime pluripartidário

A virada reformista húngara aconteceu quase na surdina ao contrário dos outros países do bloco socialista. Enquanto o mundo se voltava para a Polónia, que na ocasião estava ocupada com as negociações entre governo e Solidariedade, a Hungria fazia profundas reformas.

Em janeiro deste ano, quando Karoly Grosz, secretário-geral do Partido Comunista Húngaro, estava na Suíça, para um encontro com representantes da Comunidade Européia, Imre Poszgay, outro homem forte do PC na Hungria, defendia o processo

de democratização no país. Quando Karoly Grosz voltou da Suíça, além de avalizar as declarações de Poszgay, defendeu o pluripartidarismo. Este foi o começo da abertura no país.

Em agosto a Hungria deu o passo mais ousado no campo da política externa, destruindo a cerca que caracterizava a "cortina de ferro" em seu país, na fronteira com a Áustria. Assim ela serviu de passagem para o mundo ocidental, permitindo a fuga de centenas de alemães orientais.

Já em termos econômicos a Hungria é um dos países do Leste Europeu mais avançados. A inflação anual é em torno de 16% e cerca de 90% de seus produtos têm os preços liberados. O sistema bancário passou a admitir competição entre os novos bancos comerciais e as empresas húngaras a aceitarem sócios ociden-



Esta popularidade incomoda os ortodoxos

tais. Mas a mudança mais radical se deu dentro do próprio PC. No dia 6 de outubro dei-

xou de ser Partido Comunista e passou a chamar-se Partido Socialista Húngaro (PSOH). Quatro dias depois a cúpula

Gamma-Sigla/veja

do partido levou para o XLV Congresso a retirada do conceito de ditadura do proletariado, defendida pela revolução de 1917.

A transformação do PSOH(PC) em socialista e a democratização do cenário húngaro, discutidas desde 1988 farão com que pelo menos quatro tendências disputem a maioria dentro do Congresso. Representando o governo, o Partido Socialista Húngaro e pela oposição: o Fórum Democrático (convergência de liberais nacionalistas e democratas cristãos), o Partido Social Democrata (aliança de socialistas de esquerda e liberais), Federação dos Jovens Democratas (liberais), Partido Socialista Operário Húngaro (stalinista) e o Partido dos Pequenos Proprietários Independentes (conservadores).

Muro cai e alemães se unem

A mudança mais radical de todos os países que estão passando por transformações, aconteceu na Alemanha Oriental com a queda do "Muro de Berlim". No dia 9 de novembro, foram postos abaixo as barreiras que há 28 anos separavam as duas Alemanhas. O povo cantou e dançou para comemorar o fim do "Muro".

Esta significativa abertura foi conseqüência de muitos protestos que ocorreram contra o regime, como a manifestação de Alexander Platz, que reuniu um milhão de pessoas. Além disso o governo tentava impedir as fugas que andavam ocorrendo maciçamente.

Dia 18 de outubro, o secretário-geral Erich Honecher, renunciou e em seu lugar assumiu o reformista Egon Krenz, que pregava medidas liberalizantes, como o trânsito livre através do muro. Dia 3 de novembro, tentando desincentivar as fugas para o ocidente, ele permitiu que os alemães orientais passassem para a RFA através da embaixada de Bonn, em Praga, sem a necessidade do visto. Além disto fez um novo projeto de lei para os expatriados mais liberal do que o anterior, que entrou em vigor dia 6.

O Primeiro Ministro Willy Stopf foi substituído por outro reformista, Hans Modrow, porta-voz de Gorbachev na Alemanha Oriental. No início



Subir no muro nunca foi tão digno...

de dezembro, Stopf, Honecker e mais quatro ex-membros da direção do PC foram julgados por corrupção e abuso do poder. Acusados de enriquecer ilícitamente e de ter prejudicado a economia do país, Honecker acabou sendo expulso do partido.

O Partido Comunista realizou no início de dezembro um Congresso Geral Extraordinário para discutir a grave crise do país. Lá a Comissão preparatória apresentou aos 3 mil delegados, a proposta de mudança do nome do partido para PSM (Partido Socialista Moderno), e também o rompimento com todas as estruturas stalinistas. Na mesma época a oposição, liderada pelo Novo Fórum, também se reuniu



... para derrubá-lo

com outros quatro partidos que fazem parte da coalizão do governo com o PC, para discutirem um projeto de eleições livres para maio de 1990.

Eric bouvet-Gamma Liaison/Time

David Burnett-Contact/Time

Romênia abre depois do massacre de 60 mil

O último país do Pacto de Varsóvia a defender o governo stalinista ortodoxo foi a Romênia. Após uma semana de rebelião popular, o ex-ditador Nicolae Ceausescu e sua mulher, Elena, foram depositos. "Que dia maravilhoso! O anticristo morreu no dia do Natal", anunciou pela televisão um representante do Comitê de Salvação Nacional que assumiu o poder, após a execução do casal Ceausescu, condenado por um tribunal militar extraordinário.

No poder há 24 anos, Nicolae Ceausescu destaca-se como maior opositor às reformas de Mikhail Gorbachev. Ele implantou na Romênia um regime autocrático e personalista, com forte repressão e censura internas. O sufocamento a qualquer oposição foi o que levou a ditadura Ceausescu à matança de 60 mil pessoas, durante os protestos do mês de dezembro. Além do massacre, o tribunal militar os acusou de "roubo de bens públicos, destruição da economia nacional, tentativa de fuga e imposição da ideologia comunista aos romenos".

Por discordar do processo de desestalinização iniciado por Nikita Krushev foi que a Romênia afastou-se da URSS. Tal afastamento chegou a livrá-la da bateria de ataques anticomunistas ocidentais. Mas o culto à personalidade, repressão, crise eco-



Ceausescu: um ditador a menos!

nômica e política levaram os romenos a ditarem um novo rumo para sua história. Até a própria Albânia afirmou que respeita o direito do povo romeno decidir sobre seu destino.

ALBÂNIA

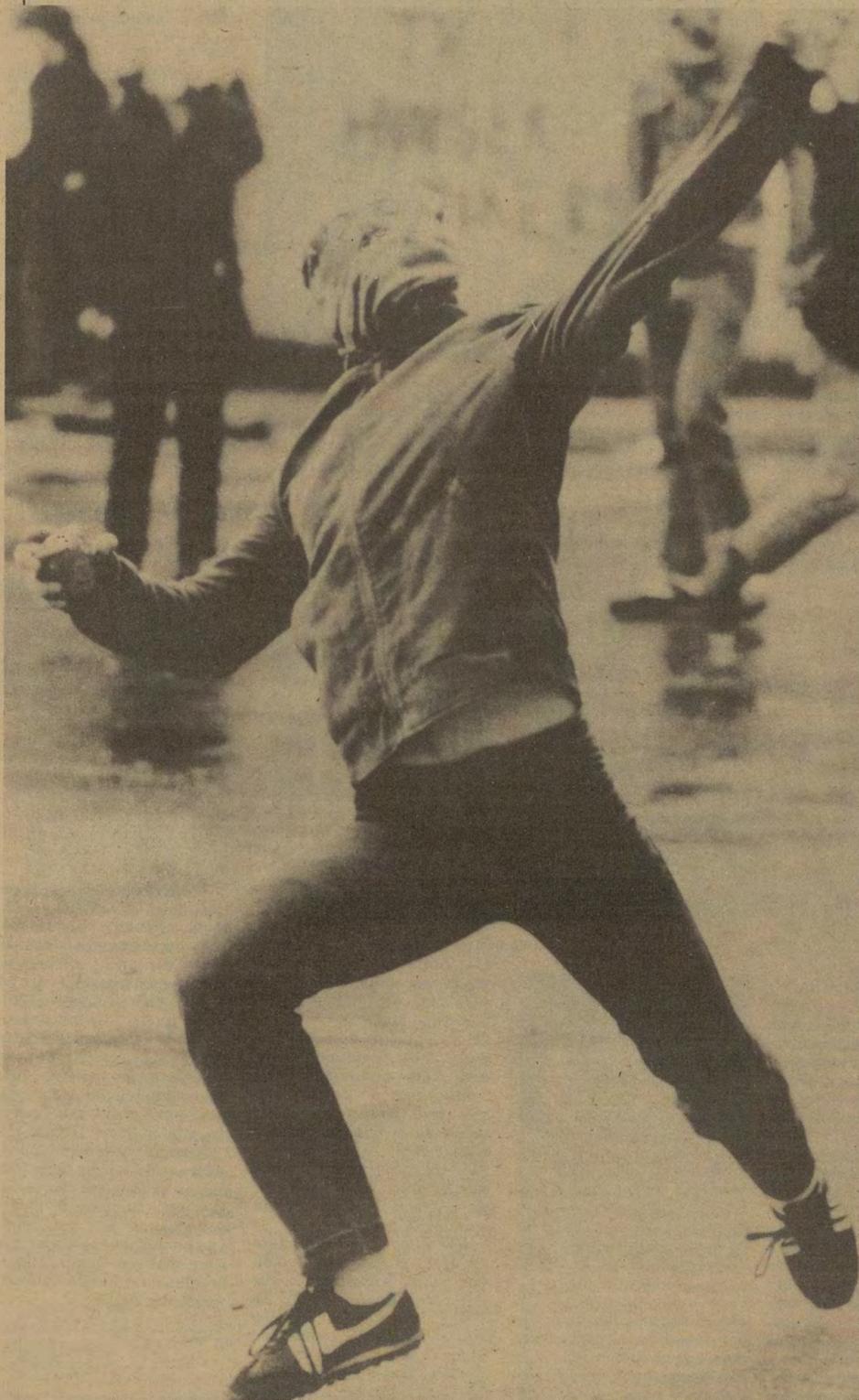
O último país comunista de linha-dura da Europa é a Albânia. Proibindo seus três milhões de habitantes a saírem do seu território, a Albânia só tem contato com o resto do mundo através dos 12 mil turistas que a visitam anualmente. Uma das maiores atrações da sua capital, Tirana, continua sendo a enorme estátua de Josef Stalin, e o museu local que cultiva a memória do ex-líder Enver Hodja.

A proibição de carros particulares e de batizar filhos com nomes cristão ou muçulmanos, são exemplos do atraso em que vive este país, onde Deus é oficialmente ilegal. Seu líder máximo Ramiz Alia se orgulha da Albânia continuar forte e vermelha.

Roberta Meyer e Maria F. Galloti

Gamma-Sigla

IMAGENS 80-89



Filipinas (86): Dupla inseparável, estudantes e pedras retornaram às ruas contra a tirania e a opressão

James Nachtwey/Photo



Etiópia (83): Apesar das ajudas, a fome ainda mata milhões

Anthony Susau/Photo



Nicarágua (83): Adolescentes convivem com cartuchos até no jogo

Bosio - Gamma/Photo



Ternura numa viagem do Papa ao Brasil

F Louchon - Gamma/Photo



Brasil (88): a proteção que não salvou Chico Mendes

Paulo Tibério



Irã (87): soldado iraquiano aprisionado se recusa a reverenciar Khomeini



A esta cena chamam "autonomia política"



Haiti: torturador "tonton macoute" incinerado

B. Diederich - CPI/Photo



Afganistão (80): execução de um traidor pelos "moujahidins"

Alan Mingan/Gamma

Exército do Povo atira no povo

**Praça da Paz
vira paredão
de estudantes**

Os ventos democráticos que sopraram sobre o leste europeu durante 1989 e que ficaram como marca política da década, viraram furacão ao chegar à China. O início da modernização econômica experimentada pelo país há dez anos não deu segurança suficiente aos líderes chineses para democratizarem a administração estatal. E foi para reivindicar reformas políticas e o fim da corrupção que uma multidão, estimada em 2 milhões de pessoas, lotou no dia 24 de maio deste ano a imensa Praça da Paz Celestial, coração e símbolo da China. Numa manifestação deflagrada por estudantes, que contagiou também as maiores cidades do país e arrastou às ruas operários, intelectuais funcionários públicos e até alguns soldados, à lembrança dos acontecimentos de 1968 na França e Tchecoslováquia.

No dia 27 de maio o sonho dos chineses de viverem numa democracia foi por água-abaixo com a decretação da lei marcial pelo governo conservador. Foram proibidas as aglomerações públicas, greves, distribuição de panfletos e ataques a dirigentes do partido e do governo. O 28º Exército recebeu ordens de marchar para o centro de Pequim pra "observar" a manifestação.

Aos primeiros anúncios sobre o endurecimento do governo milhares de pessoas desaguaram na praça para proteger os estudantes. Pelos alto-falantes, os líderes do movimento estudantil pediam a multidão para receber os soldados sem perder a calma. A apenas 3 quilômetros do centro da cidade, moradores impediam a passagem de um comboio militar com barreiras humanas e pedidos para que não marchassem sobre eles.

Com 18 dias de duração e sem haver entendimento entre governo e estudantes, o dirigente máximo da China, Deng Xiaoping, mandou seu exército calar a incômoda manifestação estudantil. Sob o pretexto de isolar "a pequena minoria que instalou o caos com objetivo de derrubar o partido, liquidar o sistema socia-



Pequim, 04 de junho: um dos massacres de civis que sacudiu o comunismo em 89.



Generais fascistas na China também fazem seus estragos

Gamma - Sigma/Visão lista e subverter a República Popular da China a uma república burguesa", o exército esmagou com brutalidade o movimento que brotou no coração de Pequim, na Praça da Paz Celestial, e florescera no apoio de milhares de chineses. No dia 3 de junho, legiões de soldados em alerta na periferia de Pequim avançaram sobre a avenida da Paz Eterna, rumo à praça onde os manifestantes insistiam em desafiar a lei marcial decretada desde 27 de maio. Às 10 horas da noite desse mesmo dia, os comboios de tanques, blindados de transporte e caminhões surgiram diante de chineses perplexos que não acreditavam "que o Exército do Povo abriria fogo contra o povo". A pé ou na carroceria de caminhões, os soldados atiravam contra tudo o que aparecesse pela frente — manifestantes, pedestres ou janelas de apartamentos onde houvesse curiosos.

Um rapaz, num gesto de louco heroísmo, se colocou sozinho no trajeto dos caminhões e arremessou um dardo em atitude de protesto; foi fulminado por uma rajada de balas. À medida que a praça ia sendo "limpa" — com o avanço das tropas os feridos eram retirados em macas improvisadas e nas garupas de triciclos — os estudantes recuavam na direção do Monumento aos Heróis do Povo, exatamente onde as manifes-

tações haviam começado semanas antes. Só ali calcula-se que 300 jovens tenham morrido a tiros, pancadas ou esmagados.

Ao amanhecer, as tropas começaram a queimar os destroços do acampamento destruído, os resquícios da luta noturna e até alguns corpos de estudantes mortos. Mas a batalha porém, não havia terminado. Em estado de choque com o massacre, a população combateu furiosamente o Exército durante todo o dia. Expulsos do coração da cidade, os civis tentaram reagir onde era possível. Os caminhões e blindados que se afastavam de seus comboios eram rapidamente cercados e destruídos por multidões enfurecidas.

A matança desses 2 dias foi promovida pelo 27º Exército, trazido especialmente da Mongólia, pois havia sinais de resistência nas fileiras do 38º Exército que era da região de Pequim. Essa revolta na China mostrou a verdadeira e única natureza do comunismo chinês: um regime anacrônico, corrupto e incapaz de reformar até a sua linguagem de jargões, pois acusou os estudantes de "contra-revolucionários" e as manifestações de "conspirações anti-partido".

Janice Barcellos

Koichi Imaeda—Magnum/Time

Apartheid, quanto tempo ainda?

Branco continua com medo da igualdade

Passados 500 anos o povo negro da África do Sul continua a ser massacrado em sua própria terra. Apesar de uma relativa abertura promovida pelo governo na última década, o regime do apartheid sobrevive, movido pelo medo dos brancos em ceder qualquer direito à população negra após tantos séculos de opressão desumana.

A presença branca na África do Sul vem desde 1488, quando o português Bartolomeu Dias, em busca das Índias, descobriu "Cabo das Tormentas" rebatizado em 1497 de "Cabo da Boa Esperança" por Vasco da Gama. Em 1652 os primeiros colonos holandeses — os bóers — chegaram à região, estabelecendo ali a Colônia do Cabo. Eram, em sua grande parte, vítimas da perseguição religiosa que atingia a Europa. Seguindo os holandeses chegaram franceses e alemães, além dos imigrantes ingleses que em 1814 tomaram a colônia.

Descontentes com a ocupação inglesa, em 1835 os bóers partiram em direção ao norte na "Grande Viagem", iniciando a invasão dos territórios, expulsando as tribos das terras férteis e dizimando as que resistiam. Depois de três anos de luta contra o domínio inglês, em 1902 os holandeses cederam e foi constituída a União da África do Sul, em 1910. Entre os anos de 1926 e 1947 teve início o apartheid, pesadela em que vivem até hoje os negros da África do Sul. Em 1948 o Partido Nacionalista, constituído pelos bóers ou africaners, chega ao poder e consolida a política de segregação racial. Em 1961 a África do Sul proclama sua independência e retira-se da comunidade britânica.

Hoje a república da África do Sul possui uma população de 26 milhões de negros dominados por uma minoria de cinco milhões de brancos descendentes de holandeses e ingleses, que instituíram como línguas oficiais o inglês e o africâner. A área que os brancos ocupam é inversamente proporcional à sua população: esta minoria monopoliza 87% do território sul-africano, enquanto tenta conter a população negra em apenas 13%. Trata-se de uma "meta" do governo branco, concebida em 1913: isolar os negros em "estados independentes" — os bantustões — até que a população do país se constitua apenas de brancos. No entanto os "estados independentes" não são reconhecidos por nenhum país e cada dia mais o projeto africâner se mostra impossível. Entre a absoluta miséria dos bantustões e o risco de ser preso ao procurar trabalho nas cidades, o negro prefere a última "opção". Hoje

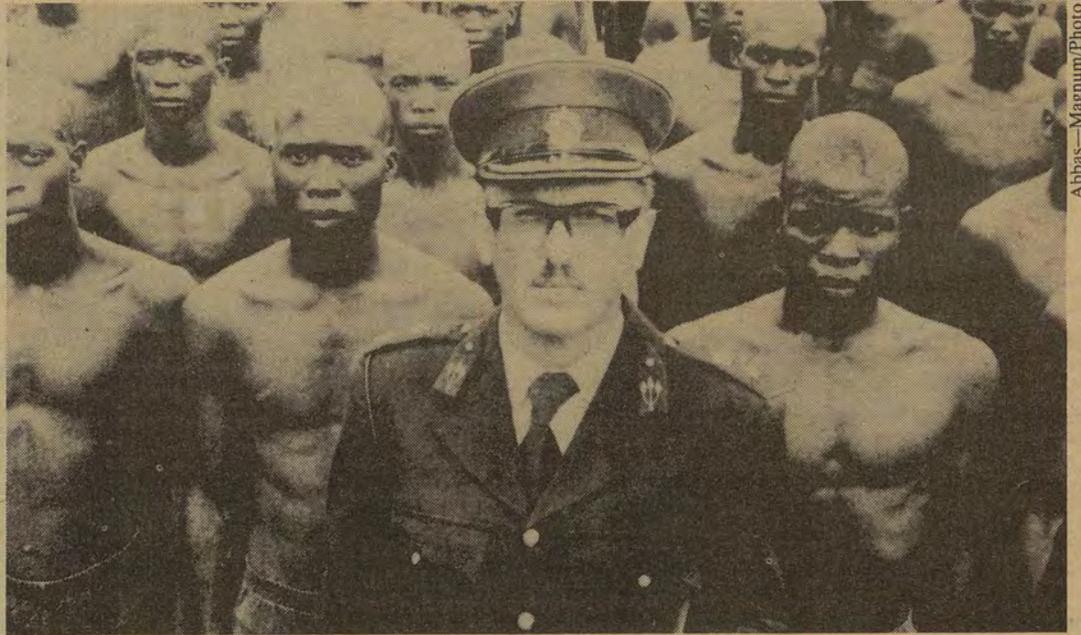
nos arredores das grandes cidades, como Pretória (capital administrativa), Cidade do Cabo (capital legislativa) ou Johannesburg, espalham-se verdadeiros guetos, como Crossroads e Soweto, onde subsistem milhões de negros que apesar dos esforços do governo recusam-se a trocar as "cidades-dormitório" pelos bantustões.

Economia forte — O caos social em que vive a África do Sul deve-se em grande parte, ao seu poderio econômico. Além de situar-se em um ponto geográfico estratégico, o país tem a mais importante reserva de matérias-primas do Ocidente, fornecendo a maior parte do abastecimento de cromo, manganês, platina, ouro e diamantes, além de titânio, antimônio e urânio consumidos por essa parte do mundo. Esse poderio explica o fracasso das lutas externas contra o regime de segregação racial. A indústria de armamento depende em grande escala da África do Sul, que tem nos Estados Unidos um aliado nas constantes interferências militares nos países vizinhos de governo socialista, como é o caso de Moçambique, Angola e Zimbábue.

Com o apoio da OTAN a África do Sul possui armamentos sofisticados e até a mais apurada tecnologia nuclear, o que a torna um enorme potencial militar. Devido às constantes agitações sociais, cada vez mais a sociedade civil se militariza. Enquanto fazendeiros africaners aprendem a manejar submetralhadoras, o governo mantém um quadro assustador: 100 mil soldados na ativa e 400 mil reservistas além de uma polícia com 56 mil membros. Esse é o pilar que sustenta o poderio branco e que transforma a África do Sul num território ensanguentado.

Sem direito à cidadania ou ao voto, tratado como um animal, ainda assim o negro sul-africano encontra forças e coragem para lutar por uma vida decente, participando de movimentos populares. Os dois maiores sustentáculos da mobilização negra hoje, como há vinte anos, são o Congresso Nacional Africano (CNA) e Nelson Mandela. O CNA foi criado em 1910, com o objetivo de reunir a nação africana, conscientizar e unir as várias raças coexistentes no país, como negra, branca, mestiça e indiana. Em 1960, considerado uma ameaça ao regime segregacionista, o CNA foi posto na ilegalidade. Em 1962 seu líder, o advogado Nelson Mandela, foi preso sob a acusação de conspirar contra o governo e condenado à prisão perpétua em 1964. Preso, Mandela continuou sendo a força do CNA e a maior liderança negra da África do Sul. Hoje o Congresso não luta só com idéias, mas possui o seu próprio braço armado, o Umkhonto We Sizwe, que conta com o amparo das nações da chamada Linha de Frente, como o Zimbábue e principalmente a Zâmbia.

Mas nem a organização armada consegue impedir os constan-



Cinco milhões de brancos oprimem 26 milhões de negros

tes massacres da população negra cada vez que esta ousa se manifestar contra as restrições que lhes são impostas. Os principais exemplos são o de Shaperville em 1960, quando a polícia matou 69 pessoas que protestavam contra a instituição do passaporte interno para homens de cor e o de Soweto, em 1976, quando estudantes negros protestavam contra o ensino obrigatório do africâner nas escolas. Resultado: 176 negros mortos e cerca de 1.120 feridos. Soweto deu origem a maior explosão racial nos últimos 20 anos, que provocou a morte de mais 600 pessoas. Além disso o estado de emergência continua em vigor desde 1986, o que significa que a qualquer momento um negro pode ser preso sem qualquer justificativa e mandado para o "corredor da morte".

O boicote dos mestiços — Em 1983 surgiu a Frente Democrática Unida (FDU), uma organização anti-apartheid moderada, que tem como líder o prêmio Nobel da Paz de 1984 e arcebispo anglicano da Cidade do Cabo, Desmond Tutu. A FDU é a mais importante frente legal de massas surgida na África do Sul depois que o CNA foi colocado na clandestinidade. Mais de 600 organizações políticas, sindicais e religiosas compõem a Frente e trabalham na conscientização das minorias. Um exemplo de vitória da FDU foi o boicote dos mestiços e indianos nas votações para a escolha de membros das novas câmaras do Congresso Sul-Africano destinadas a essas raças, em 1984. A medida de abrandamento da segregação criada pelo governo foi rejeitada, uma vez que servia para dividir ainda mais as minorias, pois os negros continuaram sem poder de voto.

A última década foi pontuada de pressões externas contra o apartheid. Além dos países vizinhos, que lutam abertamente contra o regime, e da própria Or-

ganização da Unidade Africana (OUA) que tem como uma das metas o fim da opressão ao povo negro, países de todo o mundo através da ONU, promoveram sanções econômicas à África Austral. Em 1986 mais de 65 grandes empresas multinacionais deixaram a África do Sul em protesto à recessão econômica e ao apartheid. Entre elas estavam a Exxon, a maior multinacional de petróleo, a IBM, a Coca-Cola, a General-Motors, a General-Electric e a Kodak. Mas ainda que algumas empresas não necessitem das matérias-primas sul-africanas, esse não é o caso de muitas outras que não só permanecem como estimulam a mão-de-obra barata e o apartheid. É o caso também de vários países, entre eles o Brasil.

Um exemplo de repúdio ao apartheid, foi dado pelos artistas, que em sua maioria boicotaram a África do Sul em suas turnês. No ano passado em Londres foi realizado um show para comemorar o septuagésimo aniversário de Nelson Mandela, além da turnê promovida pela Anistia Internacional, que reuniu Peter Gabriel, Bruce Springsteen, Sting e Tracy Chapman pregando os direitos humanos e o fim do apartheid. Apesar das pressões, Piether Botha, ex-presidente da África do Sul garantiu: "Nós temos a fé, a habilidade e os recursos naturais para garantir nosso futuro. A África do Sul não vai rastejar diante de ninguém."

Marcha lenta — As reformas sociais caminham em marcha lenta, ainda que Piether Botha tenha promovido algumas modificações, abolindo as restrições legais quanto à livre locomoção dos negros pelo país, quanto aos casamentos inter raciais e à frequência a prédios públicos. Depois de 11 anos no poder, em agosto de 89 Piether Botha foi forçado a renunciar em favor de

Friederik De Clerk, também do Partido Nacionalista, no poder desde 1948. Acuado pela constante pressão internacional o governo separatista chega a repensar sua posição em relação ao Congresso Nacional Africano.

Em julho de 89 o líder Nelson Mandela, com tuberculose, foi transferido da prisão para uma fazenda próxima à cidade do Cabo, onde teve um encontro com o ex-presidente. Em outubro oito dos mais importantes presos políticos do país, quase todos ex-dirigentes do CNA, foram libertados e o próprio congresso teve autorização para realizar uma manifestação pública em Johannesburg. Friederik De Clerk também promoveu um encontro com Kenneth Kaunda, presidente de Zâmbia e um dos principais inimigos do apartheid.

O governo africano atualmente se divide entre os múltiplos focos de pressão. Joe Modise, comandante da ala militar do CNA proclamou: "De Clerk é o último governante ilegítimo e partidário do apartheid", enquanto anunciava que a luta armada contra o regime deve intensificar-se. Ao mesmo tempo os grupos brancos mais radicais não hesitam em cometer atentados contra líderes negros, deixando clara sua opinião sobre as medidas liberalizantes. No meio de tudo, Nelson Mandela é mantido como uma espécie de "moeda de troca" entre negros e brancos.

Apesar das poucas mudanças a situação continua basicamente a mesma: os brancos detêm 60% da renda do país, enquanto a população negra continua pobre, analfabeta e sem representação política. Mas sempre há uma chance, quando essa parcela oprimida e revolta representa 74% da população.

Nilva Bianco

África não é mais quintal europeu

**Mas persistem
lutas internas
e a apartheid**

“O acusado número um declara-se culpado ou inocente?” — pergunta o promotor. “O governo, e eu não, é que devia estar sentado no banco dos réus” — resposta firme do acusado. Não era o julgamento de Tiradentes, Zumbi, Martin Luther King nem Gandhi.

Tratava-se de Nelson Mandela, líder do movimento anti-apartheid na África do Sul. A acusação que pesava sobre ele era o desacato a “Lei Ian Smuts” de segregação racial. Era também a época de convulsões políticas pela independência em quase todo o continente africano.

Em junho de 1964, o tribunal sentenciava a prisão perpétua ao acusado e a outros militantes nacionalistas negros, como Walter Sisulu. Enquanto isso acontecia na parte meridional do continente, nova configuração política se desenhava no resto da África, com a independência de quase todas as colônias francesas e britânicas. A OUA Organização da Unidade Africana, criada um ano antes em Addis-Abeba (Etiópia) levanta a voz contra a política do apartheid e contra os últimos redutos do colonialismo português e espanhol.

A comunidade internacional não só condena a prisão perpétua dada a Nelson Mandela, como apóia a OUA na luta pela libertação completa do continente. Com a independência da Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, Cabo-Verde, São Tomé e Príncipe, Seychelles e Djibuti, e a retirada dos espanhóis do Sahara Ocidental, a pressão da organização pan-africana volta-se sobre os regimes racistas da Rodésia do Sul e da África do Sul. E Nelson Mandela transforma-se em símbolo de luta pela paz e emancipação completa da África.

Ainda no clima dos festejos do fim do colonialismo no continente, os líderes africanos começam a década de 80 num clima de tensão político-ideológica que poderia levar a um *racha* na OUA. Dois problemas contribuem para isso: o conflito entre o Tchad e a Líbia pelo domínio da faixa fronteiriça de Aouzou e a anexação, pelo Reino do Marrocos, do Sahara Ocidental, cuja soberania é reivindicada pelos guerrilheiros da Frente Polisário.

Duas tentativas de realizar a reunião anual da OUA em Trípoli fracassam, em agosto e novembro de 1983. Muitos governantes africanos não vão à Líbia em protesto contra o que chamaram de “política anexionista” de Coronel Kadhafi, e outros abandonam o encontro por falta de entendimento sobre quem devia representar o Tchad. Na época



o Tchad vivia também uma guerra civil, opondo facções de Hissen Habré, no poder, e de Goukouni Oueddei, presidente até a alguns meses do encontro. Os dois fizeram-se representar na reunião. Como não havia instrumento legal sobre a matéria, e também pela falta de quorum, a reunião foi adiada.

Na África Austral, cai o regime racista da Rodésia do Sul. O acordo de Lancaster House (Inglaterra), em 1980, abriu o caminho para os nacionalistas da Frente Patriótica chegarem ao poder, pelas eleições diretas. O partido ZANU — ex-colisão com a ZAPU durante a luta armada — ganha o pleito e coloca Robert Mugabe como Primeiro Ministro do país, que passou a ser chamado pelo nome tradicional de Zimbábue.

A maioria negra fica com 80% das cadeiras no Parlamento e os brancos com 20, conferidos pelo acordo. A Constituição de 87, a segunda do país, acaba com os 20 lugares reservados aos brancos, e abre possibilidades a todos os partidos políticos a concorrerem ao Parlamento e à Presidência, independentemente da sua configuração racial ou religiosa. A Zanu consegue a maioria na Câmara e Robert Mugabe é eleito Presidente da República.

Liberdade

Na África do Sul, Nelson Mandela recusa a liberdade oferecida pelo presidente Pieter Botha em troca da renúncia à luta pelo fim do apartheid. Em meados de 85, Mandela dá uma resposta contundente ao governo, através de uma mensagem lida pela sua filha Zindzi, ante uma platéia numerosa em Soweto: “Surpreenderam-me as condições que o governo deseja me impôr. Não darei qualquer garantia enquanto eu e

vocês, meu povo, não estivermos livres. Sua liberdade e a minha não podem ser separadas”.

Em 1985, o reino do Marrocos retira-se da OUA, em protesto contra a admissão da República Árabe Saharaui Democrática como membro de pleno direito da organização. O Estado fora proclamado anos antes pela Frente Polisário em regiões libertadas do território. Apesar de não reintegrar a OUA, o Reino cede a pressões dos governantes africanos e aos apelos das Nações Unidas, que já conseguiu juntar as partes beligerantes para negociar um acordo sobre a autodeterminação do território.

Em 1988 mais de 50 chefes de Estado e de governos africanos assinalaram as “Bodas de Prata” da OUA, cantando parabéns a você e partilhando um bolo gigante, saboroso pelo fim do colonialismo no continente e pelas inúmeras vitórias conquistadas no terreno produtivo e educacional, mas com partes azedas pelas dificuldades que têm ainda que enfrentar para fazer o “continente-mãe” recuperar o tempo perdido na trilha da humanidade pelo progresso.

Ainda no cardápio constavam o apelo à unidade e entendimento entre todos os povos e nações do continente, a resolução pacífica dos conflitos internos no Sudão, Etiópia, Moçambique e em Angola, assim como pelo fim das disputas fronteiriças entre Somália e Etiópia. Condenaram o intervencionismo externo em questões africanas e os ataques norte-americanos à Líbia. Congratularam-se pelo novo entendimento interno na Uganda, no Tchad e no Burundi e emitiram uma moção de apoio ao presidente líbio pela sua disponibilidade de negociar a soberania da faixa de Aouzou, dentro dos princípios estabeleci-

dos pela comissão “ad-hoc” da OUA.

Na sobremesa, os líderes africanos degustaram o amargo sabor que a situação na África do Sul apresenta. Todos foram unânimes em condenar a política do apartheid e exigir a libertação incondicional de Nelson Mandela e de todos os presos políticos sul-africanos. Quanto à Namíbia, anexada pela África do Sul desde o fim da I Guerra Mundial, exigiu-se a aplicação da resolução 435/78 do Conselho de Segurança da ONU, sobre a autodeterminação e independência da ex-colônia alemã.

Os dançarinos apresentaram números como mensagens de apelo ao entendimento em Angola e Moçambique. Os governantes não deixaram, com isso, de condenar os atos bárbaros praticados pela Renamo contra civis moçambicanos e estrangeiros em serviço no país.

Vitórias Sofridas

Um ano depois, a safra política mostrou-se positiva pelos acontecimentos registrados em muitos pontos do continente. A África do Sul mudou de presidente e, em consequência, avançou nas reformas sócio-políticas. Nelson Mandela está mais “à vontade” na prisão domiciliar; muitos nacionalistas negros, inclusive Walter Sisulu, foram libertados; a lei que proibia os negros a frequentarem as praias foi abolida. Alain Boesak, presidente da Organização Multiracial, UDF (Frente Democrática Unida) e o Bispo Desmond Tutu, Prêmio Nobel da Paz, vêem nessas reformas o prelúdio do fim da segregação racial no país. Outro bom resultado é a vitória do Swapo nas eleições organizadas em novembro, sob os auspícios da ONU. O país vai tornar-se independente no dia

primeiro de abril de 1990. Em Angola, o governo de Launda e os rebeldes estão negociando o fim do conflito iniciado desde a independência do país em 75. Os ventos de reconciliação estão soprando também em Moçambique. O Presidente Joaquim Chissano anunciou-se disposto a negociar com os guerrilheiros da Renamo. A situação tornou-se relativamente menos tensa nestes países devido a retirada do contingente militar cubano de Angola e as reformas estruturais em Moçambique.

Se a safra política foi positiva, o mesmo não aconteceu na economia. O continente tem acumulado 240 bilhões de dólares em dívida externa. E sofre uma sangria de 10 bilhões de dólares anuais com a fuga de capitais. No geral, a economia baixou 10% em relação ao início da década. Além da seca e o avanço acentuado do deserto do Saara, a África enfrenta o problema do preconceito financeiro. A imagem ruim que se faz dela reduz a entrada de investimentos particulares. Os financiamentos feitos por países desenvolvidos e organismos internacionais só ajudam a resolver os problemas momentâneos.

Para romper com este verso alarmista, os dirigentes africanos investiram na política de reestruturação política econômica como um dos meios de atrair capitais estrangeiros. Investiram também na formação de quadros qualificados e na implantação de infraestruturas mais modernas e viradas ao incentivo à produção. Deu resultado. De 81 a 85, o crescimento econômico foi de 1,1%; e em 88, chegou a 3,5%.

Houve melhoria na agricultura. Só no período 85/88, a taxa anual de crescimento da produção agrícola foi três vezes superior a taxa média dos últimos 15 anos. Atualmente, a importação média é de 33 bilhões de dólares em mercadorias; 17 bilhões de dólares menos que em 1980. Exporta, no entanto, cerca de 20 bilhões de dólares menos que nos anos 70. A explicação reside fundamentalmente na queda dos preços do café, cacau, algodão, e de outras matérias-primas no mercado internacional.

Analistas políticos africanos avaliam a década de 80 como positiva para a África. E prevêem melhorias nos sistemas políticos e nos modelos econômicos africanos. A FAO (Fundo das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) escreveu em seu relatório de seis de março de 1989 que as perspectivas alimentares na África são (agora) favoráveis em razão das boas colheitas dos últimos anos, e o Banco Mundial (oitto de março de 1989) atesta: “A África sub-saariana conheceu um avanço no plano econômico e os sinais encorajadores de recuperação auguram bem o futuro”.

Pedro dos Santos

Guerra santa já dura 15 anos

**E fez do Líbano
palco de luta
permanente**

O Líbano termina a década de 80 literalmente explodindo mais um presidente, após 15 anos de guerra civil entre cristãos e muçulmanos e sob ocupação de exércitos sírios e israelenses. A morte de René Moawad, 17 dias após assumir o governo, ameaça o débil acordo de paz vigente num país devastado pela guerra e politicamente desagregado. O Parlamento, eleito pela última vez em 1972, reuniu-se em 24 de novembro, dois dias depois do atentado, e elegeu o cristão maronita Elias Hraoui, que assumiu prometendo reconciliar cristãos e muçulmanos.

As diferenças entre as duas comunidades remontam ao século passado, quando os cristãos maronitas árabes tornam-se peças importantes da dominação européia na região. No Líbano, independente desde a década de 40, os cristãos controlam grande parte da economia, enquanto que os muçulmanos, que formam a maioria da população, subsistem como artesãos, operários ou lavradores. A afluência de refugiados palestinos ao sul do país, no início dos anos 70, com o apoio dos muçulmanos, agravou as tensões, e serviu de pretexto para os ataques israelenses ao território libanês. A origem dos conflitos está na divisão de poder acordada em 1943 e hoje questionada pelos muçulmanos, que dá os cargos de presidente a um cristão maronita e de primeiro-ministro a um muçulmano sunita.

Em 1975, um atentado de falangistas cristãos a um ônibus matou 27 palestinos e libaneses muçulmanos, desencadeando a guerra civil. A intenção da direita libanesa, além de expulsar os palestinos, era provocar a divisão do país, desenvolvendo separadamente a zona montanhosa maronita e a costa islâmica. Em 1976, tropas sírias intervieram no conflito e garantiram a unidade libanesa. Mas as causas da guerra subsistiram e as tensões e ações armadas continuaram. Em fins de 1976 estimava-se em 40 mil



Cenário confuso onde se misturam interesses políticos, étnicos e religiosos

o número de mortos, além de 100 mil feridos. A capital, Beirute, ficou dividida em dois setores: o muçulmano, a oeste, e o cristão, a leste.

A década de 80 se inicia com o aumento das ofensivas israelenses em território libanês. Em 1981, a artilharia de Israel bombardeia o sul do Líbano, em represália à instalação de mísseis sírios, faz ataque aéreo contra posições palestinas. Um bombardeio aéreo sobre Beirute ocidental provoca 166 mortes e cerca de 600 feridos. Os Estados Unidos intervêm diplomaticamente e conseguem um cessar-fogo em 24 de julho de 1981.

O governo do primeiro-ministro israelense Menachem Begin despreza as condições do acordo e determina a invasão do Líbano, em junho de 1982, numa ação de forças de terra, mar e ar. As cidades de Tiro e Sidon foram ocupadas, e Nabatié e Trípoli arrasadas por bombardeios. O setor ocidental de Beirute, ocupado pela resistência palestina, foi cercado e bombardeado por mais de um mês. A capital, antes o mais importante centro político e cultural do mundo árabe, ficou destruída. Milhares de civis morreram e oito mil palestinos e libaneses foram aprisionados. Por fim, a OLP concordou em se retirar de Beirute e dois mil guerrilheiros palestinos saíram do país sob

supervisão internacional.

Assassinato e chacina — Em 14 de setembro, antes mesmo de chegar a ocupar a presidência, morre o líder maronita Bashir Gemayel, num atentado a dinamite contra o comando da Falange em Beirute oriental. Gemayel havia sido eleito pelo Parlamento 22 dias antes, como candidato único, indicado por Israel. Ninguém reivindicou a autoria do atentado.

No dia seguinte, o exército israelense ocupou toda a cidade de Beirute. Em 16 de setembro de 1982, 1.600 soldados falangistas e milicianos cristãos invadiram os acampamentos de refugiados palestinos de Sabra e Chatila, no setor muçulmano, com apoio logístico das forças israelenses. Centenas de civis desarmados foram massacrados, inclusive mulheres, velhos e crianças, na maioria familiares de combatentes da OLP. O número exato de mortos nunca foi conhecido, pois muitos corpos foram soterrados sob ruínas, com o auxílio de tratores.

A chacina ocasionou protestos em todo o mundo. Uma comissão do próprio Parlamento de Israel apurou a responsabilidade dos comandantes israelenses na matança, por terem incitado as milícias direitistas sob seu controle.

Com Israel ocupando metade do território libanês, o Congresso elegeu o novo presidente Amin Gemayel, irmão de Bashir, com os objetivos de reconstruir o país (com um custo calculado em 15 bilhões de dólares), retirar as tropas estrangeiras e restaurar a segurança nas fronteiras. Mas a eleição não eliminou as diferenças entre as comunidades que convivem no Líbano.

Acordo de paz — Em junho de 1983, Israel e o Líbano firmaram um acordo estabelecendo o fim do estado de guerra entre si. Israel deixaria o território libanês, juntamente com todas as forças estrangeiras, com o compromisso do Líbano de não abrigar grupos armados, bases, escritó-

rios ou estruturas que visassem ofensivas contra o território israelense. Internamente, diferentes facções político-militares-religiosas permaneciam em conflitos intermitentes.

1984 marca o Líbano com um colapso econômico, com a queda da moeda e um processo inflacionário sem precedentes, resultantes dos efeitos da guerra, que arrasou o mercado interno. Além disso, a crise no golfo pérsico ocasionou a suspensão da ajuda árabe, comprometendo ainda mais o déficit no balanço de pagamentos.

Em 1985, o exército israelense retira-se oficialmente do Líbano, após milícias cristãs terem desalojado a população muçulmana no Sul do País. Além desse confronto, havia um verdadeiro mosaico de combates no território libanês: drusos contra o exército libanês nas montanhas; cristãos contra milícias muçulmanas na linha verde em Beirute; tropas sírias contra milícias maronitas no norte; militantes xiitas contra guerrilheiros palestinos, também em Beirute. Grupos fundamentalistas islâmicos intensificam a onda de terrorismo, com seqüestros e atentados a bomba.

Nos dois anos seguintes, organizações xiitas realizaram ataques aos campos de refugiados palestinos, em ofensivas contra a OLP, na chamada "guerra dos campos". Continuam as ações terroristas, com atentados, seqüestros e execuções de reféns estrangeiros. Em 1987, falangistas e palestinos chegam a unir-se momentaneamente contra o inimigo comum xiita.

Nova crise — Em agosto de 1988, o Parlamento iria se reunir para escolher o sucessor de Amin Gemayel. Falangistas cristãos iniciaram combates com o exército regular, bombardeando a sede do Parlamento para impedir a eleição, que não foi realizada. Criou-se um confronto político entre Gemayel e o primeiro-ministro Selim Hoss, muçulmano, que se colocou contra as manobras continuistas do presidente.

Em 22 de setembro, antes do fim de seu mandato, Gemayel nomeou o general Michel Aoun, comandante do Exército Libanês, para primeiro-ministro interino, afastando Hoss sumariamente. A liderança muçulmana qualificou a medida de "golpe de estado" e proclamou Hoss "chefe do único governo legítimo do Líbano". Com o término do mandato de Gemayel, no dia 24 de setembro de 1988, o país ficou na insólita situação de ter dois chefes de governo e nenhum chefe de Estado. Selim Hoss só dissolveu seu gabinete depois da eleição de René Moawad, em novembro, morto logo depois e sucedido por Elias Hraoui.

Hoje, o principal confronto acontece entre o novo presidente e o general Michel Aoun, que não reconhece o governo de Hraoui e quer a retirada das tropas sírias do Líbano. Aoun foi destituído oficialmente do comando das forças armadas, tomou o palácio presidencial, de onde comanda 15 mil soldados, contra 20 mil de Hraoui, que mandou as tropas cercarem os rebeldes, armando a possibilidade de um conflito armado.

"Terra de ninguém" — Os combates entre as várias facções libanesas, aliadas ou contrárias a forças estrangeiras, conforme a conjuntura, além da escalada de ações terroristas, continuam sem que haja perspectiva de uma solução próxima. O quadro político atual pouco difere do de dez anos atrás. O Líbano transformou-se numa "terra de ninguém", o espaço destinado à solução das questões do Oriente Médio através da luta armada.

Atualmente, existem 27 organizações políticas no Líbano. Além da cisão e guerra civil entre cristãos e muçulmanos, oito grupos terroristas atuam no país. A Síria tem 40 mil soldados em território libanês, Israel ocupa uma faixa ao sul sob a alegação de segurança contra os palestinos refugiados e Irã e Iraque sustentam milícias fortemente armadas no país. Este quadro demonstra o grau de retaliação a que chegou o Líbano, que tem uma economia completamente paralisada.

Para Guy Condet, 59 anos, ex-diretor da Escola Francesa em Beirute, por 11 anos, e estudioso das questões libanesas, "essa guerra que estourou em 1975 dura ainda porque tanto de um lado como do outro ainda não existe o encorajamento de um diálogo claro e legal para encontrar uma solução justa e equilibrada para resolver o conflito. Os cristãos radicais recusam sempre modificar a constituição, enquanto que os sírios não irão deixar o território libanês até que os muçulmanos que apóiam não conseguirem a reforma constitucional". Um impasse, que não aponta para nenhuma solução, pelo menos a curto prazo.

Robert Willecke



Busca de feridos na zona muçulmana

Favorecimento aos cristãos já em 43 é uma das origens

D. Aubert—Sugma/Time



IstoÉ-Senhor



Guerra sem fim: bombardeio sírio ao setor cristão de Beirute (acima) forçou o general Michel Aoun (ao lado) a uma ofensiva. Desse círculo vicioso, saem dos escombros mais vítimas civis como o bebê (abaixo)



Sipa Press/IstoÉ-Senhor



Em 15 anos de guerra civil, o país está dividido em sete áreas de controle

A guerra civil libanesa tem na Constituição de 1943 uma de suas origens, na medida em que concede mais vantagens políticas aos cristãos. De acordo com ela, o cargo de presidente da República deve ser ocupado por um cristão maronita. No domínio legislativo, foi estabelecido que 60% da bancada teriam de ser cristãos. O cargo de maior escalão, que conseguiram os muçulmanos, foi o de chefe do gabinete de ministros, que tem de ser ocupado por um sunita.

Longe de um consenso, a unificação política do Líbano se mostrou inviabilizada pela rivalidade entre os dois principais grupos que constituem a população: os cristãos e os muçulmanos.

Os cristãos, de origem étnica árabe, se dividem em maronitas, ortodoxos gregos, católicos, protestantes e armênios. Estes últimos, que não são de origem árabe, instalaram-se no Líbano após o genocídio turco, em 1905.

O mais significativo grupo cristão é o dos maronitas e a importância deles se deve ao papel relevante que tiveram para os interesses franceses e do Vaticano na região. Por afinidades culturais e religiosas, serviam de porta de entrada do mundo árabe aos franceses. A França e o Vaticano, em contrapartida, deram respaldo aos maronitas para definir na Constituição o privilégio de poderem escolher, entre seus membros, o presidente da República.

Além disso, outros fatores contribuíram, na época, para o poder dos maronitas. Eles tinham uma força econômica considerável e eram o grupo mais numeroso que havia no país. Por isso, no Pacto Nacional de 1934, foi estabelecido que a participação política seria de acordo com a representatividade numérica de cada grupo, o que beneficiou os maronitas. Em 1943, o Líbano era o único país da comunidade árabe onde a maioria da população era cristã.

Os muçulmanos dividem-se em xiitas, sunitas e drusos. Os xiitas (em árabe significa "que não seguem a tradição") não passavam de um pequeno gru-



Israelenses dão sua cota

po em 1943, a maioria pobres agricultores. Mas se multiplicara de tal forma (cada família xiita tinha em média dez filhos), que contribuíram para o aumento da população muçulmana. Hoje, os muçulmanos são a maioria do Líbano e questionam o privilégio dos maronistas.

Mas os xiitas não formam uma unidade. Dividem-se em milícias como o Hezbollah (partido de Deus) e a Amal (esperança). O primeiro se constitui de um movimento integralista com forte caráter islâmico, que pretende fazer do Líbano uma nação muçulmana de estreitas relações com o Irã. É uma das facções mais radicais e responsável por inúmeros atentados terroristas.

Já a Amal é uma facção xiita moderada, que prega um Líbano unido numa confederação alinhada à Síria. Não desejam a eliminação dos cristãos, como o Hezbollah, mas sim formar com eles uma sociedade democrática.

Os sunitas ("respeitadores da tradição") são um grupo leigo e politicamente ligado à Síria e, em 1943, era o grupo muçulmano mais numeroso e organizado. Por isso, pelo Pacto Nacional de 1934, ganharam o privilégio de ocupar o cargo de chefe do gabinete de ministros. Este grupo só se diferencia dos drusos pela seita que adotam no islamismo, mas ambos lutam juntos com os xiitas contra os cristãos maronitas pela revogação da divisão de poder estabelecida pela Constituição de 1943.

Ozias Alves Jr.

Yan Mornan/Newsweek

Japão encerra anos 80 como a primeira economia do mundo

E vai comprando principais totens norte-americanos

Eles estão comprando tudo e se tornando a grande dor de cabeça do nacionalismo americano. São os empresários japoneses donos de 53 das 100 maiores empresas do mundo, o que torna o Japão líder absoluto do mundo industrial.

Tudo isso devido ao trabalho e disciplina que é o orgulho dessa nação, que depois da Segunda Guerra Mundial estava arrasada, mas conseguiu reconstruir o país. A verdade é que os trabalhadores japoneses praticamente só trabalham e têm o direito a dez dias de férias, contudo só folgam três.

A realidade japonesa não é a mesma de antes da Segunda Guerra, quando tinha que vender os seus produtos mais baratos aos norte-americanos. Hoje o que importa é a qualidade e lógico, a eficiência. Akio Morita, fundador e presidente do Conselho Administrativo da Sony se tornou símbolo dessa supervalorização da qualidade e da eficiência japonesa. A empresa do ramo eletrônico que tem sede em Tokyo, está expandindo seus negócios e entrando no ramo do

entretenimento nos EUA. A Sony, de Akio Morita, comprou a Columbia Pictures Entertainment, empresa responsável pela produção de grandes sucessos cinematográficos como "A Ponte sobre o Rio Kwai". Essa jogada pretende conciliar os produtos eletrônicos da Sony com a capacidade de fornecer filmes e programas de tevê da Columbia. Akio Morita já tinha comprado a CBS, a maior gravadora do mundo por 2 bilhões de dólares, entretanto a compra do estúdio de cinema representou uma forte preocupação para os americanos. Como o economista e analista da influência japonesa na política americana, Pat Choate define: "Um estúdio é um instrumento potencial de propaganda".

A todo esse sucesso, Morita atribui muitas razões entre as quais enumera três: "qualidade, qualidade e qualidade".

Aos olhos americanos a história de "qualidade" parece algo novo para a indústria japonesa, mas Akio Morita afirma ser uma velha tradição. Quanto a melhores investimentos nos EUA, ele garante que serão aqueles que aumentem a simpatia dos americanos pelos japoneses.

Essa simpatia está sendo algo muito difícil de obter. Principalmente agora, que a Mitsubishi do Japão, segundo maior grupo imobiliário japonês, comprou o Rockefeller Center, símbolo do império americano. O Rockefeller Center é um conjunto cin-

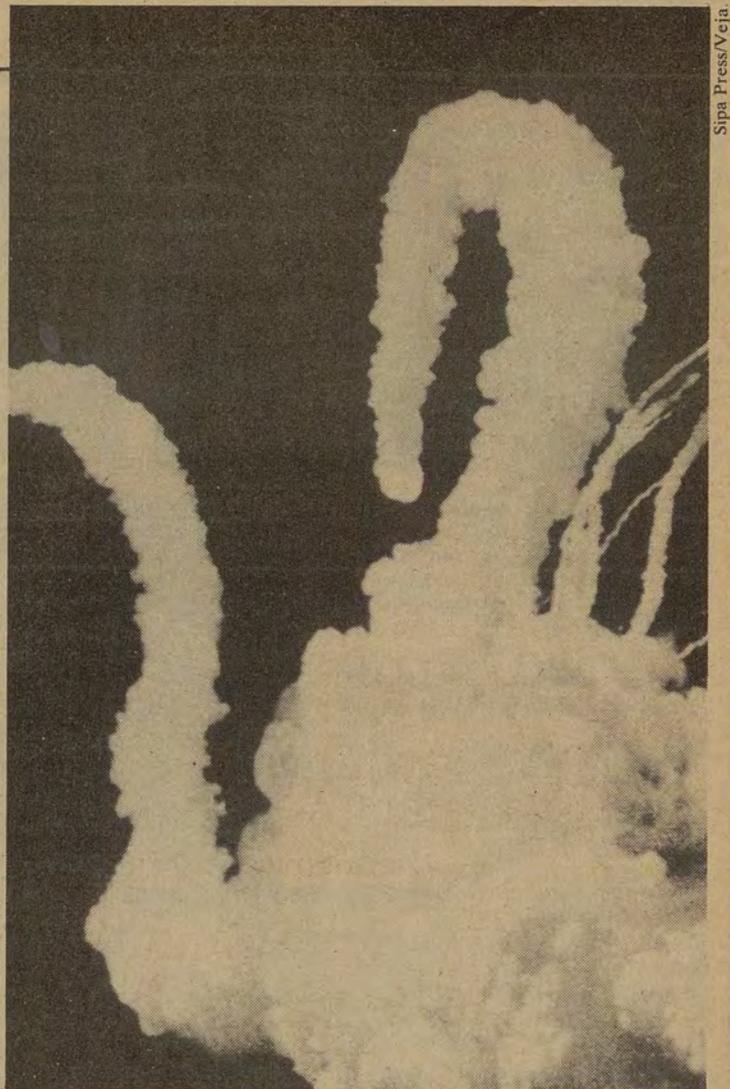
quentário de 21 edifícios encravados no coração de Nova Iorque, com o qual os americanos possuem uma relação fortemente sentimental. Kiyoka Hara, diretor-executivo da Mitsubishi admitiu que os americanos estão se sentindo invadidos, tudo por causa dessa relação que têm com edifícios.

Os Estados Unidos perdeu o lugar de maior economia do mundo, apesar de seu produto interno bruto (PIB) ter alcançado a cifra de 4,5 trilhões de dólares.

O Japão, está ultrapassando em desenvolvimento e produção os EUA e a Europa. O mito que o Japão é o forte na produção de automóveis, produtos eletrônicos e de tecnologia de ponta já está bastante enraizado. Mas o mais interessante é a constatação da revista americana Business Week que diz que o Japão está se firmando na siderurgia e na fabricação de navios e papel. O que é mais interessante, mas não surpreendente, é que a maior empresa do mundo é a japonesa Nippon Telegraph & Telephone do ramo de comunicações e que tem um patrimônio de 164 bilhões de dólares. É lógico, o homem mais rico é japonês, Yoshiaki Tsutsumi, dono, para espanto dos brasileiros, de uma estrada de ferro, a Ferro Seibu, um dos principais ramais ferroviários do Japão, e que possui uma fortuna de 15 bilhões de dólares.

Mas qual será a receita do sucesso japonês? Trabalho e disciplina, isto já é certo, qualidade também. Há quem garanta ainda que o sucesso do liberalismo econômico japonês se dá pelo fato da economia estar desvinculada do Estado. O "boom" econômico que ocorreu no final da década de 80 para o Japão, aconteceu no momento em que o governo japonês esteve passando por uma grave crise. O Partido Democrático Liberal que governa há 34 anos o país está envolvido em escândalos de corrupção e de má conduta de seus dirigentes. O ex-ministro do Trabalho, Takashi Kato recebeu suborno na forma de ações para favorecer os negócios da empresa japonesa Recruit, acabou indo para a cadeia junto com mais 14 pessoas. O ex-primeiro ministro Noboru Takeshita aumentou sua conta bancária para 720 mil dólares por essa mesma empresa. Já o atual primeiro ministro, Souzuke Uno pagou para ter relações com uma ex-gueixa, o que causou igual escândalo entre os japoneses.

Entretanto, sabe-se que o crescimento japonês e seu sucesso se deu pela sua capacidade de economizar dinheiro, num total de 32% da moeda circulante do País, mais alta taxa do mundo. Talvez a partir daí possamos criar o modelo de equação do sucesso: trabalho + disciplina + qualidade + poupança, tudo isso igual a primeira economia do mundo, a do Japão.



Challenger: sete vidas e meio milhão perdidos

Tragédia que abateu o orgulho americano

Às 11h39min do dia 28 de janeiro de 1986, a décima missão do ônibus espacial Challenger transformou-se no pior desastre da história dos vôos espaciais tripulados. Apenas 73 segundos após ter decolado da Base de Cabo Canaveral, na Flórida, a nave explodiu, quando voava a 16km de altura e numa velocidade três vezes maior que a do som. O acidente, provocado por um defeito num dos foguetes propulsores, deu à NASA um prejuízo de meio bilhão de dólares, causou a morte dos sete tripulantes e emperrou o projeto "guerra nas estrelas". Entre eles estava a professora Christina McAuliffe, que deveria ser a primeira cidadã comum a conhecer o espaço sideral.

Christina McAuliffe havia sido escolhida para dar duas aulas a bordo da Challenger, que seriam transmitidas para dois milhões de alunos através de um circuito interno de TV instalados em centros educacionais americanos. No entanto, o mesmo circuito de televisão acabou sendo usado para transmitir acompanhamento dos trabalhos de busca.

A equipe encarregada de procurar os destroços do acidente era formada por 13 navios, 13 aviões e centenas de homens, que vasculharam uma área de 93 km de largura por 115 de comprimento. Em cinco dias de busca já haviam sido recolhidos 800 quilos de destroços, entre eles fragmentos de tecidos humanos, que vieram provar que os corpos não foram incinerados, como os cientistas previam.

As causas da explosão foram descobertas através de um estudo detalhado de cada peça componente da Challenger, onde a única hipótese com-

provada foi a de uma possível falha nos "boosters". Os "boosters" são foguetes que auxiliam na subida, ejetados logo que a nave sai da órbita terrestre. Eles carregam combustível sólido, uma substância explosiva. Além disso, uma vez acionados, os "boosters" não podem mais ser desligados. Por esses dois motivos, foguetes do tipo nunca haviam sido usados em vôos com tripulação.

Na tentativa de tornar os "boosters" mais seguros, os cientistas da NASA colocaram nos foguetes um revestimento interno, que se queima e impede que o calor vaze.

Mesmo assim, a quantidade de revestimento não foi suficiente, e uma chama de 3200 graus centígrados escapou por uma rachadura e atingiu o tanque de hidrogênio líquido, causando a explosão. Enquanto os cientistas não concluíram as causas, o que demorou alguns meses, nenhuma missão de ônibus espaciais americanos foi autorizada pela NASA.

Após 28 anos da primeira viagem fora da órbita terrestre, feita por Yuri Gágarin a bordo da Vostok I, foram reconhecidas oficialmente 14 mortes em acidentes do tipo. No entanto, dados não oficiais mostram que ocorreram mais de dez mortes só em acidente espaciais americanos. Desde o acidentes, um novo planeta foi descoberto e a Voyager II conseguiu chegar a Urano. Para a NASA, os acidentes fazem parte do processo das descobertas científicas; mas a explosão da Challenger foi um marco na história das missões espaciais.



... não se iludam, agora é a vez do Império japonês

Márcia Moraes

Ana L. M. Coelho

AIDS vira a década sem solução

**Pode atingir
15 milhões no
ano 2000**

Na área da saúde, o grande destaque na década de 80 foi, sem dúvida, a AIDS, ou Síndrome da Deficiência Imunológica Adquirida. Trata-se de uma doença causada pelo vírus chamado HTLV-III, que, em menos de dez anos, registrou 140 mil casos no mundo, segundo dados oficiais da Organização Mundial da Saúde. Isto sem falar dos quase dois milhões de pessoas infectadas que ainda não manifestaram os sintomas da doença. Da mesma forma que a lepra na antiguidade, que a tuberculose na primeira metade deste século e que o câncer na década passada, a AIDS tornou-se hoje o grande terror da Medicina, extrapolando o plano da sintomatologia individual para acarretar profundas mudanças no comportamento da sociedade.

Já se sabe que a AIDS não é uma doença tão recente quanto se pensava. Reavaliando o caso de um jovem homossexual que morreu em 1969 nos Estados Unidos, os pesquisadores americanos chegaram à conclusão de que já se tratava de um efeito do vírus. No Brasil, o primeiro caso registrado aconteceu com um fotógrafo paulista de 42 anos, em 1981. De lá para cá, a incidência vem aumentando vertiginosamente, ano a ano: dos sete casos registrados em 82, pulamos para 1.983 casos em 88 e atingimos o total de 6.421 casos oficialmente registrados até abril de 89. Nesta época o Brasil estava em quarto lugar no mundo em número de aidéticos, atrás apenas dos Estados Unidos, da França e da Uganda. Dados mais recentes já colocam o Brasil no segundo lugar. Com base em estudos americanos, o Ministério da Saúde calcula ainda que deve existir 600 mil pessoas contaminadas no Brasil.

A AIDS é uma doença viral, transmitida pelos líquidos e secreções do organismo, essencialmente o sangue e o esperma. Segundo estudos científicos, parece pouco provável que haja transmissão pela saliva. O período de incubação da doença, ou seja, o período que vai desde o contato com o vírus até o aparecimento dos



Foto premiada, de 86 que desvenda a agonia de um paciente terminal, Ken Meeks

primeiros sintomas é desconhecido. Pesquisas de 1989 apontaram que esse período pode se estender até três anos e meio. A AIDS não tem sintomas específicos, isto é, não é o vírus da AIDS que mata. Toda a sintomatologia do aidético é em decorrência de outras doenças infecciosas que o paciente adquire. O que o vírus da AIDS faz é neutralizar a defesa natural do organismo. Desta forma, qualquer infecção comum, como uma amigdalite, pode ser fatal para um aidético.

ALERTA

Por ser uma doença que se transmite pelo sangue e esperma, a AIDS atinge basicamen-

te alguns grupos chamados de risco: os hemofílicos, os homossexuais, os heterossexuais de vários parceiros, os usuários de drogas injetáveis, os profissionais da área da saúde (médicos, enfermeiros, dentistas). De todos os casos registrados no Brasil, 74% se deram por transmissão sexual e 16,3% por transmissão sanguínea. Este último número é assustador e mostra a quantas anda o sistema de saúde no Brasil. Enquanto em Nova Iorque apenas 0,02% das bolsas de sangue estavam contaminadas, em São Paulo, uma pesquisa realizada em junho de 89 revela que um em cada 100 doadores são soropositivos.

No combate à AIDS várias drogas já foram utilizadas. Mais recentemente, cientistas americanos estão fazendo testes em macacos com uma proteína sintética batizada CD-4.

Esta proteína atrai o vírus e impede que ele se ligue às células do organismo. Só que seu efeito é muito fugaz, de apenas 30 minutos. A droga mais usada no tratamento de aidéticos é o AZT (Azidotimidina), porém seu preço não é nada satisfatório para o brasileiro: a importação da droga não sai por menos de oito mil dólares por ano. Além disso, o AZT é extremamente tóxico. Em relação às vacinas, o maior êxito até agora fica com

o pesquisador francês Daniel Zaguray. Ele aplicou em si mesmo três doses de uma vacina que criou e diz que houve um relativo aumento de seus anticorpos. Mas sua experiência ainda está na fase inicial e é muito cedo para dizer se será bem sucedida.

A AIDS não tem trazido apenas alterações comportamentais na sociedade, mas também um impacto econômico considerável por afetar, principalmente, a faixa mais produtiva da população: dos 25 aos 40 anos. No Zaire, por exemplo, o prejuízo com a AIDS, na década de 90, ficará entre 350 e 670 milhões de dólares anuais, cerca de 8 a 16% do PIB daquele país.

A grande expectativa da humanidade para a próxima década, com relação à saúde, parece continuar sendo a AIDS. Pelo muito que já se tem feito e gasto com a AIDS, pouco se tem conseguido em termos reais, fazendo com que a própria OMS reconheça que o número de aidéticos na próxima década deve alcançar os cinco milhões. E se a ciência não encontrar meios de combater a doença, esse número poderá ser triplicado na virada do século, ultrapassando os limites inicialmente definidos nos chamados "grupos de risco" para afetar os mais diversos setores da população.

Textos
Rogério F. da Silva

Discriminação isola doentes

Um dos problemas mais sérios vividos pelo aidético, talvez tão dramático quanto a própria morte física, é a morte social, ou seja, a discriminação que ele sofre na sociedade, no trabalho, e até mesmo no contato familiar. Historicamente, as doenças sexualmente transmissíveis (DST sempre carregaram consigo um estigma vinculado à prostituição, à marginalização). A AIDS aumentou ainda mais este preconceito. Todos esses tabus, entretanto, têm acarretado sérios problemas psico-sociais, conforme uma pesquisa realizada pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, o que leva os indivíduos portadores a ocultarem seu problema a fim de não serem identificados pela sociedade nem se tornarem alvo de curiosidade, escárnio ou rejeição popular.

Segundo essa mesma pesquisa, realizada em 1986, os principais sintomas de pacientes portadores de DST, entre

elas a AIDS, são: preocupação, relacionado com a ansiedade geralmente associado aos acontecimentos posteriores, problemas a serem resolvidos no momento e situações a serem enfrentadas; angústia, (relacionada com o impacto frente ao inevitável medo das conseqüências, sentimentos de culpa e de traição, medo de ser rejeitado e abandonado); dor e desconforto, (pelos sintomas físicos específicos e provavelmente exacerbados pelo medo, pela ansiedade e tensão); desespero, (pela situação expressa em termos de uma desgraça, algo que não poderia acontecer, azar). Situação que envolve decisões difíceis de serem encaradas, principalmente pelo medo das conseqüências, reveladas através do medo da agressão, rejeição e abandono, agravados pela angústia da presença de sintomas físicos, conotação de imoralidade e desregramento; tristeza e/ou depressão, pela raiva, revolta, culpa e auto-punição. A pesquisa revela ainda

que estes pacientes são uma população de alto risco em termos de saúde mental, dado a constatação de vários sintomas de ordem emocional.

Alguns grupos começaram a surgir no mundo e no Brasil com o objetivo de combater a marginalização. São os chamados GAPAs (Grupos de Apoio e Prevenção da AIDS). Grupos religiosos também têm se preocupado com a situação: em 1º de dezembro de 88 realizou-se na Catedral da Sé, em São Paulo, um culto ecumênico, reunindo membros das mais diversas religiões, inclusive a Assembléia de Deus que proíbe a seus adeptos entrar numa igreja católica. Finalmente, o Projeto Nomes, cujo representante brasileiro encontra-se em Florianópolis. Este grupo surgiu nos Estados Unidos a partir de um grupo de pessoas que construiu um tapete de 12 quilômetros de extensão contendo o nome de milhares de pessoas que morreram de AIDS.

Equilíbrio está acima da moda

Corpo, mente e espírito unidos trazem saúde

Nunca o mundo esteve tão perto do caos e nunca foi tão grande a busca por um estado de equilíbrio. A década que trouxe desastres ecológicos, atômicos e sociais degenerou em doenças físicas e psíquicas. A mesma década trouxe o culto ao corpo, ao espírito, à natureza, e o corpo-a-corpo na boca-de-urna. Nos anos 80, os corpos suados e cansados demonstram uma necessidade de fugir ao stress e encontrar a saúde. A busca de oxigênio, de "viver no ar" é a origem do termo aeróbico. A dança, o tai-chi, o yoga, as terapias corporais, são cada vez mais procurados e se associam à medicina e alimentação naturalista. Por trás de todos os modismos surge a necessidade de redefinir o que seria uma "Política do Corpo".

Estética ou saúde? perguntam os cultuadores do corpo. Mas estudos comprovam que as pessoas

procuram as academias principalmente por causa do convívio social. A busca pessoal de bem-estar total já era divulgada pelo Dr. Cooper (médico americano que inventou os aeróbicos) na década de 60. Nos anos 70 a ginástica aeróbica, surgida em Porto Rico, é divulgada pelos Estados Unidos e se universaliza, sendo considerada o esporte mais procurado do mundo. Chega ao Brasil em 80 junto com um boom mercadológico, que a torna elitizada, gerando muita polêmica entre fisiologistas e ortopedistas em função das lesões provocadas. Numa nova fase, apoiada por estudos científicos que começam a surgir nas universidades tanto do exterior como do Brasil (USP

UFRGS, UFRJ) os profissionais mais conscientes, indicam uma prática esportiva menos agressiva e mais cadenciada. Ela está apoiada nas bases da fisiologia e da biomecânica (ciência que estuda o movimento humano) sobre as quais se apóiam os novos programas desta ginástica. O novo boom aponta para a aeróbica de low-impact (baixo impacto) que pode ser praticada inclusive por pessoas de idade mais avançada. Mas, se a pesquisa científica

vem buscando uma forma de exercício para combater o stress e proporcionar bem-estar, estes objetivos nem sempre são alcançados nas milhares de academias que proliferam no país.

O professor e dono da Academia Marathon de Florianópolis, Gilberto Zacoutegu, diz que a culpa deste estado de coisas é a característica consumista dos modismos. Ele lembra que no mundo, aeróbica já é hábito e que no Brasil, a moda vai acabar. Mas "a ginástica veio pra ficar". Enquanto reconhece que nenhuma atividade física é completa e que existem outros exercícios tão bons quanto a ginástica (natação, caminhada, bicicleta), Gilberto se adianta em apontar o maior perigo da aeróbica: "A falta de conhecimento dos profissionais". Giba, como é conhecido pelos alunos, reclama a falta de fiscalização do CND (Conselho Nacional de Desportos) na exigência de profissionalismo na área.

Novos rumos — "O que é científico tem que servir para todos", ressalta Gilberto Zacoutegu apontando a tendência mundial de se praticar o exercício nos centros comunitários e clubes, com roupas comuns e sem "exibicionismos". Formado em Educação Física, "Giba" lembra que a principal meta da profissão é proporcionar a integração da saúde física e mental.

Reconhecendo o crescimento da ginástica aeróbica e o fato de ela já ter ultrapassado as fronteiras das academias, invadindo clubes, associações e praças públicas, a Confederação Brasileira de Ginástica pretende filiá-la em seus quadros para uma regulamentação apropriada. Enquanto isto, prossegue a luta para acabar com os aventureiros, e a confiança de alguns profissionais como Mauro Guiselini, mestre em Educação Física pela USP: "Parece que a médio prazo as academias de esquina com professores não formados em Educação Física não sobreviverão".

Porta aberta — "A Mente e o espírito não gostam de ficar num corpo doente" — lembra a professora de tai-chi Ásela Schneider. Ela avalia o surgimento da geração aeróbica dos anos 80 como uma busca de encontrar o equilíbrio. "Ainda vão aparecer mais coisas". E adverte: "Sempre tem aqueles que encontram uma forma de ganhar dinheiro com esta busca". Por isso ela acredita que muitos trabalhos acabam não dando frutos. Ásela explica a diversificação de exercícios físicos neste final de década pelo fato de cada exercício mexer com um tipo de energia. Assim, cada pessoa tende a encontrar um tipo de manifestação que melhor atenda a seus anseios e necessidades.

A professora de tai-chi diz que a felicidade está dentro de cada um e pode ser descoberta quando se entra em contato com o corpo. Isto porque o "corpo é o relicário do espírito". Ela acredita que as práticas meramente físicas po-



Corpos no ar tentam combater o stress

dem ser uma porta para se buscar outros caminhos. E ao apontar a persistência como a principal característica de quem pretende alcançar bem-estar através do exercício ela afirma que quem não trabalha a mente acaba cansando e desistindo. Pois corpo, mente e espírito integrados são as bases para uma vida saudável.

Ásela Schneider assegura que o tai-chi, mais que uma ginástica, é um verdadeiro tratamento de saúde e que o aspecto estético é uma consequência do que acontece interiormente. Ela enfatiza que uma política do corpo sem o mental e o espiritual não existe. Por abarcar esta concepção "tai-chi é essencialmente saúde no seu sentido mais profundo". Quanto às perspectivas futuras para os exercícios surgidos nas últimas décadas, a professora aponta a tendência do ser humano de "exagerar tudo que descobre" e afirma: "Só o que é verdadeiro permanece". E lá se vão as referências milenares das artes marciais. "Se estamos na terra para evoluir temos que optar pelas coisas melhores". E uma dessas escolhas é a alimentação, que para o dono do restaurante Grão, "limpa a tua cabeça e te faz perceber coisas que antes não percebias". Ricardo reconhece a distorção de pessoas que se apropriam desta busca visando o lucro e que para tanto passam por cima dos critérios naturais. É o caso de muitos produtos naturais divulgados comercialmente. Ao mesmo tempo ele reconhece a importância dos meios de comunicação na divulgação de pesquisas e do próprio naturalismo. "É uma faca de dois gumes". Ainda assim, Ricardo afirma que o princípio natural tem uma integridade que é difícil de ser rompida.

"As pessoas vêm buscando junto com a alimentação natural um conhecimento teórico de como se alimentar melhor — indica Ricardo. Uma política corporal, no seu entender, precisa respeitar uma regra alimentar, com horários corretos, hora para trabalhos físicos e para desenvolvimento mental. Mas esta política ainda não é para todos: "O naturalismo é necessário, mas a indústria é indispensável." Ricardo aponta

a falta de estrutura para uma produção orgânica (sem agrotóxicos) em grande escala e o grau de organização da indústria alimentícia tradicional como os responsáveis pelo encarecimento dos produtos naturais e pela inviabilização de um projeto mais amplo a curto prazo. Mas, "a utopia é possível" — conclui.

Relógio biológico — Um novo ramo da ciência biológica, a cronobiologia, vem chamando a atenção para que os homens comecem a ouvir seu ritmo interno e respeitá-lo. E a redescoberta dos mecanismos interiores de marcação de tempo, que são capazes de gerar ciclos funcionais, constituindo verdadeiros relógios-biológicos presentes nos seres vivos.

"Essa ordem temporal interna característica obedece a um equilíbrio delicado, que pode ser rompido quando as relações temporais entre o organismo e o meio são perturbadas abruptamente... Fadiga, irritabilidade, perda de apetite e queda do desempenho nas mais variadas tarefas são alguns dos sintomas mais frequentes nessas situações". (Revista Ciência Hoje, vol. 10 n.º 58). Trabalhadores submetidos a condições descompassadas com sua ritmicidade interna, como os viajantes, os de turnos alternantes ou noturnos, têm sua saúde prejudicada. Uma política econômica, ao não compreender que "o organismo é fisiologicamente diferente a cada momento do dia, com capacidade diferente de reagir aos estímulos ambientais (físicos, químicos, biológicos e sociais) a cada momento" (idem), pode tornar doente toda uma sociedade.

A vida sedentária, o "stress", o desgaste emocional e as exigências econômicas, fizeram explodir muitas válvulas de escape para atender aos corpos sedentos de oxigênio. Uma política corporal verdadeira só poderá se instalar quando todas as partes constitutivas do ser humano forem respeitadas. Incluso o ritmo de cada um.

Karin Vêras



Tai-chi: tranquilidade e movimento

Arte expressa agonia do homem

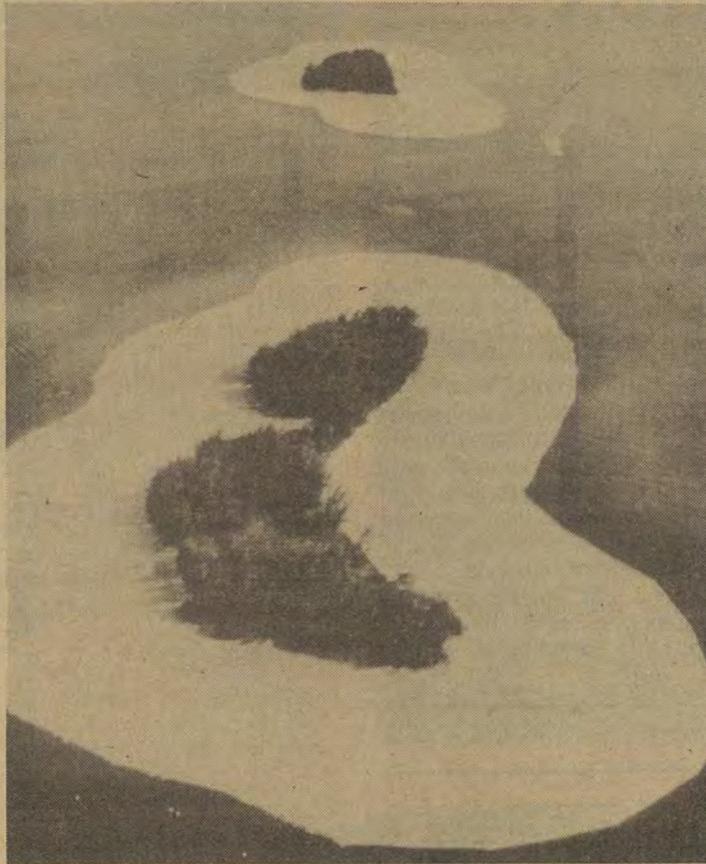
Abstracionismo e cinismo sobem na cotação

“Nestes anos houve a compreensão de que a arte emana do cotidiano e é construída numa tentativa de representá-lo”, diz Sérgio Weigert, professor de Estética e Cultura de Massa do Curso de Jornalismo da UFSC, sobre a arte na década. Para ele, “a arte dos anos 80 contestou menos que a de décadas anteriores não só pela ausência de ideais como pela falta de uma bandeira efetiva pela qual lutar”. É o predomínio de uma concepção cínica e niilista do mundo, pois, como frisa Sérgio, “as pessoas perderam uma perspectiva de futuro, uma perspectiva de mudanças”.

O modismo dessa última década foi o uso do abstrato como forma maior de expressão, presente em todas as técnicas talvez como fuga da realidade e dos problemas sociais. Foi a volta da velha frase “Arte pela Arte”, quando na maioria das vezes, as obras não eram destinadas à venda, como o Grafite nos muros das cidades ou as instalações em locais pouco convencionais.

Movimento! Esta foi a palavra de ordem na arte dos anos 80; presente tanto no deslizar dos pincéis à procura da liberação dos sentimentos quanto no mexer do corpo do artista mais do que nunca em destaque. Espaço! Super valorizado, quando a criação sai da bidimensionalidade da tela para se expandir em outras dimensões. Liberdade! Total, para que nessa década não mais existissem normas, estilos ou escolas, tida como aceita, qualquer forma de expressão. As performances, Instalações e o Vídeo, unidos às tintas, ditaram uma nova linguagem, onde os mitos do passado são revisitados, numa busca de solidificar a efemeridade de uma época tão apoteótica.

A chamada Pós-Modernidade eliminou a distância entre o público e a arte, desmitificando-a e trazendo o espectador para dentro dos processos criativos. A agonia do homem no seu mundo e sua necessidade de expansão é a característica da Geração 80, que incorpora uma contempo-



Arte de Christo: ilhotas cercadas de plástico

raneidade muito grande, mas também muito vazio, causado como fala Jayro Schmidt, artista plástico catarinense, “pela saída de um tempo onde tudo era nomeado e agora estamos à deriva. Se não é moderno, o que é?” Ele diz que o valor mais importante do pós é a sincronia, a releitura que faz do tempo, utilizando o presente para criar uma arte

comprometida com o futuro. Ambigüidades e ambivalências que se expressam também através do humor, outra marca da década, embasado principalmente numa crítica ao seu próprio meio. O Grafite foi a técnica que mais uso fez do humor.

O Pós é acima de tudo a conquista do espaço. As performances e Instalações são

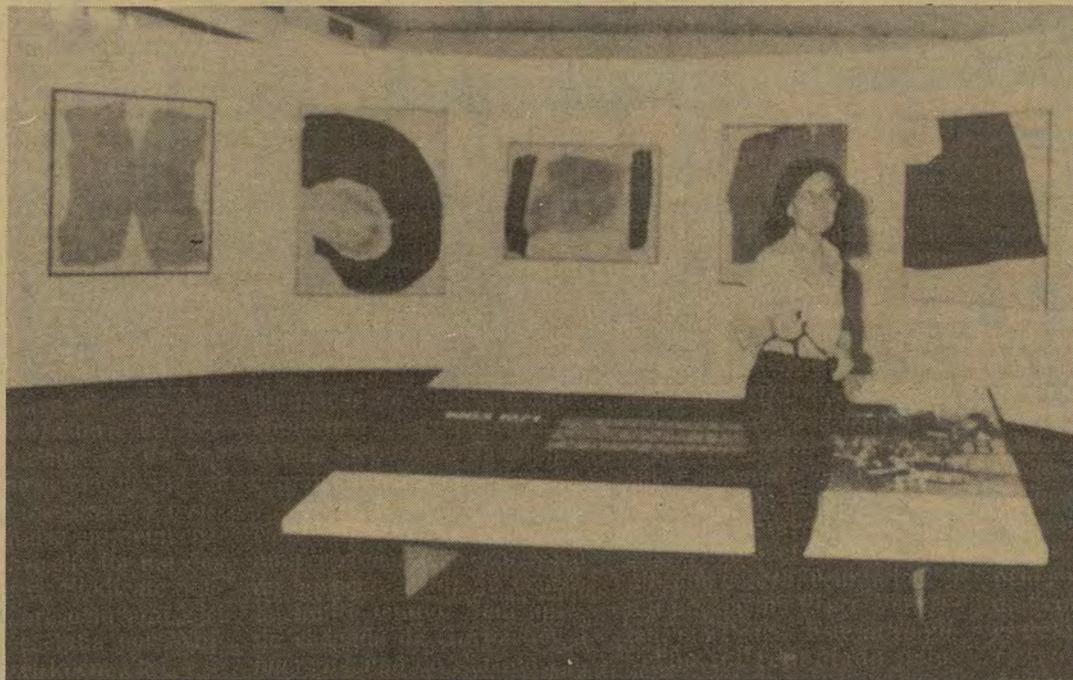
Wolfgang Volz/Photo

crias dos anos 80, a primeira originada nos antigos Happenings comuns em 60/70, mas com a diferença que passaram a ter um roteiro e a evitar o circunstancial, o que causou a perda do acaso de antes. O corpo do artista vira matéria de ação da arte e se transforma numa obra, em união com a linguagem teatral. Já as Instalações são quase que um novo tipo de escultura, que utiliza materiais alternativos, como pneus ou plásticos, e geralmente têm uma proposta simbólica.

É o contato do espectador e a obra, quando a própria pessoa que a vê pode também entrar e interferir nela.

Então esta foi uma década do domínio da abstração e da revalorização do passado. Entre os acontecimentos de destaque, grandes exposições de mestres internacionais que vieram ao Brasil: Picasso, considerado um dos maiores gênios da pintura moderna teve 360 gravuras expostas no MASP e no Paço Imperial do Rio de Janeiro, onde mais de 300 mil pessoas visitaram a exposição, em 1986, 188 obras do pintor Catalão Salvador Dalí, morto em 89, foram vistas por 70 mil pessoas no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1987, entre outros.

A valorização dos preços da obra de arte é outra característica forte da década. Quadros do expressionista Van Gogh, por exemplo, chegaram a ser vendidos por milhões de dólares.



Tomie Ohtake: unanimidade e excelência

Veja

No Brasil, Tomie Ohtake é hoje uma das maiores expoentes. Nascida no Japão, há 76 anos, causou controvérsias com sua escultura de ferro em forma de um polvo amarelo que pôs no meio da Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro. Pinta quadros abstratos onde utiliza um mínimo de formas e cores para chegar à maior expressão de um sentimento.

A arte de Santa Catarina se expandiu nacionalmente consagrando-se como de tanta qualidade à feita no resto do país. As Oficinas de Arte do Centro Integrado de Cultura (CIC) abriram novos caminhos para que os artistas do Estado pudessem se firmar. Acabou a distância entre a arte realizada na Capital e no Interior, unindo-se talentos no intercâmbio de conhecimentos. Em destaque, Juan Carlos Doyle (Manolo), um pintor argentino radicado na ilha que tem uma criação forte, transmitindo nas suas telas, sempre grandes, a sua própria personalidade inquieta e contestadora. Fernando Lindote, com seu abstrato simplificado e suas instalações. O Grupo Atmosfera também teve bons momentos, sendo suas obras exemplos onde o público é peça fundamental na composição. Pode-se citar também Rubens Oestrogen, que surpreendeu ao chegar de Berlin após 5 anos de estudo. Trouxe na bagagem quadros bastante pessoais influenciados pelo Expressionismo Abstrato Alemão. Na performance o Grupo Guará, que levou suas loucuras a todos os acontecimentos artísticos de Florianópolis. Os já consagrados continuaram o seu reinado, possivelmente mais aceitos do que nunca pelo público. Entre eles Jayro Schmidt, Rodrigo de Haro, Meyer Filho e Eli Heil.

Não se pode esquecer ainda da fotografia brasileira que destacou-se pelo valor e qualidade equiparando-se a estrangeira. Nossos fotógrafos foram reconhecidos internacionalmente e chamados para trabalhar em outros países. Sebastião Salgado fotografou a Etiópia, que expôs na Europa e Estados Unidos. Klaus Miteldorf, convidado, fez a capa da revista Photo, edição francesa considerada uma das melhores revistas de fotografia do mundo.

Marta Moritz

Quadrinhos inovam e são revalorizados nos anos 80

Se você ainda não viu, corra até a banca

O gato rola escadaria abaixo. O ratinho colocou bolinhas de gude na escada. O gato ainda rolando, não consegue fazer a curva, passa pela vidraca e splotch! Abre uma cratera na calçada. O ratinho, que já esperava lá embaixo, cai na risada. Bom, até aí tudo como num bom e velho Tom & Jerry. Mas surge o que diferencia o velho e o novo jeito. De repente o gato sai do buraco, pega o ratinho e strok!

Massimo Mattioli fez assim, surpreendentemente óbvio, o final de uma HQ (Squeak, the mouse em "The big game") que tem o elemento norteador das histórias em quadrinhos dos anos 80: a surpresa.

O cotidiano urbano está no quadrinho com suas crises, contradições, angústias e sentimentos; como também há humor, ficção, e sempre presente, o inesperado. A surpresa que podemos ter em cada esquina ou a cada nova página.

Com a vantagem de escolher o tamanho e o formato da tela, a década de 80 trouxe para o quadrinho cores, texturas e um enquadramento cinematográficos. Sexo, drogas & rock'n'roll são incluídos na nova arte underground que mais parece um concurso para ver quem dá o maior choque no leitor.

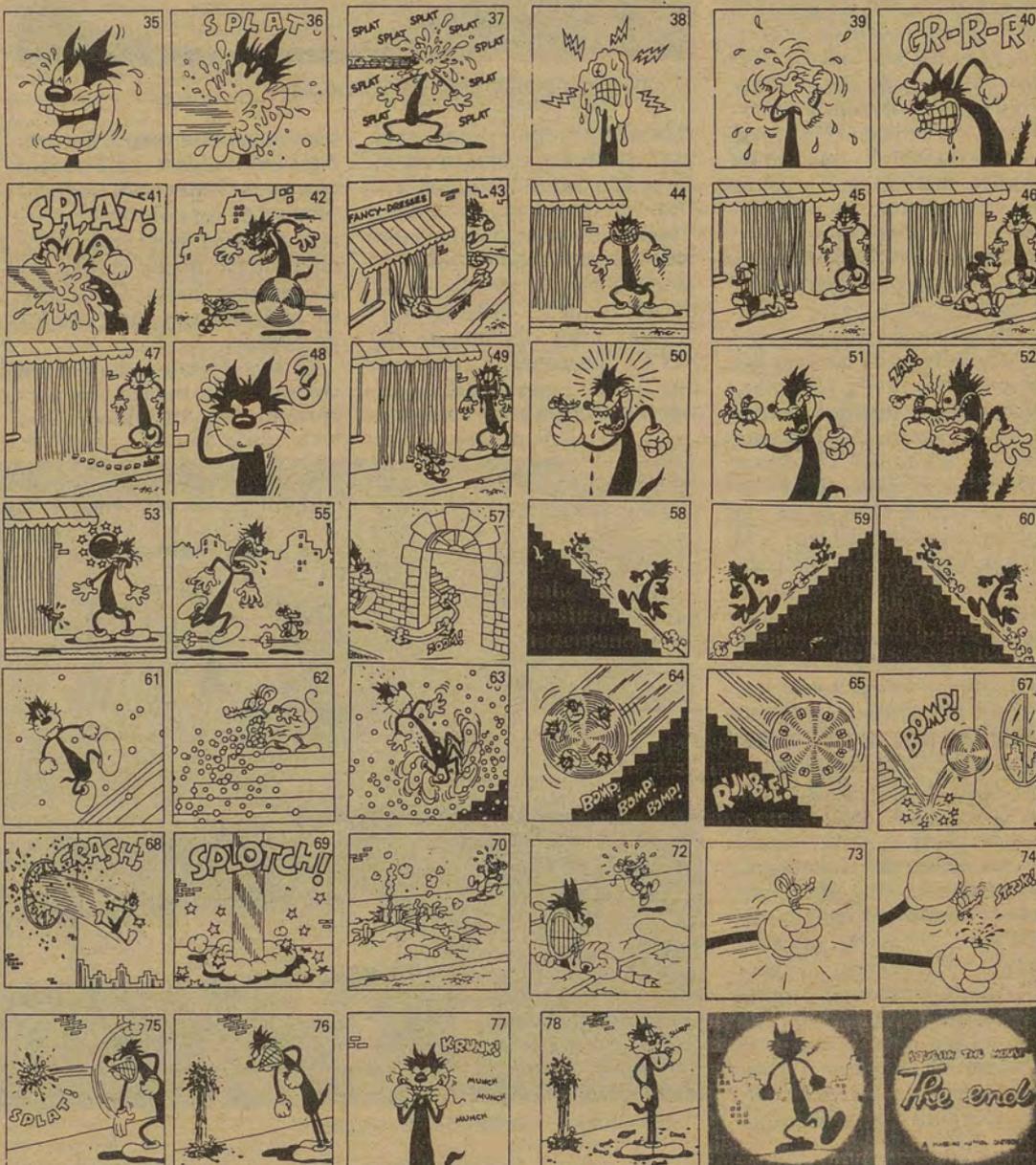
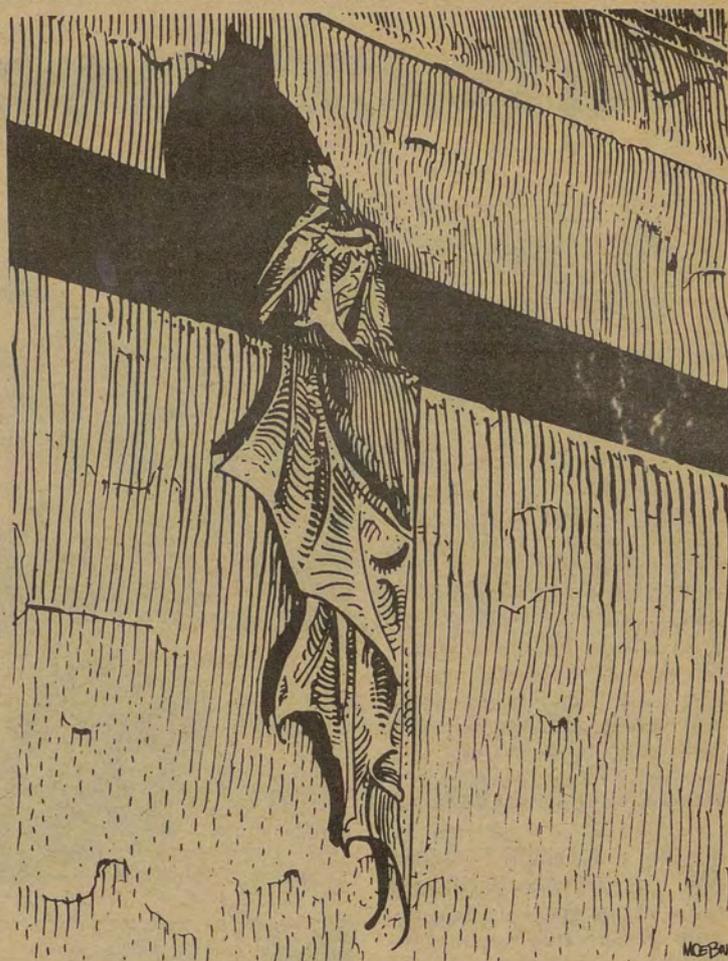
Frank Miller surpreendeu o mundo dos bat-leitores com uma série chamada Cavaleiro das Trevas onde torna muito mais atraente o velho e desgastado morcego de Gotham City, dando-lhe traços mais humanos e alguma vulnerabilidade. Batman agora entra em crise como qualquer um de nós e até mesmo chega a fraquejar diante de um desafio. Dele nesta nova versão, sai sangue, suor e quem sabe, talvez até lágrimas. Serviu inclusive de inspiração para o filme. Mas nem só de gringos vive a HQ. Aqui tem Angeli (Chiclete com banana), Glauco (Geraldão), Laerte (Os piratas do Tietê), Fernando Gonzales (Níquel Náusea), Spacca, Newton Food, Marcatti, Luiz Gustavo e um monte de feras como Luiz Gê (Presidente Reis) que está "dando" curso na Europa.

Uma publicação nacional que merece destaque nos que-

sitos novidade e surpresa chama-se "Animal". Ela apresentou ao Brasil um personagem, de Tamburini — que morreu de overdose — e Liberatore, causador de impacto imediato na Europa. Um andróide, Ranxerox, no meio duma metrópole decadente. Lá há crianças viciadas em heroína, o sadomasoquismo é um padrão de sexualidade e a violência urbana atinge níveis extremos. As cores são fortes e a luz é intensa. A modernidade transborda.

O negócio é mergulhar nela e deixar a trilha sonora por conta da imaginação.

Frank Maia



Andróide Ranxerox de Tamburini e Liberatore

Cinema se salva no consumismo

Público assiste a aventuras nas superproduções

Termina a década do sonho e os anos 70 chegam em clima de marasmo. Hollywood já não era a mesma: cadê os estrondosos sucessos de bilheteria que marcaram os anos dourados dos musicais da Columbia? No início da década de 80, o filme que garantia a pole position no ranking das bilheterias ainda era Tubarão (1977) com 12.822.000 espectadores. O fastio desses anos de inércia deixaram preocupados os produtores da maior fábrica de sonhos do século: o que a próxima década estaria nos reservando?

Boom! Esqueçam os apáticos anos 70: reciclagem dos hippies que vinham se preparando para serem Yuppies. O que viria a seguir seria conhecida por "Era dos cifrões", encabeçada pelo pequeno grande homem, Steven Spielberg. Em 1982, o diretor de Tubarão e Contatos Imediatos do 3º grau acerta em cheio ao apostar no filão dos filmes de ficção-comédia-sentimental — para crianças com o lançamento de E. T., o extraterrestre. O filme narra a trajetória de um monstinho de olhos grandes e coração incandescente, achado por um menino que o protege (para levá-lo de volta ao seu planeta de origem) dos adultos, seres insensíveis e egoístas. Este enredo, apoiado pela superprodução da Industrial, Light and Magic (responsável pelos efeitos especiais) e um sistema de marketing só visto novamente com o lançamento de Batman este ano, renderam horrores aos estúdios revitalizados sob a perspectiva de mais filmes como E.T.

Do dr. Sucesso, Steven Spielberg, Hollywood ainda pôde sorrir (gargalhar seria o melhor termo) com Gremlins (85) De Volta para o Futuro (85), Poltergeist (81), O Império do Sul (87), o sisudo A Cor Púrpura (88), e o melhor de todos (mais US\$) a trilogia Indiana Jones. Inaugu-

rada em 1981 com Os Caçadores da Arca Perdida, a série prosseguiu com Indiana Jones no Templo da Perdição (84) e o derradeiro Indiana Jones e a Última Cruzada (89), que na primeira semana bateu seguidos recordes de bilheteria (só vencido novamente com o lançamento de Batman no mês seguinte). Na última sequência da série, Harrison Ford, o mocinho-arqueólogo-símbolo sexual pós sua popularidade em xequê ao disputar com o ex-agente 007, Sean Connery, a simpatia do público. Vivendo o papel de pai do mocinho, Sean Connery mostra, apesar de seus 60 anos, por que é considerado o melhor dos 007: "My name? Bond, James Bond".

1989 chega como quem não quer nada e simplesmente lança Batman, o maior fenômeno de bilheteria de todos os tempos. Num esquema nunca visto antes pelos pobres mortais, meses antes de sua estréia no Brasil, nossas vitrines ficaram infestadas de adesivos, mochilas, tênis, meias, camisetas, jogos de lençol, cortinas, bonés, chaveiros e o diabo a quatro com o emblema do homem morcego. O diretor Tim Burton, que conseguiu orçamento para o filme depois do êxito de "Os Fantasmas se divertem", seu longa de estréia, construiu um Batman solitário (sem seu bat-companheiro, Robin, o garoto prodígio), solitário, baixinho e magricela (protestos dos fãs não faltaram quanto à escolha de Michael Keaton). Mesmo assim, o filme, que mais deveria se chamar "Coringa" (Jack Nickolson na pele do arqui-inimigo, magistralmente, rouba as melhores cenas), consegue resuscitar a imagem do super-herói mais humano, e mais rentável.

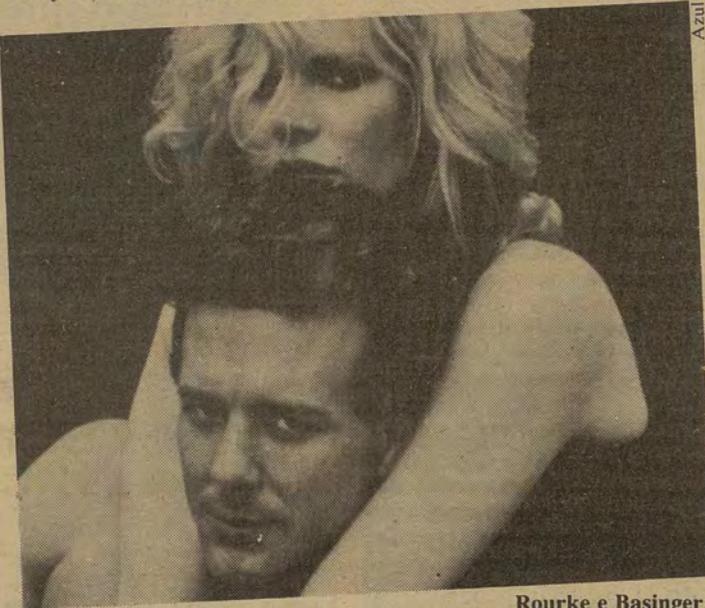
Cult-Money

Mas nem só de monstinhos e monstregos vivem as bilheterias do mercado cinematográfico. A década de 80 também foi marcada pela proliferação dos cult-movies, filmes venerados pelos críticos e cinéfilos como um verdadeiro culto. Estas fitas fogem aos corriqueiros temas dos sucess makers de Hollywood, e por esta razão, dificilmente são sucessos de bilheteria. Nessa galeria estão Veludo Azul de David Lynch (86), o francês Betty Blue de Jean Jacques Beineix (86), Down by Law de Jim Jarmush (86), Arizona Nunca Mais dos irmãos Cohen (87), Totalmente Selvagem de Jonathan Demme (86), O Selvagem da Motocicleta de Francis Ford Coppola (84) e finalmente Paris, Texas de Wim Wenders, Palma de Ouro em Cannes, 1984.

Porém o mais cult dos cult movies, Blade Runner de Ridley Scott é uma exceção à regra dos filmes aclamados pela crítica e ignorados pelo grande público. Lançado em 1983, Blade Runner nunca saiu de cartaz de alguns dos maiores cinemas do mundo como o Royal de Paris. O enredo do filme nos remete a uma Los



Betty Blue: Beatrice Dale estréia em um cult-movie



Rourke e Basinger: o tórrido 9 1/2 semanas...

Angeles do ano de 2020, decorada constantemente por uma chuva de ácido, num cenário futurista a la Metrópolis (outro cult movie realizado em 1938 pelo alemão Fritz Lang). A superpopulação da cidade é ameaçada por andróides, robôs feitos a imagem e semelhança do homem, mas desprovidos de sentimentos. Aqui, Harrison Ford ataca de policial Blade Runner (caçador de andróides) que cai de quatro por uma das replicantes. Sua trilha sonora já foi usada em propaganda de sabonete, loja de decoração, campanha eleitoral e tema da novela da TV Pirata, Fogo no Rabo. O diretor Ridley Scott, tem ainda em seu currículo Alien, o 8º passageiro e sua continuação, Alien, o resgate. Mesmo sendo bons filmes, não conseguiram repetir o êxito de Blade Runner. Como diziam as vovós: "Um raio nunca cai novamente

no mesmo lugar".

Ainda na rasteira dos cult-movies, surge um azarão: Nove Semanas e meia de Amor, do publicitário Adrian Lyne. Os filmes deste diretor sempre primaram pela beleza plástica e falta de conteúdo (vide Flashdance e Atração Fatal) e Nove Semanas não difere em nada destes. Há porém um trunfo que nem Adrian Lyne suspeitava: Mickey Rourke e Kim Basinger, que posteriormente voltariam a brilhar, ele em Coração Satânico e ela em Batman. Em cartaz na sala de cinema Belas Artes de São Paulo desde que foi lançado em 1986, Nove Semanas... conta uma história de amor (!) sado-masoquista entre um executivo de Wall Street e uma marchand que ainda hoje molha muita calcinha por aí. Para um desprentensioso cult-pornô, nada mal.

O último a repetir a façanha

é o belíssimo A Insustentável Leveza do Ser de Philip Kaufman (89), do best-seller homônimo de Milan Kundera. O romance, que no Brasil já vendeu 390 mil exemplares, chega agora na 60ª edição, o que só aumentou as expectativas dos distribuidores da versão cinematográfica no Brasil. Em São Paulo, A Insustentável Leveza do Ser chega a sua vigésima semana em cartaz. A história critica a sociedade kitsch da Tchecoslováquia no final da década de 60 (plena primavera de Praga), através do triângulo amoroso menina ingênuo-homem cobiçado-mulher experiente. Sem ser kitsch, o filme emociona e rende dividendos.

TERROR

Quase beirando os filmes classe B, houve quem apostasse no gênero terror-comédia para salvar o seu nessa década, no mínimo, eclética. Em 1985 inaugurou a "espantomania" com o lançamento de "A Hora do Espanto" de Tom Holland, onde um vampiro boa pinta aterroriza seu vizinho e mocinho, e ainda por cima rouba sua namorada. Além do inevitável "A Hora do Espanto II", vieram "A Hora do Lobisomen", "A Hora de Freddy Kruegger, ops, do Pesadelo I, II, III, IV e V; as continuações de Sexta-Feira 13 V, VI, VII e VIII (muito sangue e pouca graça), Os Caçafantasmas I e II; A Volta dos Mortos-Vivos; Os fantasmas se divertem e por aí vai (ufa!).

E como sangue parece dar lucro, os filmes de violência também marcaram presença, tendo como Top Models os truculentos Arnold Swarzenegger e Sylvester Stallone (o garanhão silvestre, ui, ui). Atuando não só como o protagonista de seus filmes, mas também como produtor e roteirista, Sylvester Stallone fez de First Blood (o Rambo I) e Rocky, o lutador, que são bons filmes, apenas o mero ponto de partida para a busca por mais dinheiro. Em sua cola vieram Rambo II e III, Rocky II, III e IV e o intragável Cobra (85), história de um policial (Stallone) semi-mudo: ele solta 16 frases entre tiros de metralhadora e escopeta durante os 90 minutos de celulóide. Em 1986, Mr. Stallone ganhou o prêmio "Homem do Ano" pela realização de Rocky IV e Rambo II por colonistas sociais de Nova York. Enquanto o garanhão engolia 6 ovos diante da platéia perplexa, sua mulher e vilã de Rocky IV, Brigitte Nielsen fugia com a secretária... Coisas de Hollywood.

Para a década que finda, nada mais há a dizer do que um singelo adeus, sem rancores. Hollywood, quando menos se espera, "levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima" e quem viver verá. Au revoir, les enfants, e durmam tranquilos, a fábrica dos sonhos não fechará tão facilmente.

Renata Rosa



E.T.: apelo infantil

Som descartável invade anos 80

Pouco sobrou da avalanche de grupos pop

Final da década de setenta, a febre no Brasil era dançar "Zacoteque" nas boates entupidas de boys imitando o John Travolta and girls balançando em cima das suas sandálias de tira com meias coloridas. Enquanto isso, na Europa o movimento punk efervescia, com Johnny Rotten dos Sex Pistols literalmente vomitando inconformismo contra o sistema. Logo os ecos do punk europeu ressoaram na "Terra Brasilis", e no começo da década de oitenta, se inicia a virada do rock nacional.

Trinta às depois de Elvis, o rock finalmente bateu na porta de um país onde seus menestréis já não conseguiam empolgar nem o mais fervoroso fã. Caetano, Gil, Chico..., marcavam passo na produção, se repetindo a cada disco. E toda a ansiedade de uma geração não podia se resumir em míseros "embalos de sábado à noite". E foi nos porões das grandes capitais que se ouviu primeiro os acordes distorcidos do cataclisma punk. Em São Paulo, os Inocentes e Cólera foram as bandas pioneiras do movimento no país. Mas não foi somente o punk responsável pela ascensão do rock nacional.

Em 1981, a rede Globo tentou reeditar, sem sucesso, os agitadíssimos festivais da década de sessenta, promovendo o MPB-Shell. Entre as concorrentes estava "Perdidos na Selva", da Gang 90 & Absurdetes, que despertou a atenção dos disc-jockeys da época, pela sua batida new wave.



Inocentes: consciência corrosiva

desconhecida no Brasil até aquele momento. "Eu e minha gata rolando na relva/Rolava de tudo...", as rádios FM foram invadidas pela Gang 90, que conseguia calar alguns hits de grupos veteranos de Rock Mega Brega, como Rádio Táxi e o Herva Doce.

Chegava a hora da revolução, e em 1982, a Blitz soube aproveitar o momento. Com uma apresentação no Circo Voador no Rio de Janeiro, e um compacto executado em primeira mão pela alternativa FM Fluminense, o estouro da Blitz se tornou evidente. "Você não Soube me Amar", vendeu 600 mil cópias, e abriu a temporada de caça das gravadoras às novas bandas.

O Rio de Janeiro foi o primeiro "garimpo" a ser explorado. De lá saiu o Kid Abelha e os Abóboras Selvagens, que graças aos maciços investimentos das gravadoras, emplacou o hit "Pintura Íntima". Pelo pop new wave se fazia de tudo, e o descartável Ritchie invadiu o Brasil com sua "Menina Veneno", em 83. No mesmo ano surge Lulu



Sepultura: sucesso internacional

Santos e a surfística "Como Uma Onda".

As bandas de São Paulo só foram reconhecidas nacionalmente em 1984. "Sou Boy", do Magazine é o primeiro sucesso paulista a tocar nas rádios de todo o país. Na época, bandas como o Ira e Ultraje a Rigor eram citados constantemente na mídia impressa. No embalo pré-Diretas Já, o Ultraje grava "Inútil" e conquista a crítica, e com o LP "Nós Vamos Invadir Sua Praia" conquista o cenário nacional. As danceterias não paravam de tocar "Loiras Geladas" do RPM.

O espaço estava definitivamente conquistado, e a indústria fonográfica investia cada vez mais. O rock chega ao cinema com "Bete Balanço", que consagra definitivamente o Barão Vermelho. No rádio, os oito Titãs emplacam a sua "Sonifera Ilha", e "Será" do Legião Urbana, desloca o rock do eixo Rio-São Paulo para Brasília. O Capital Inicial e a Plebe Rude embarcam no sucesso do Legião e garan-



Ultraje: linear



Cazuza: testamento

Em 87, as gravadoras descobrem o potencial das bandas gaúchas, com destaque para os Engenheiros do Hawaii, os Replicantes e o De Falla. Paradoxalmente, toda a abertura de possibilidades de 87 correspondeu a um estreitamento do mercado. Nas rádios, cada vez menos hits roqueiros sobrevivem a uma programação onde o brega passa a predominar com as Rosanas da vida. E no geral, o ano só confirmou sucessos de bandas que já haviam se firmado.

Nos anos finais da década, aconteceu o esperado, uma reciclagem onde só aqueles que tinham uma proposta, sobreviveram. Cazuza, Lobão e Marina em carreiras solo. Titãs, que com seu último vinil, O Blésq Blom, se firma como a maior expressão do rock nacional. O Legião Urbana, que tem em Renato Russo toda a aridez de sua poesia configurada. Os Paralamas do Sucesso, investindo cada vez mais na africanidade. E fora do grande público, mas com espaço garantido junto aos fãs cativos, O Gueto, Engenheiros do Hawaii, Fellini, Ira! E o Barão Vermelho. Outro bom destaque, é a banda mineira de trash metal, Sepultura, que em 1989 teve seu terceiro LP, "Beneath the Remains", lançado simultaneamente nos EUA e Europa.

A espera foi longa mas valeu a pena, hoje a história musical brasileira já se mistura com a história do rock. A década de oitenta comprovou que há espaço para todos os gostos, tendências e tribos. Das infinitas bandas de rock que surgiram, só restaram as que realmente tinham algo a dizer, e os grupelhos certamente estão agora aprendendo a tocar lambada.

Textos
Romir Rocha

Rock grita para calar a fome

As pedras ainda rolam pois quem cala, consente

“Mudar o mundo”, este velho lema do rock continuou em alta nos anos 80, só que modificado por uma capacidade maior de mobilização de platéias gigantescas em torno de causas mais humanitárias do que propriamente políticas. Em 10 anos, a música pop internacional fez muito mais pela fome do que os próprios governantes. Quem pensava que o idealismo contestatório do rock tinha acabado com sua era industrial, se enganou profundamente.

A partir de 80, começou a se concretizar o encontro do espírito benéfico com o estado de espírito de uma geração. Então, no natal de 84 o cantor inglês Bob Geldof, líder da extinta banda Bötown Rats, decidiu reunir um grupo de artistas pra gravar um compacto com renda destinada à vítimas da fome na Etiópia. Entre os inúmeros artistas que participaram estavam Boy George e Sting, que sob a legenda “Band Aid”, expressão inglesa que significa ajuda, lançaram a música “Do they Know it's Christmas Time” (Faça eles saberem que é Natal). Logo o compacto entrou para o “hit parade” internacional, e Bob Geldof decidiu realizar em 85 o multimilionário espetáculo “Live Aid”. Foram dois concertos realizados simultaneamente em Londres (Inglaterra) e na Filadélfia (Estados Unidos). Entre as atrações estavam: David Bowie, Paul McCartney, Lionel Richie, Sting, os grupos U2, Dire Straits, Queen, The Who, e até o Led Zeppelin com Phil Collins na bateria.

Com o sucesso obtido pelo “Live Aid”, o próximo passo de Bob Geldof foi reunir mais de vinte super estrelas pop para gravarem a canção “We are the World” (Nós Somos o Mundo), composta por Michael Jackson e Lionel Ritchie. A música estourou em todo o mundo, por todos os cantos do planeta ecoou a peculiaríssima voz de cantor de banheiro (e não de chuveiro) de Bruce Springsteen. Juntos, o “Live Aid” e o compacto “We are the World”, arrecadaram 140 milhões de dólares e Bob Geldof chegou a ser in-



Geldof: salto de um obscuro grupo pop ao Nobel

dicado para o prêmio Nobel da paz.

Mas nem só de caridade viveu a música nos anos 80. O papel político também esteve presente no moderno pop internacional. Quando no início da década, a ONU decretou a política de boicote cultural à África do Sul, vários artistas começaram a gravar músicas contra o regime do “apartheid”. Em 85, incentivados pelo sucesso de “We are the World”, Bob Dylan, Bono Vox (U2), Bruce Springsteen, Lou Reed, Jimmy Cliff e Afrika Bambaata, gravaram “Nós não vamos tocar em Sun City”. Em junho de 88, a aliança de artistas ingleses “Artists Against Apartheid”, organizou em Londres um concerto em homenagem ao 70º aniversário de Nelson Mandela, com Stevie Wonder, Harry Belafonte, Tracy Chapman, Peter Gabriel e outros. Setenta e duas mil pessoas pagaram ingresso para assistir o show, que foi televisionado para 63 países.

Desde 79, Pete Townshend (The Who), Sting, Phil Collins e Bob Geldof, já estavam engajados na luta pelos direitos



Tracy: com a Anistia

humanos. Em 86, o aniversário da Anistia Internacional - organização criada em 61 para defender os direitos humanos juntos aos governos — foi marcado pela turnê nos EUA: “Conspiracy of Hope” (Conspiração da Esperança). Em 88, a Anistia promoveu uma turnê mundial para comemorar o 40º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, com Sting, Peter Gabriel, Bruce Springsteen, Tracy Chapman e Youssou N’Dour. Desta vez, o Brasil entrou no roteiro, e a platéia que foi no estádio do Pacaembu em São Paulo, aplaudiu de pé



Concerto por Mandela: grito para 63 países



U2: presença constante em atos políticos



Bruce e Sting: engajados também pelos Direitos Humanos

(mesmo porque não havia cadeiras no gramado), a mais nova dupla multimídia Sting & Raoni.

A última investida do rock benéfico na década foi dada por John Dee, que fundou em 1989 o projeto “Life Aid Armenia”. A organização gravou o disco “O Rock Ajuda a Armênia”, com renda destinada à reconstrução das zonas atingidas pelo terremoto de dezembro de 1988 na URSS. O projeto pretende ainda lançar em 90, um LP e um vídeo com a participação de vários grupos.

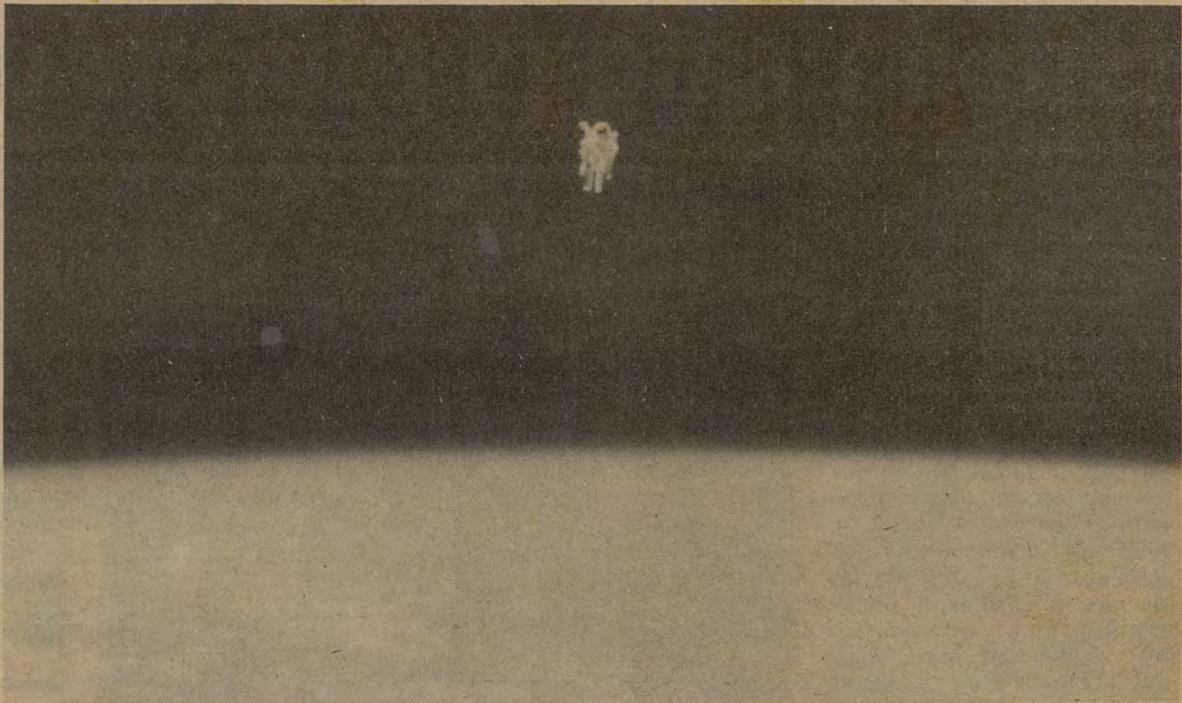
Desde quando foram dados os primeiros acordes de rock’n’roll nos anos 50, o protesto sempre esteve presente. Nos anos 80, o pop conseguiu provar que algo pode ser feito, que a moderna indústria da música pode contribuir para uma conscientização político-social. No final desta década, ficou mais uma vez comprovado que o rock certamente não é um “rebelde sem Causa”.

Romir Rocha



Paris Match

Outra vítima do descaso



NASA

Primeiro passeio autônomo pelo espaço (84)

IMAGENS 80-89



Frank Fournier—Contact/Photo

Colômbia (85): a agonia de Omayra Sanchez, vítima do vulcão Armero



Stuart Franklin—Magnum/Time

China (89): o corajoso cidadão desafia a tropa



Contact/Photo



I. Dester Lunda Blue—Gamma/IsroE-Senhor

O homem vai ao espaço mas não detém a guerra química entre Irã e Iraque

Aids: a epidemia ainda incurável que mata milhares